P. Américo Teixeira

Memórias De Cossourado

P. AMÉRICO TEIXEIRA

Memórias de Cossourado

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 27880

Barcelos
Perm.

BRAGA
1968

27880

Sem pretenções literárias para que nunca tive talento, jeito nem feitio e sem intuitos interesseiros ou laudatícios, receando antes danos e prejuizos, desdens e maledicências, na firme convicção de não agradar a gregos nem a troianos, um só fim tive em vista ao escrever estas Memórias — a exposição clara e serena da verdade e a sua defesa tenaz e inflexível.

Chamado pela primeira vez à barra do Tribunal, cuja missão é fazer justiça e, para isso, procurar por todos os meios descobrir e conhecer toda a verdade, tanta baixeza e desfaçatez num só processo contra mim intentado. Já com mais de sessenta anos nunca vi nem supuz semilhante mistificação.

Foi por isso que, ao ter dela conhecimento, pela intimação judicial para a reposição da chave da capela, não tive mão em mim e, salvo o devido respeito pelo Meritíssimo Juiz e seus enviados, manifestei logo por escrito, na mesma notificação, a mais profunda indignação e veemente protesto contra tão grande e flagrante injustiça.

Julguei, todavia, que durante o julgamento tudo ficaria esclarecido e a verdade reposta no seu devido lugar. Infelizmente tal não sucedeu por culpa do nosso advogado, incúria nossa, ou ambas conjuntamente e mais ainda pela propaganda intensa e sistemática dos nossos contrários e pela sua habilidade em inventar ou negar, ampliar ou deturpar, disfarçar ou denegrir os factos, conforme os seus interesses e conveniências.

No meio de tal embrulhada e confusão pareceu-nos prudente e até vantajoso aceitar a transacção que nos foi proposta, mesmo com todos os defeitos e inconveniências. Mas a verdade tem seus direitos e não pode ficar oculta e obscurecida para sempre e, pior ainda, suplantada e substituida pelo erro e pela mentira. Sou talvez demasiado longo e minucioso, severo e duro, mas prefiro tudo a deixar a mais pequena partícula de verdade por desvendar ou a mínima dúvida por desfazer.

Quando tudo estava pronto a entrar no prelo, tive a tentação ou veleidade de fazer e publicar uma pequenina história de Cossourado, por tudo isto fazer parte dela e nos oferecer muita luz e bons elementos. Mas os anos iam passando velozmente e eu sem nada investigar. Tive de reconhecer incompetência para tão altas cavalarias e limitar-me ao meu tema inicial.

Estava nesta determinação e envergonhado de mim mesmo por ter pensado nisso e mais ainda por o ter manifestado, quando me encontrei em Barcelos com o Snr. Dr. José Luís Ferreira e lhe respondi peremptório que o meu trabalho, a publicar brevemente, tratava só da capela e questão de Cadavosa e não da História de Cossourado.

Ao rever, porém, todos os meus apontamentos, pareceu-me que os refe-

rentes a Cossourado, mesmo assim imperfeitos e incompletos, podiam um dia servir de achega ou pelo menos de pretexto e encorajamento à publicação da sua História por alguêm mais capaz e competente e, sobretudo, de salutar e reconfortante edificação para todos os Cossouradenses, ao conhecerem um bocadinho da origem da sua freguesia e das grandes virtudes e excelentes qualidades dos seus antepassados.

Estas são as principais causas ou razões do seu aparecimento e publicação e o seu nome — «Memórias de Cossourado» — é em homenagem, gratidão e respeito às «Memórias Paroquiais de Cossourado», conservadas na Torre do Tombo, que tanta luz e conforto nos trauxeram e, por isso, nelas ficarão integradas para conhecimento e edificação de todos.

Dividem-se estas «Memórias de Cossourado» em quatro partes ou capítulos — Cossourado nos seus primordios, Cossourado até ao século XV, Cossourado do século XV ao século XX, conseguindo o seu maior apogeu religioso em fins do século XIX com o Senhor Prior Francisco José da Silva Rosa e Cossourado no século XX com os seus grandes melhoramentos devidos ao Estado Novo por intermédio do seu filho mais ilustre e benemérito, Dr. José Luís Ferreira.

De todas as múltiplas e proveitosas lições a tirar e aprender destas Memórias de Cossourado quero destacar a que ficou registada para sempre na História da Igreja em Portugal pelo Senhor P.e Miguel de Oliveira: — «Vivendo entre o povo e ligado a ele por íntimas relações em virtude do seu ministério, com a queda visigótica o abade tornou-se o centro de gravidade desses pequenos núcleos de população; não os deixando desunir, foi transformado pouco a pouco a antiga unidade agrária na nova freguesia».

Pela união íntima e indestrutível do Pároco com os seus paroquianos e destes com o seu Pároco, puderam resistir aos embates dos bárbaros e dominar e vencer todos os reveses e dificuldades de vida e conseguir ainda a formação da sua nova freguesia e a sua sobrevivência através dos séculos, até atingir a sua maior vitalidade, perfeição e esplendor com o Senhor Prior Francisco José da Silva Rosa. Da desunião resultou a decadência, cada vez mais acentuada, da freguesia com toda essa enorme avalanche de males e desgraças que a encheram de desordem, confusão e vergonha e muito afectaram e comprometeram toda a sua vida religiosa e civil.

Só depois de renovada e refeita essa união, foi possível a reabertura da igreja, o rejuvenescimento e paz espiritual da freguesia e finalmente a defesa da capelinha de Santa Maria da Cadavosa.

Se soubermos estudar e compreender, aproveitar e aprender esta bela e profícua lição, para a praticarmos e vivermos em cheio pela vida fora, dar-me-ei por bem recompensado e por muito feliz e satisfeito de todo o tempo gasto e trabalho despendido.

Cossourado, 2 de Julho — Visitação de N. Senhora — de 1968.

P.e AMÉRICO TEIXEIRA

Foi pároco de Cossourado, até cerca de 1971-72 Natural de Póvoa de Cerveira.

Cossourado nos seus primórdios

SEU NOME E SUA ORIGEM

O Senhor Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, mestre consumado e autoridade reconhecida nestes assuntos, diz que Cossourado deriva de Cossoiro, que era um volante, quasi sempre de barro, aplicado à parte inferior do fuso para o fazer girar mais fácil e velozmente e, por isso, anda sempre ligado a montes onde há antiguàlhas. É que nesses montes houve castros, antigas povoações fortificadas, e, como a indústria dos tecidos e, portanto, a fiação era a principal daqueles tempos, havia por lá depois muitos cossoiros e começaram a chamar-lhe o monte dos cossoiros ou monte cossoirato ou cossoirado.

De facto, como ele mesmo afirma e se contém na tese de doutoramento — «O Bispo D. Pedro e a reorganização da Diocese de Braga» do Sr. Dr. Avelino de Jesus Costa, professor da Universidade de Coimbra e especialista nesta matéria, o nosso monte aparece com esse nome em alguns documentos do século XI e deles se depreende que já vem pelo menos do século X. A pág. 172 do seu primeiro volume encontra-se o seguinte: — «Cossourado (Cosoirado, Cossoirado, Cossoyrato) m. c. Barcelos». Mais abaixo continua: — «Cossourado (freg. n.º 400).

Entre 1064 e 1709, venderam-se diversos bens «in villa goterre a radice mons Cossoirado ripa Nevia território Bracara» a qual ficava junto de «illa Pousada a radice mons Cossoirado». Pousada é lugar desta freguesia, o qual como parte dos bens eram herdados dos avós, já existia no século X — «que habeo de aviorum meorum in villa Goterre» ou «que habemus de aviorum parentorum mostrorum in villa Goterre».

Como escrevo e dedico estas «Memórias de Cossourado» dum modo especial aos meus paroquianos, julgo conveniente apresentar-lhes os textos como lá se encontram — mesmo para verem como a nossa língua é filha do latim e como vem ou deriva dele — e também traduzir-lhes e explicar-lhes o seu

sentido ou significado. A primeira citação diz-nos que Cossourado aparece nesses documentos com essas diferentes formas e é uma freguesia do município e concelho de Barcelos. A segunda citação chama a nossa atenção para o n.º 400 que nos dá mais notícias da nossa freguesia, como veremos, e diz-nos que entre os anos de 1064 e 1079 venderam-se diversos bens «na vida ou herdade Goterre no sopé do monte Cossourado, em riba Neiva ou do rio Neiva, no território ou jurisdição de Braga» a qual ficava junto de «aquela Pousada no sopé do monte Cossourado».

Pousada é lugar desta freguesia, o qual como parte dos bens eram herdados dos avós, já existia no século X «que tenho dos meus avós na herdade Goterre» ou «que temos dos avós de nosso pais na herdade Goterre».

Em duas notas ao fundo diz-nos que essas citações se encontram nos documentos «Diplomata et charta, em Portugaliae Monumenta». n.os 443, 448, 499 e 574 a primeira parte; e 485 e 525 a segunda.

Portanto o lugar da Pousada e o monte Cossourado já tem esses nomes pelo menos desde o século X, mas Cossourado também não podia ser antes porque só no último quartel do século IX, em 878, os mouros foram levados de vencida até ao sul do rio Douro e só depois apareceram os cossoiros que, com o decorrer dos tempos, deram o nome ao monte.

É certo que nesse monte houve um castro de que existem ainda vestígios evidentes. Num artigo intitulado — «Sant'Iago de Cossourado», publicado no Diário do Minho de 25 de Dezembro de 1964, o Sr. Cónego Arlindo descreve-nos as suas impressões duma visita a esse monte de S. Simão de freguesia de Sant'Iago de Cossourado de Barcelos. Não encontrei aqui cossoiro nenhum nem, a bem dizer, apreciáveis exemplares de olaria característica, só um ou outro fragmento de cerâmica castreja, mas examinei muralhas, concêntricas e relativamente bem conservadas, embora encobertas pelos sedimentos que com elas formam taludes».

É essa também a tradição constante. No referido manuscrito da Torre do Tombo está escrito: — «Na volta do outeiro de S. Simão se divisam a modo de valcões e pedras bolidas e demolidas, o que alguns atribuem à fortificação dos Mouros e por uma parte tem o vestígio de brecha, que chamam a cova da serpe». Ainda hoje se conserva entre o povo a tradição de que ali habitaram os Mouros, mas, pelo visto, devem ser muito mais antigas essas construções, romanas ou ainda anteriores e pelos romanos conquistadas aos povos indígenas. Mais tarde foram conquistadas aos romanos pelos Suevos e Visigodos e finalmente a estes pelos Mouros ou Muçulmanos.

A ela se refere também o Sr. Dr. Teotónio da Fonseca, embora envolta em ridículas superstições, ao tratar desta freguesia no seu livro. «Aquem Cávado» quando escreve: — «Ainda por aqui se acredita que naquele monte estão tesouros escondidos. Não há muito que um homenzinho desta freguesia foi para ali cavar e afirma que existe lá um sino de... prata».

Também é certo que esse monte aparece com o nome de Cossoirado

nos fins do século XI, como vimos. Quando e como passaria esse nome do Monte à Igreja e freguesia? Antes disso convém perscrutar o seu passado. O Sr. Cónego Arlindo afirma que já existia no tempo romano mas com outro nome e procura desvendar esse mistério pela sua toponímia: — «O que é inscontestável, em face da toponímia ainda hoje conservada, é que no tempo dos Césares, um possessor romano, após a expugnação do povoado indígena do monte de S. Simão, aproveitando talvez, como agricultores, os populares vencidos, começou a organizar um latifúndio hoje dividido em muitas parcelas. Estabeleceu-se no Paço de palatium, cuidou do arvoredo do Souto, onde colhia castanhas e explorou madeira para as suas construções, procedeu à irrigação dos terras, mandando fazer o canal ou levada a passar em Cal, aproveitou para usos domésticos as águas de Fontela, preparou lavadoiros públicos em Levandeiras, abriu covas para determinadas árvores de fruta nas Maceiras, de matinárias, macieiras. Depois como a população fosse crescendo arroteou Agrelo ou campinho, e Quintela, onde se deve ter estabelecido um filho segundo e tratou de Reborido, onde havia abundância de carvalhos, robur em latim. Como se tudo isso não bastasse, tratou dos caminhos que ligaram as diversas partes da sua vila e fez da Corredoura artéria principal.

Assim à chegada dos Suevos e Viriatos é conservada a organização da terra. Não assim depois da desordem produzida em todo o entre Douro e Minho, após a invasão arábica. Parece até que uma família maurisca se estabeleceu em Albagada, topónimo que soa às línguas remíticas».

Deve ter havido duas gralhas em Viriatos por Visigodos e remíticos por semíticas.

Apoiados nestas deduções toponímicas do Sr. Cónego Arlindo, verificamos fàcilmente que a freguesia de Cossourado teve a sua origem neste castro que mais tarde lhe deu o nome dos seus cossoiros por intermédio do seu monte e é irmã gémea da freguesia de Santa Maria da Cadavosa.

Convertidos ao cristianismo logo nos seus primórdios, esse grande possessor romano, criador dum enorme latifúndio e cujo nome se não conhece, ou seus descendentes, sentiram necessidade de construir dois templos — um para seu uso e de seus familiares e de seus trabalhadores, dedicado a Santa Maria da Cadavosa, a dois passos do seu palácio ou paço (palatium) talvez no centro dessa granja ou exploração agrícola, onde vivia e donde partia para todos os trabalhos a respectiva brigada; outro no castro ou povação fortificada, dedicado a S. Simão. Pela conquista dos Suevos e Visigodos e sua conversão ao cristianismo, tranformaram-se em duas paróquias que viveram lado a lado e cresceram par e passo como boas irmãs gémeas até se fundirem na de Sant'Iago de Cossourado. Mas qual seria o nome da de S. Simão?

O Sr. Cónego Arlindo diz: «se não está escondido em alguma leira ou bouça das cercanias, perdeu-se para sempre». Mas talvez não. O referido manuscrito da Torre do Tombo, que acertou sempre, mesmo quando apre-

sentou os factos com a devida reserva — «e por tradição se diz... matara o Abade o dito comendador» neste ponto é peremptório: — «Esta freguesia se chama no tempo presente Cossourado e antigamente se apelidava Courado». Era, portanto, S. Simão de Courado. Irmã gémea de Santa Maria da Cadavosa, servatis servandis, deve ter corrido os mesmos perigos e sofrido as mesmas transformações e dificuldades. É, portanto ocasião de trazer para aqui o meu artigo que ocupava o primeiro lugar no meu esquema inicial:

SANTA MARIA DA CADAVOSA É MUITO ANTIGA

A origem de Santa Maria da Cadavosa e da sua igrejinha perde-se na bruma dos tempos e nas desordens e convulções do domínio muçulmano.

Na Torre do Tombo há umas memórias ou informações, escritas e assinadas em 1758 por três sacerdotes desta freguesia — Reitor Luís da Costa Teixeira, Abade Domingos Vaz e Vigário João Barbosa Machado — para o Dicionário Geográfico que não chegou a ser publicado. Do vol. N.º 12, N.º 404, pág. 2.783 consta o seguinte, concernente à nossa capelinha da Cadavosa: — «Há no distrito desta freguesia cinco capelas a saber — a de Nossa Senhora da Cadavosa que foi antigamente Paroquial Abadia, com o título de Santa Maria da Cadavosa e por tradição se conta que um abade dela (outros dizem que um ermitão) no tempo da invasão dos mouros fugira levando a imagem da Virgem Santíssima para não ser ultrajada dos infiéis e se ocultara nos montes de Bouro para as partes do Gires».

Afirma-se aí, como coisa certa e sabida, que a capela de Nossa Senhora da Cadavosa foi outrora paroquial abadia com o título de Santa Maria de Cadavosa. Pelo bensual do Bispo D. Pedro sabemos que isso aconteceu pelo menos no fim do século XI. Com efeito D. Pedro foi o primeiro Bispo que, depois do domínio muçulmano, em 1070, restaurou e reorganizou Braga como diocese e deixou-nos o seu censual que, no dizer dos estudiosos e entendidos, é o primeiro e melhor, o mais perfeito e completo de toda a Europa. Encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. Santa Maria da Cadavosa figura aí na região demarcada pelos rios Lima e Neiva (inter Limia et Nevia) como paroquial abadia. Também o Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa na sua tese de doutoramento: — «O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga» diz textualmente: — «Cadavosa, lugar de Cossourado, concelho de Barcelos. A capela de Nossa Senhora da Cadavosa corresponde à extinta igreja paroquial». Mas tudo leva a crer que seja muito anterior ao século XI, porque esse pequeno núcleo populacional, que a constitui, não pode ser adventício, aparecendo ali à última hora, como por encanto, mas primitivo e permanente, passando por todas as tragédias e vicissitudes das paróquias rurais daquele tempo. Isto mesmo é confirmado pelo referido documento da Torre do Tombo e pela própria História.

Segundo esse documento, Santa Maria da Cadavosa é anterior à invasão dos mouros em que o seu abade ou ermitão fugira com a imagem da Santíssima Virgem para não ser ultrajada dos infiéis. A confirmar essa tradição, depois de se referir às restantes capelas, termina assim essa alinea 13: — e todas estas capelas ou ermidas tem imagens do vulto de suas invocações, sòmente a de Santa Maria da Cadavosa a tem pintada em um quadro e não lembra ao presente houvesse outra de vulto, o que ajuda a confirmar o que acima refiro de levarem a imagem por não ser ultrajada dos Mouros» Actualmente existe uma do século passado e é triste e lamentável que o dito quadro tenha desaparecido misteriosamente, sem nunca se saber do seu rumo ou paradeiro.

Também o Sr. P.e Miguel de Oliveira na sua História Eclesiástica de Portugal, citando Alberto Sampaio, nos diz no cap. III alínea 7, que datam desta época a maior parte das freguesias do norte de Portugal, totalmente diversas das antigas paróquias suévicas e visigóticas. Houve durante este longo período uma transformação radical nas paróquias, igrejas rurais, mas lentamente, dum modo quasi imperceptível. As actuais freguesias, formadas não pela Igreja mas por mero impulso popular, resultam das antigas vilas, unidades agrárias e fiscais de origem romana, que se foram desmembrando nos séculos da reconquista. «As duas instituições sucedem-se mas não se confundem: as vilas foram propriedades em todo o rigor da palavra; a freguesia é uma espécie de comuna sem carta que se forma em volta do campanário».

Estas grandes, profundas e importantes transformações efectuaram-se não dum modo brusco mas a pouco e pouco, pela acção lenta mas constante, benéfica e construtiva do pároco ou abade de modo que é impossível precisar quando uma desaparece e começa a outra. «Vivendo entre o povo e ligado a ele por íntimas relações em virtude do seu ministério, após a queda visigótica o abade tornou-se o centro de gravidade desses pequenos núcleos de população; não os deixando desunir, foi transformando pouco a pouco a antiga unidade agrária na nova freguesia». Só no princípio do século X começou a aparecer nos documentos a palavra filigresia (freguesia) que era um agrupamento de filigreses (fregueses), ambos derivados de filii eclesiae (filhos da igreja). A respeito das igrejas desta época diz-nos textualmente o Sr. P.e Miguel de Oliveira continuando a citar Alberto Sampaio: — «Os templos eram quasi-ermidas, construídas e adornadas com pobreza, muito embora a linguagem enfática dos notários lhes chame basílicas».

Tais são precisamente as características da nossa igreja velhinha, como alguém lhe chama ainda. Conservando embora a estrutura e os traços bem vincados duma verdadeira igreja em miniatura — capela-mor, arco cruzeiro, corpo da igreja, sacristia, adro, cruzeiro, vestígios da residência paroquial e do pessoal — é tão pequenina, humilde e pobrezinha que mais parece uma ermidinha do que uma igreja paroquial. Eram assim em geral as igrejas

rurais daquele tempo, nem podiam ser de outra forma. Durante tanto tempo — mais de quatrocentos anos — sem Bispo próprio que não existia ou vivia desterrado muito longe da sua diocese, as paróquias rurais e respectivas igrejas eram formadas, não pela Igreja, mas por mero impulso popular, sem auxílio de ninguém. Mas esses núcleos populacionais que as constituiam eram geralmente muito pequenos e muito pobres e ainda oprimidos e sugados sem dó nem piedade por um domínio estrangeiro, duro e implacável. Só com grandes trabalhos, privações e sacrifícios conseguiam construir ou restaurar igrejas pequeninas e pobrezinhas, apenas com o espaço estitamente preciso para as necessidades do momento.

Se já no século XI, imediatamente depois do domínio muçulmano, a freguesia de Santa Maria da Cadavosa com a sua igreja nos aparece oficial e devidamente organizada pelo seu Bispo, somos obrigados a concluir, pela sequência natural destas coisas sempre morosas, por uma tradição muito crível e respeitável, recolhida e arquivada por três sacerdotes desta freguesia em 1758 e principalmente pelo próprio testemunho da História que nos garante ser esse o meio ordinário da formação das freguesias daquele tempo, que a sua origem é muito anterior, antecede a invasão dos mouros e passou por todas as transformações e vicissitudes desses tempos calamitosos.

Além do que por tradição se conta e se encontra arquivado no referido documento de Torre do Tombo — que um seu abade ou ermitão na invasão dos mouros fugira com a imagem da Santíssima Virgem para não ser profanada pelos infiéis, ignoramos o que se passou com Santa Maria da Cadavosa durante este longo e doloroso período.

Embora o Sr. P.e Miguel de Oliveira, ao tratar na allínea 3.ª da organização eclesiástica, nos diga, citando o Dr. David Lopes, que «o nosso território ficava a bem dizer na periferia do país muçulmano e vivia à margem dele: o seu coração era actual Andalusia e região confinantes até Toledo dum lado, até Saragoça do outro» e tenha afirmado na alínea 2.ª, a respeito dos cristãos no território invadido, que «passada a confusão dos primeiros tempos, entre vencedores e vencidos concertaram-se factos que permitissem mútua convivência» muito se sofreu durante o domínio muçulmano e Braga foi uma das regiões mais sacrificadas. Além da contínua opressão e pesadas contribuições, houve sangrentas perseguições com numerosos mártires, várias invasões, repetidas incursões e arremetidas ferozes em que os mouros levavam tudo a ferro e fogo, matando, roubando e destruindo tudo na sua passagm devastadora. Em 716 tomaram pela primeira vez Lisboa, Porto Coimbra e Braga. Repelidos e massacrados por D. Afonso I, reconquistaram em 753 Braga, Chaves, Porto, Viseu e Águeda. Em 878 Afonso III conseguiu levá-los de vencidos até ao sul do rio Douro e repovoar as cidades conquistadas, mas tiveram de sofrer durante muitos anos numerosas e sangrentas incursões e investidas, chegando mesmo a apoderar-se da Galisa já no fim do século X. Só mais tarde, já no século XI, se consolidou definitivamente a reconquista

cristã nestas paragens, com as vitórias retumbantes de Fernando Magno e de seu filho Afonso VI, reis de Leão e Castela, ajudados por príncipes cristãos estrangeiros, e sobretudo pela criação dos Condados da Galisa e Portucalense, confiados a D. Raimundo e ao nosso Conde D. Henrique como prémio de suas façanhas e valentia.

De tudo isto parece lícito concluir que Santa Maria da Cadavosa deve ser uma das paróquias rurais mais antigas e que mais trabalhou e sofreu pela sua subrevivência e pela conservação da sua igreja até o século XI — «quando os invasores se retiravam apressavam-se os cristãos a restaurar as suas igrejas, mantendo em regra as antigas invocações». Daí até nós também precisou de muitas reparações ordinárias e extraordinárias, não pela maldade dos homens mas pela corroção do tempo. Duma destas temos um documento muito importante e ilucidativo que publicarei na ocasião própria. Julgo, porém, que nenhuma delas deve ter alterado a sua forma e estrutura primitivas. De qualquer forma é sempre a capela de Santa Maria da Cadavosa e recorda-nos que esse núcleo populacional tão pequenino que nela cabia e durante longos séculos de terror e sofrimento a ela se conservou preso e unido com o seu pároco ou abade, sempre fiel ao seu Deus, à sua religião e à sua Mãe do Céu, com certeza era constituido por almas fortes e destemidas, por corações ardentes e generosos, por grandes santos e verdadeiros mártires. Caldeados nestas verdades e certezas, surgiram contos e lendas que mostram bem o amor e devoção deste bom povo a Nossa Senhora da Cadavosa e à sua capelinha. Eis uma das mais graciosas e encantadoras pela sua candura e simplicidade.

Havia no lugar de Sisteiros um casal de lavradores muito virtuoso e feliz que se revia amorosamente nos filhos com que Deus o presenteara e enriquecera e que procurava educar com todo o cuidado e esmero no amor de serviço de Deus e de Sua Mãe Santíssima. Dentre todos distinguia-se o mais velho pelos seus sentimentos delicados e excelsas qualidades. Cheio de vida e saúde, alentado e trabalhador, sempre muito delicado e obediente, cedo começou a ajudar e substituir o pai nos trabalhos mais duros e custosos. Nas noites frias de inverno no fim da ceia e da reza em família, recebida a bênção de seus pais, lá ia ele sempre alegre e contente, amarrado ao seu bordão e acompanhado dum cão fiel e dedicado, a guiar as águas nos prados viçosos e verdejantes.

Depressa, porém, se fez notar a demora demasiada que causa grandes desgostos e graves apreensões na família. Que andaria ele a fazer altas horas da noite, durante tanto tempo? Densa nuvem de dúvidas e suspeitas começa a toldar a doce e serena tranquilidade daquele lar abençoado. Às dúvidas e suspeitas sucedem as mútuas recriminações entre o pai e a mãe, ao verificarem que às suas queixas amargas e severas repreensões, o filho nada mais alega, em seu favor e defesa, que um profundo e respeitoso

silêncio. Uma noite, instigado por sua mulher, o pai saiu na peugada do filho, resolvido a espiar-lhe todos os seus movimentos e a apicar-he o devido correctivo.

Como de costume, o rapaz foi direito aos prados a meter e guiar a água. Subiu depois ao alto do monte a botar às almas, isto é, a convidar os fiéis, com voz forte e plangente, a compadecerem-se das Almas do Purgatório e a rezar por elas. Veio finalmente pela capelinha de Santa Maria da Cadavosa que miraculosamente abriu as suas portas para o receber. Entrou com grande respeito e compostura, acendeu com carinho e delicadeza a lamparina apagada e prostrou-se em demorada, recolhida e fervorosa oração.

Maravilhado e confundido, o pai, que observara tudo a distância e com a máxima cautela para não ser notada a sua presença, correu pressuroso a contar à sua mulher o sucedido e a recomendar-lhe que nunca mais contrariasse a boa índole e santa devoção de seu filho. Este, com o consentimento e complacência de seus pais, foi durante toda a sua vida devoto fervoroso e zelador activo e dedicado de Santa Maria da Cadavosa. Morreu com ador de santidade e foi sepultado junto da sua capelinha. Desde então, vem de tempos a tempos, das bandas do mar, altas horas da noite, uma estrela brilhante a pousar devagarinho na campa esquecida daquele santo e zeloso ermitão.

É por tudo isso: — pela sua antiguidade milenária, por ter sido igreja paroquial, pelas suas íntimas e constantes relações com a igreja e freguesia de Cossourado, por Santa Maria ser considerada sua primeira e principal padroeira desde a fusão das paróquias da Cadavosa e Courado na de Sant'Igado de Cossourado, por conter dentro e junto de si os restos mortais dos seus antepassados, grandes santos e verdadeiros mártires, por suas antigas e honrosas tradições e até pelas suas lendas e contos — que Cossourado tanto lhe quer e perante o perigo de a perder, levantou-se, unida como um bloco indestrutível, e correu em sua defesa sem olhar a dificuldades, trabalhos e despesas.

Cossourado no século XII

Ao entrarmos neste século deparamos com vários problemas de difícil solução. O primeiro já foi apresentado nesta simples pergunta : — Quando e como o nome de Cossourado passaria do monte dos cossoiros à freguesia? Para podermos responder-lhe cabalmente parece-me conveniente formular uma nova pergunta : — Quando e como se formaria a nova freguesia de Cossourado?

Com a invasão dos Mouros que nunca se converteram, os cristãos sofreram as maiores provações mas, cheios de coragem e sob a direcção e com o conforto dos seus abades, começaram a caminhar intrépidos e resolutos para a inteira e completa independência de seus grupos populacionais, constituindo as nossas freguesias, muito diferentes das antigas paróquias suévicas e visigóticas e muito mais ainda das antiguíssimas granjas românicas, como vimos a respeito de Santa Maria da Cadavosa.

Certamente, na sua invasão, os Mouros apoderaram-se do castro de São Simão e estabeleceram-se aí, como ponto estratégico para imporem o seu domínio e vigiarem de perto os cristãos em todos os seus movimentos. Os seus antigos habitantes tiveram de o abandonar e fugir ou de descer e refugiar-se na planície, junto de alguns dos seus irmãos na fé, que já tinham aí os seus casebres e dos paroquianos de Santa Maria da Cadavosa. Teriam esses refugiados levantado novo templo? Talvez não porque a princípio iam remediando com a igrejinha de Santa Maria da Cadavosa e, passada a maior fúria, os infiéis devem ter-lhe cedido ou facilitado a sua antiga igreja a troco de alguns trabalhos ou impostos e por isso ela se conservou sempre até à sua transferência para junto do cruzeiro.

Qual a sua igreja e o seu nome no Censual de D. Pedro?

É certo que ela figurava aí, como paróquia independente, mas não podemos saber se já com o seu novo nome de Cossourado ou ainda com o antigo porque esse Censual constava de vários rolos de pergaminho muito compridos, cada um dos quais representava uma extensa região demarcada por rios, montanhas e outros contornos naturais e salientes e o referente a esta região entre os rios Neiva e Cávado desapareceu. Embora a sua falta seja suprida pelos censuais posteriores que o tinham imitado e copiado, neste particular, nada nos

esclarecem porque todos apresentam a freguesia de Sant'Iago de Cossourado sem nos dizerem se já tinha esse nome no seu protótipo e modelo. Pela razão apontada — a conservação de igreja ou capela de S. Simão durante todo o domínio muçulmano e depois até à sua transferência para junto do Cruzeiro — e pelos referidos documentos seus coevos que ainda nos falam no monte Cossourado, parece-nos lícito concluir com o Snr. Cónego Arlindo que a freguesia de Cossourado, como tal, só começou a existir na idade média. «Parece-me, porém, que a freguesia de Sant'Iago de Cossourado só é conhecida por este nome desde a época medieval. No tempo romano já era habitada induvitàvelmente, mas o nome que então teria, se não está escondido em alguma leira ou bouça das cercanias, perdeu-se para sempre».

Mas deve ter sido logo no alvorecer deste século XII porque precisamente nesta ocasião Santa Maria da Cadavosa deixou de aparecer como paróquia e desde 1118 a freguesia de Sant'Iago de Cossourado começou a figurar nos documentos públicos. No referido número 400 do segundo volume da sua obra, o Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa resume tudo o que pôde descobrir e encontrar a respeito desta freguesia: — «400 Cossourado (Santiago) conc. de Barcelos (306 e 358)1070 Vila Goterre subtus mons Cossoirado discurrente ribulo Nevia território Brachara (DC. n.º 488) — (1118 - 1138), o mosteiro de S. Romão de Neiva doou a D. Paio Mendes «de illa eclesia Sancti Jacobi de Cussuirado de illa parte que fuit de Golvira Petri quam dedit Sancto Romano in testamento de quanto habuerunt parentes sui» (L. Fidei, doc. 433) — 1135, D. Afonso Henriques deu carta de Couto «do et concedo cautum ecclesiae Sancti Jacobi de Cosoyrado» (DR. I n.º 150) — 1164. (Ecclesia Sancti Jacobi de Cossoirato cum suo canto integro» (Ap. does 78 e 78 a) — 1220. «De Sancto Jacobo de Cossoirados (Corsorrados)» F. de Aguiar de Riba Lima. — 1258 «Parrochia Sancti Jacobi de Cossoirados (Cosoyrados)» T. de Aguiar. — 1290 «Freguesia de Santiago de Cossoyrados» J. de Barcelos. — 1320 «Ecclesia de Cossoirado ad ducentas et decem libras» T. de Aguiar de Neiva. — 1371 «Ecclesia de Cosoirado in primo trienio XV libras» T. de Aguiar de Neiva. — 1528 «Quosoirado renda L. XX libras» T. de Aguiar de Neiva.

No segundo parentese chama a nossa atenção para os números 306 e 358 que nos falam de alguns tributos pagos por esta freguesia e veremos mais adiante. Já falamos da vila ou herdade Goterre em 1070 e por isso passamos ao seguinte que é precisamente a prova concludente da minha última asserção: — «De 1118 a 1138 o mosteiro de S. Romão de Neiva doou a D. Paio Mendes «dessa igreja de S. Tiago de Cossourado daquela parte que foi de Elvira Peres que deu a S. Romano em testamento de quanto tiveram seus pais». No parentese diz-nos que isso se encontra no documento 433 do Livro da Fé. A isto se referiu também o Snr. Cónego Arlindo no seu já citado artigo do Diário do Minho: — «É, porém, bom saber que o testamento de Pedro Gonçalves foi uma espécie de restituição, pois Sant'Iago de Cossourado já perten-

cera aos Arcebispos bragueses e fora concedido a D. Paio Mendes pelo Abade Pedro e de mais religiosos de S. Romão de Neiva que o havia recebido de Elvira Peres».

Sendo assim Sant'Iago de Cossourado nasceu da fusão das duas antigas paróquias — Santa Maria da Cadavosa e S. Simão de Courado. Santa Maria da Cadavosa não foi anexa a Sant'Iago de Cossourado, mas fundida com sua irmã gémea para a formação duma nova freguesia. Qual a causa desta fusão?

Para a reorganização da Diocese de Braga fizeram-se grandes despesas que, em parte recairam sobre as freguesias. Além dos dízimos que iam da sétima à vigésima parte das colheitas, conforme o tamanho e a população de cada uma, havia os votos que se pagavam anualmente a Compostela em cumprimento dum voto ou promessa de D. Ramiro das Astúrias; as mandas e mortuários ou mortulhas que eram sufrágios ou bens d'alma e se chamavam Dons quando se tratava de cavaleiros ou nobres e Lutuosas quando se tratava de clérigos e as freguesias estavam obrigadas a várias outras contribuições como: — Catedrático que era uma pensão anual paga ao Bispo como prova de sujeição e em honra da cátedra episcopal, donde lhe vem o nome. Ainda hoje as confrarias e associações religiosas pagam 2$50 de catedrático na prestação de contas; Sinodático, pago por ocasião do Sínodo que devia realizar-se todos os anos e lhe dá o nome — era uma reunião do Bispo com todos os párocos, abades, priores e beneficiados da Diocese para estudar e resolver os seus principais problemas e dificuldades; Calendário que se pagava para as conferências ou palestras mensais do clero duma determinada terra ou região sob a presidência do Prelado ou do seu representante — realizavam-se no primeiro dia de cada mês ou calendas, donde lhe veio o nome; Pano e Bragal, que era pago em pano e tomava um desses nomes, conforme era mais fino ou mais grosseiro; Jantar, Colecta, Procuração e Visitação também conhecido por Parada, Comedoria ou Comedura, que era a obrigação da freguesia sustentar o Bispo e a sua comitiva — pessoal e animais — durante um ou mais 2 dias nas visitas pastorais. Havia ainda outros com diferentes nomes genéricos de censo, censura, direitura, etc.

Por isso o Segundo Concílio de Latrão determinou que, para ter pároco próprio, era indispensável possuir bens suficientes e muitas freguesias foram anexadas para sempre no século XV. Santa Maria da Cadavosa e S. Simão de Courado vendo que não podiam aguentar com tanta despesa, fundiram-se logo no princípio do século XII e formaram a nova freguesia de Sant'Iago de Cossourado. Para isso tiveram de fazer uma nova igreja, mais ampla e central porque as duas eram muito pequenas e descentralizadas e ainda de difícil acesso a de S. Simão. Para arcar com as despesas, tiveram de alienar a residência e passal de Santa Maria da Cadavosa mas não a sua igreja ou capela, como veremos. Esse novo templo deve ser a igreja românica de que nos fala o referido manuscrito da Torre do Tombo, reconstruida em 1883, mas dela conservamos ainda a nave norte — parede, arcos e colunas — e não o tecto que

foi alteado e modificado em abóbada. Já agora é fácil compreender porque a nova freguesia não quis conservar nenhum dos títulos das paróquias que a constituiram e tomou o de Sant'Iago de Cossourado. É que esses antigos títulos ficaram vinculados às suas antigas igrejas que a nova freguesia quis honrar e respeitar e conservar intactas para sempre. Certamente para evitar confusões, passado para a nova freguesia o nome do Monte, este começou a ser chamado o Monte de S. Simão e a sua antiga igreja capela de S. Simão, como hoje são conhecidos.

Continuando, o Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa diz-nos que em 1135 D. Afonso Henriques deu carta de couto a Cossourado «dou e concedo couto à igreja de Sant'Iago de Cossourado». No parentese seguinte diz que isso se encontra no n.º 150 dos Documentos Régios em Documentos Medievais Portugueses e numa nota diz-nos também que a palavra Cosoyrado está corregida na entrelinha para Cossoyrado. Iago, Tiago e Jacobo referem-se ao mesmo Santo. O mesmo afirmou o Snr. Cónego Arlindo no seu referido artigo do Diário do Minho com estas palavras: — «Sabe-se por um documento de 28-X-1164 que D. Afonso Henriques coutou a terra e a doou ao Arcediago D. Afonso que teve por herdeiro o sobrinho Pedro Gonçalves. Este por sua vez deixou Cossourado em testamento à Sé de Braga no tempo do Arcebispo D. João Peculiar (1138-1175)».

A última anotação do Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa referente a este século é de — 1164 «a Igreja de Santo Jacobo de Cossourado com seu couto íntegro» figura nos documentos 78 e 78 a, por ele publicado em fotogravura em apêndice no seu segundo volume.

Depois disto julgo podermos concluir que a freguesia de Sant'Iago de Cossourado — Barcelos apareceu no princípio do século XII proveniente da fusão das duas antigas paróquias de Santa Maria da Cadavosa e de S. Simão de Courado, irmãs gémeas porque nascidas ao mesmo tempo da mesma granja ou latifúndio e seu possessor romanos, transformadas em duas paróquias no tempo dos Suevos e Visigodos mas sempre crescidas e irmanadas na mais íntima união e acendrado amor fraterno até se fundirem numa só e nova freguesia que, cheia de reconhecimento e gratidão, quis conservar para sempre as suas igrejas ou capelas com os seus santos patronos e sob a sua poderosa tutela e eficaz protecção, unidas à do seu novo Padroeiro, caminhar com coragem e confiança no futuro. Que os presentes e vindouros saibam compreender, imitar e seguir o ardoroso e abnegado exemplo dos seus antepassados.

Além da fundação da freguesia de Sant'Iago de Cossourado pela fusão das duas antigas paróquias de Santa Maria da Cadavosa e de S. Simão de Courado e da construção da sua nova igreja paroquial, deve ter sido também neste século XII a alienação da antiga residência e passal da Cadavosa a favor do Convento de Bouro, mas não da sua capela que ficou sempre a pertencer à nova freguesia de Cossourado, como veremos com a publicação do meu segundo artigo do meu primeiro esquema, a seguir.

RELAÇÕES ÍNTIMAS E INDELÉVEIS DA ANTIGA PARÓQUIA DE SANTA MARIA DA CADAVOSA E SUA IGREJA OU CAPELA COM A FREGUESIA DE SÃO TIAGO DE COSSOURADO E SUA IGREJA PAROQUIAL

Foi no dia 14 de Setembro de 1925 que entrei ao serviço do Snr. Abade Manuel Francisco da Silva, pároco colado desta freguesia de Cossourado, como seu vigário cooperador, e, nesse mesmo dia soube, por ele, todo o valor e grandeza da capelinha da Cadavosa e das suas relações com a freguesia de Cossourado e a família Caridade.

A respectiva carta foi passada em Julho em que devia apresentar-me, mas, pelo falecimento do capelão de Nossa Senhora de Porto d'Ave, nessa ocasião, e a pedido da respectiva confraria, S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos, determinou que eu ficasse provisòriamente como capelão para preparar, assistir e orientar a sua tradicional romaria. Continuando a Confraria a pedir capelão próprio e não a podendo atender e para as coisas se não complicarem, o Senhor Arcebispo mandou-me retirar imediatamente depois da romaria. Disso foi avisado, com muita antecedência, o Senhor Abade de Cossourado que continuava a insistir pela minha vinda para esta freguesia.

Nesse ano, o dia 8 de Setembro caiu numa terça-feira e, no dia seguinte, ao dirigir-me para aqui, encontrei-me em Braga com o Snr. P. José António Dias, pároco de vila de Póvoa de Lanhoso e capelão do Hospital, que procurava um sacerdote para o substituir, enquanto pregava um tríduo em Vieira do Minho e, encontrando grande dificuldade, nunca mais me largou. Como meu antigo prefeito no Seminário, exercia sobre mim uma ascendência e autoridade a que não pude esquivar-me. Também julguei que quatro dias apenas de atraso, pouco ou nada representaria para Cossourado e valia a um amigo num aperto, mas enganei-me. No domingo seguinte, como de costume, era a festa de Santa Maria da Cadavosa, que eu ignorava e, para maior infelicidade,

a carta, que escrevi de Braga na quarta-feira, a contar o sucedido e a prometer a minha comparência na segunda-feira seguinte, sem falta, só no sábado de tarde foi recebida. Foi uma decepção e uma grande arrelia para todos, porque contavam comigo com certeza e preparavam-me uma agradável surpresa e, além de tudo isso, à última hora, tiveram grande dificuldade em arranjar um sacerdote para celebrar a missa solene da festa.

Na segunda-feira seguinte, 14 de Setembro a criada do Snr. Abade, que me esperava no Tamel, contou-me tudo pelo caminho. Na residência paroquial quasi se não falou doutra coisa naquele dia. Depois de desabafar toda a sua mágoa e desgosto e as arrelias e transtornos que a minha falta causou e de aceitar as minhas desculpas, contou-me toda a história da capelinha e das suas relações com a freguesia de Cossourado e com os seus zeladores ou administradores, e duns documentos referentes a tudo isso, existentes na Torre do Tombo.

Nos primeiros anos, sempre que se oferecia ocasião, em conversa particular ou por ocasião dalguma função religiosa ali realizada, principalmente na sua festa anual, as pessoas mais velhas e importantes, julgando que eu ainda o ignorava, falavam-me com muito amor, respeito e veneração da capelinha, como uma relíquia preciosa, por ser muito antiga e ter sido igreja paroquial.

Em Abril de 1951 recebi uma carta do Snr. Dr. Alberto Feio, Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga a perguntar-me se perto do Rio Neiva e à sua margem direita ainda se encontrava a capelinha de Santa Maria da Cadavosa e, caso afirmativo, o seu estado de conservação e todas as indicações possíveis porque tinha sido igreja paroquial no século XI e muito lhe interessava para um estudo que andava a fazer a esse respeito. Ao agradecer as minhas informações, ofereceu-me um livro da sua autoria — Carlos Amarante — com a seguinte dedicatória.

«Ao Snr. P.e Américo Teixeira, com muita simpatia of.e 27-4-751
Alberto Feio

Era portanto tradição unânime e constante que a capela de Santa Maria da Cadavosa era muito antiga e tinha sido igreja paroquial e foi sempre de freguesia e disso estávamos todos inteiramente convencidos. A atestá-lo estava a festa anual e tradicional, feita sempre pela freguesia e em seu nome e nunca de qualquer outro entidade diferente, sem licença nem interferência de ninguém e todos os actos paroquiais eram aí realizados quando convinha, sem para isso pedir autorização a ninguém. Desde 1925 sempre ali celebrei missas de promessa e todos os anos, por indicação do meu antecessor, que assim o fazia, celebrava ali pelo menos uma vez na quaresma, para a desobriga dos velhinhos e doentinhos que tinham dificuldade em vir à igreja paroquial, ali confessava e realizava todos os actos do culto — missas, novenas, a devoção

do terço etc. e até mandava ensinar ali a doutrina no verão às crianças durante mais dum mês consecutivo, sem nunca pedir licença nem dar satisfação a ninguém.

Sòmente nos últimos anos, certamente já com má fé encapotada, a sobrinha do sargento Queirós, como catequista, me pedia para ensinar antes as crianças à sombra dos carvalhos, por ser pequena a capela para acomodar convenientemente todos os grupos e classes.

Rompidas as hostilidades, mandamos à Torre do Tombo saber o que havia a tal respeito e verificamos, com grande satisfação e alegria, que não nos enganavamos. O referido documento, já por nós apresentado para provar que a capela é antiquíssima e fora outrora igreja paroquial, tem muito mais força e valor para demonstrar que ela foi sempre da freguesia. Se não se enganou na primeira parte, ao referir factos muito antigos, passados há muitas centenas de anos, como se comprova pelo censual de D. Pedro, pela tradição e até pela sua conformidade com a História, muito maior crédito nos deve merecer ao narrar factos contemporâneos e em tais condições e circunstanciais que não nos podem deixar a menor dúvida da sua veracidade.

Com efeito esse documento foi escrito e assinado por três sacerdotes, testemunhas fidedignas e qualificadas, para ser publicado no Dicionário Geográfico, o que só acidentalmente e por causas fortuitas entre elas a morte prematura do P.e Luís Cardoso, se não chegou a realizar, e foi escrito em 1758, em que os Religiosos do Convento de Bouro estavam ainda e estiveram durante muitos anos na posse e vigência de todos os seus direitos, setenta e seis anos antes de serem deles injusta e violentamente esbulhados pelo Ministro da Justiça, Joaquim António de Aguiar, o matafrades, em 1834.

Sem empregar a expressão — «como por tradição se diz» ao falar do abade ou ermitão que fugira com a imagem da Senhora para não ser profanada pelos infiéis e do abade que matou o comendador em defesa dos seus direitos e dos da freguesia, aqui, pelo contrário afirma, como coisa certa e sabida e sem receio de desmentido, que, com certeza, seria feito pelos próprios frades e imediatamente, se não fosse verdade: — «e são seus administradores os Religiosos de São Bernardo do Convento de Bouro, os quais são direitos senhores dum praso junto à mesma capela, cujas terras eram passal dos abades daquela igreja de Santa Maria de Cadavosa e dentro duma tapada do tal praso junto à capela estão os vestígios da casa da residência do dito abade e os possueiros do dito praso são administradores da capela».

Como prova de terem sido passal as terras do dito praso, chama a atenção para os vestígios da residência dentro duma tapada junto da capela. Várias pessoas me afirmaram tê-los visto ainda e foram empregados por Manuel Alves Pedra na vedação dessa bouça mas, com uma pequena escavação, ainda se podem encontrar restos do seu alicerce.

Os frades eram portanto possueiros do praso, mas não da capela. Desta eram sòmente administradores.

Quem era então possueiro da capela ?

Antes, porém, convém procurar saber como foi que os Religiosos de S. Bernardo do Convento de Bouro, sendo muito posteriores, conseguiram ser direitos senhores do praso a administradores da capela. Na verdade estes religiosos são frades beneditinos cistercienses, fundados em 1089 por S. Roberto de Molesmos em Cister, donde lhes vem o nome. No seu princípio tiveram sérias e graves dificuldades e estiveram prestes a sossobrar. Só se consolidaram e tornaram conhecidos e espalharam pelo mundo com a entrada de S. Bernardo e a fundação do seu convento do Claravel, em 1115. Foram introduzidos em Portugal e ricamente dotados por D. Afonso Henriques não só em atenção às suas virtudes e novo fervor e à fama e santidade de S. Bernardo, mas também por certa animosidade e em represália aos frades clunicenses, — outro ramo muito mais antigo e premitivo da mesma ordem Beneditina, — por terem perdido muito da sua reputação e prestígio, pelo seu relaxamento, mas mais ainda e principalmente pelas suas íntimas relações e fortes simpatias com os Reis de Castela, que os tornaram suspeitos e perigosos à independência e consolidação da nacionalidade portuguesa. Em cumprimento dum voto feito a caminho de Coimbra para a conquista de Santarém, o nosso primeiro Rei fundou o Convento de Alcobaça, casa mãe em Portugal, de que foi filial o Convento de Bouro. Começou a construção do mosteiro de Alcobaça em 1148, instalando-se os monges em alojamentos provisórios em 1152 e só no reinado de D. Afonso II, em 1222, foi dado por concluido.

Os Religiosos de S. Bernardo do convento de Bouro são portanto muito posteriores a Santa Maria da Cadavosa, que já nos aparece como paroquial abadia no Censual de D. Pedro, o primeiro Bispo que em 1070, logo depois do domínio muçulmano, se deu de alma e coração ao ingente e espinhoso trabalho de reorganizar Braga como diocese. Não sendo os Religiosos de S. Bernardo do Convento de Bouro instituidores ou fundadores da capela nem da freguesia da Santa Maria da Cadavosa nem concorrendo em nada para isso, temos de procurar outro título legítimo à sua posse do praso e a administração da capela. A este respeito diz o Snr. P. Miguel de Oliveira, continuando a citar Alberto Sampaio, a pág. 77: — «Em geral o padroado dos cavaleiros, ordens, mosteiros e dioceses resultavam de compras, doações obtidas da coroa ou de particulares e também de violências muito vulgares nisto». Sendo este modo de adquirir o direito de padroado também extensivo aos prasos e outros bens eclesiásticos e pondo de parte a violência, como indecoroso a religiosos de tanta reputação e santidade, restam-nos a compra e a doação. Se atendermos a que o Convento de Bouro era filial do de Alcobaça de quem Fortunato de Almeida na sua História de Portugal afirma — «pela liberalidade dos reis e devoção dos fiéis adquiriu rendas enormes, tornando-se desde o seu princípio verdadeiro potentado» e a nova freguesia de Cossourado, resultante da fusão das duas antigas paróquias, teria de lutar com graves e sérias dificuldades no seu começo, apresenta-se-nos como mais plausível e racional, a compra

Naturalmente com o alargamento e consolidação do Reino e o seu repovoamento, o progressivo cultivo e constante desenvolvimento das terras e muitas outras transformações, inevitáveis no decorrer dos tempos, as antigas igrejas, além de ficarem muitas vezes decentralizadas, tornavam-se pequenas para as novas e crescentes necessidades. Foi o que certamente aconteceu com estas duas pequenas paróquias, fundindo-se numa só com o desaparecimento de Santa Maria da Cadavosa e de S. Simão de Courado, para a fundação e desenvolvimento duma freguesia maior e mais populosa, com uma nova igreja mais ampla e central e com a sua residência e passal apropriados.

Deste modo o Convento de Bouro encontrou uma boa oportunidade de empregar e segurar seus capitais e de aumentar assim o seu rendimento e a freguesia de Cossourado teve bom ensejo de alienar, sem secularizar, a antiga residência e passal da Cadavosa, e de aplicar o seu produto noutros mais úteis, cómodos e proveitosos e com a certeza de assegurar, à sua antiga igrejinha, piedosos zeladores e óptimos administradores.

O certo, porém, é que os Religiosos de S. Bernardo do Convento de Bouro eram direitos senhores dum praso, junto à mesma capela, cujas terras eram passal dos abades daquela igreja de Santa Maria da Cadavosa mas sòmente administradores da capela e não seus possueiros ou legítimos senhores, sendo bem claras e terminantes as palavras: — «e os possueiros do praso são administradores da capela».

Embora a freguesia de Cossourado alienasse de qualquer forma a residência e passal, nunca alienou a capela nem consentiu que outrem exercesse plena posse sobre ela. Sabido o interesse dessas ordens religiosas sobre a posse de igrejas e capelas junto dos seus bens é realmente de admirar que nunca conseguissem de Cossourado a sua posse, mas sòmente a sua administração e só Deus sabe à custa de quantos empenhos e pedidos. Uma particularidade, com que anitgamente se realizava a festa, mais o conprova e evidencia. Contou-me o meu antecessor, Abade Manuel Francisco da Silva, que antigamente a festa se revestia de maior pompa e grandiosidade.

A imagem da Senhora vinha de véspera para a igreja paroquial, onde se realizava a festa da manhã e à tarde era reconduzida à sua capelinha em rico andor e magestosa procissão a que se associava muito povo das cercanias e de longe e muitas vezes até com as freguesias devidamente organizadas, no meio de flores, cânticos e orações e aos acordes de música e estralejar dos foguetes. Era acompanhada, em andores secundários, por todas as imagens veneradas na igreja paroquial e lá terminava a festa religiosa com o terço, sermão e procissão no local.

Tudo isto parece indicar que Santa Maria da Cadavosa foi sempre por todos considerada sua verdadeira e principal padroeira e, como tal, vinha todos os anos de visita ao seu novo padroado a abençoar os seus fiéis vassalos e todos os seus bens e a receber deles as suas caloroas homenagens e provas, nunca desmentidas, duma profunda veneração, amor ardente, fidelidade constante e

eterna gratidão e a unir as duas igrejas num só e mesmo amplexo. É talvez por isso que o povo de Cossourado nunca festejou o seu padroeiro São Tiago, como tal, embora se associe sempre de boa vontade à sua festa, celebrada por qualquer devoto ou comissão particular. Sendo assim, Santa Maria só não foi escolhida para padroeira e titular da igreja e freguesia de Cossourado, por o ser já da antiga paróquia da Cadavosa, fundida para sempre com a de S. Simão na freguesia de Sant'Iago de Cossourado, e da capela do mesmo nome que o povo sempre quis conservar inteiramente unida à igreja paroquial de Cossourado, mas, de facto, Santa Maria da Cadavosa foi sempre considerada por todos sua primeira e principal padroeira. Na impossibilidade ou inconveniência de conservar as duas invocações do mesmo nome na mesma freguesia, optaram por S. Tiago Maior, certamente devido à extraordinária expansão do seu culto em toda a Península, depois da descoberta do seu túmulo e de ser proclamado padroeiro de Espanha, mas talvez também por ser o primeiro apóstolo que, segundo a tradição, nos trouxe à Península, juntamente com a Fé, tão terna e santa devoção.

Em resumo, devem ter sido estes quatro os factos mais importantes desta freguesia, durante este século XII: 1.º — A criação e fundação desta nova freguesia de São Tiago de Cossourado pela fusão e desaparecimento das duas antigas paróquias de Santa Maria da Cadavosa e de S. Simão de Courados que muito deve ter concorrido para o seu progresso e desenvolvimento. 2.º — A construção da sua nova igreja românica e talvez também da sua nova residência paroquial. Só Deus sabe quantos trabalhos, privações e sacrifícios e quanta generosidade e grandeza de alma tudo isso representa para uma população reduzida e pobre. Resta-nos dela ainda a nave norte com seus arcos e colunas e quasi todas as suas paredes, menos a fachada e a parte sul. 3.º — A carta de Couto, concedida por D. Afonso Henriques a esta freguesia, sol de pouca dura, devido à ganância e maldade dos homens, como vamos ver. 4.º — A alienação da residência e passal da antiga paróquia de Santa Maria da Cadavosa aos frades beneditinos cistercienses do Convento de Bouro, mas não da sua igreja ou capela, de que foram só administradores.

Cossourado no século XIII

Já vimos que em 1135 D. Afonso Henriques deu carta de Couto a esta freguesia de Cossourado.

O Snr. Dr. Teotónio da Fonseca diz que «esta freguesia pelo rodar do tempo perdeu o isento de Couto e aparece-nos Comenda da Ordem de Cristo».

Quando, como e porquê teria acontecido isso?

É ainda o manuscrito da Torre do Tombo que vai ajudar-nos a desvendar o mistério. Ao falar do rendimento paroquial desta freguesia, diz o seguinte: — «toda esta renda e frutos pertenciam aos Abades desta igreja e, por tradição se diz, que vindo o primeiro comendador a tomar posse e introduzir-se nesta comenda tiveram pendência e matara o Abade o dito comendador em defesa do seu direito e depois disto para o tal abade ceder a favor de outro, parent. dos Biscondes de Ponte do Lima, deu o mesmo Bisconde outra igreja do seu Padroado de maior renda ao mesmo Abade e ficou esta em comenda cuja está de presente em o Conde de Vila Flor».

Quando li isto pela primeira vez, pareceu-me pura lenda ou simples fantasia, não por o comendador tentar tomá-la pela força ou violência, porque isso era muito vulgar naquele tempo, como vimos a respeito do foro do passal e residnêcia da paróquia da Cadavosa e da administração da sua capela, mas sim por o Abade matar o comendador. Mais tarde, porém, ao consultar as Inquirições, convenci-me da sua veracidade e deve ter acontecido no primeiro quartel deste século XIII.

Nas inquirições de 1220 está escrito «Noluit venire Valascus Viegas qui est abbas, quia filiavit illam per forciam et venerunt parrochiani Petrus Pelagi, Petrus Petri, Simeon, Martinus Pelagii, Fernandus Petri, Maurus, Petrus Menendis, Menendus Alfonsi, Filus Bonus».

Era assim que se falava e escrevia em Portugal naquele tempo e na nossa

linguagem de hoje quer dizer: — «Vasco Viegas, que é o Abade, não quis vir porque filiou-a pela força, mas vieram os paroquianos Pedro de Pelaio, Pedro de Pedro, Simão, Martinho de Pelaio, Fernando de Pedro, Amaro, Pedro de Menendes, Menendo de Afonso, Bonfilho». Duas vezes o Abade aparece com o nome de Vasco Viegas e outras duas com o de Vasco Egeu. Portanto o seu nome completo deve ser Vasco Viegas Egeu ou Vasco Egeu Viegas. O certo é que ele, chamado para dar informações da paróquia ou freguesia, não quis vir porque filiou-a pela força.

Mas que filiou ele pela força ou tomou à força? Certamente a freguesia de Cossourado porque era dela que se tratava.

Não se fala aqui do Abade ter matado o Comendador e compreende-se mas sim duma luta dura e renhida — à força ou pela força — de que o Abade saiu vencedor. É natural que, depois dum desfecho tão desastrado, o Abade não quisesse sair de casa, não só por sentir-se envergonhado, embora o fizesse em sua legítima defesa, mas também com receio à desforra dos parentes e amigos do Comendador.

Quando lhe daria o Bisconde de Ponte de Lima uma freguesia de maior valor do seu Padroado, para o Abade ceder esta em favor dum parente seu? Não sabemos, mas nas Inquirições de 1258 ainda esta freguesia aparece como Couto per podroes.

Como Comenda da Ordem de Cristo, esta freguesia de Cossourado já tem a respectiva cruz gravada nos marcos de pedra que a extremam das outras suas confrontantes.

O Snr. Dr. Teotónio da Fonseca diz que o último comendador de Cossourado foi António José de Sousa, Manuel Meneses Severino de Noronha, Moço Fidalgo da rainha D. Maria I, Gentil Homem da Câmara de el-rei D. João VI, Copeiro Mor, Estribeiro Mor, Par do Reino, Ministro de Estado, Ministro Plenipotenciário, Ajudante de Campo de el-rei D. Pedro V, Duque da Terceira, 7.º Conde e I Marquês de Vila Flor, etc. Nasceu em 18-3-1792 e faleceu em Lisboa a 26-4-1860.

TRANSFERÊNCIA DA CAPELA DE S. SIMÃO

Na sua fuga desesperada, os Mouros devem ter deixado tudo em tais ruinas e destroços que nunca mais foi reedificado pelos cristãos. Com certeza continuaram com a sua devoção a S. Simão, que ainda hoje perdura, e a visitar a sua capela que, deixando de ser igreja paroquial, com o andar do tempo, perdeu o nome da paróquia a que andava unida e começou a ser cognominada e conhecida por todos como capela de S. Simão. Mais tarde, não sabemos quando com exactidão, esta capela foi transferida para junto do Cruzeiro, como reza a tradição conservada entre o povo e confirmada pelo manuscrito da Torre do Tombo nestes termos: — «Há mais... A capela de S. Simão junto ao cruzeiro desta igreja, a qual dizem se transferira para aí do alto do monte

de S. Simão, onde antigamente estivera, e neste monte ficou uma cruz de pedra que o tempo destruiu ficando a aste e pedrastal sobre uns penedos, e há poucos anos se reformou outra cruz sobre outro penedo por trás daquela, o qual penedo dizem servia de firmar o altar do Santo e aí tem devoção os moradores desta freguesia ir com clamores pedir ao santo o tempo de que necessitam, de chuva ou sol, e conseguem maravilhosos efeitos».

Também o Snr. Dr. Teotónio da Fonseca escreveu a este respeito na sua obra já citada : — «Em frente a este cruzeiro está a capela de S. Simão. Corre na tradição que esta capela esteve no alto do monte de S. Simão desta ferguesia e que em um ano de muita estiagem, em que secou o Neiva, o povo destas vizinhanças foi em procissão de penitência àquela ermida, voltando de lá às suas casas já debaixo de chuva e continuando esta salvaram-se as colheitas.

Em vista do milagre os moradores de Cossourado resolveram mudar a morada do seu santo protector do ermo onde estava para sítio mais central em que viviam.

Está esta capela, baixa mas bem proporcionada, cercada de adro, para o qual se sobe por um pequeno escadório.

Na fachada abre-se um nichozinho em que se venera a imagem em pedra do padroeiro.

No alto do monte, no sítio da capela de S. Simão, ficou um cruzeiro, onde o povo destas redondezas, nas ocasiões das grandes calamidades vai em procissão de penitência e clamores.

De tudo isto deduz-se que o facto é muito antigo e por isso e pelo seu mau estado de conservação na debandada dos mouros, embora fosse depois reparada, e pela corrosão do tempo, sempre crescente e cada vez mais acentuada por ser pouco frequentada ou quase abandonada depois da criação da nova freguesia e da construção de sua nova igreja paroquial, parece-me que essa trasladação não deve ir além deste século XIII e por isso a transcrevo agora.

Daqui originaram-se vários contos e lendas e o nome de «arrasta santos» com que os povos vizinhos gostam de mimosear os habitantes desta freguesia.

Contam que nessa ocasião quiseram obrigar S. Simão a caminhar por si e, não o conseguindo, arrastaram-no até cá baixo. Era no tempo das lavradas. Arreliados por lhes não obedecer, puseram-no à rabiça dum arado. Não se movendo do sítio começaram a bater-lhe e a chamar-lhe preguiçoso. Com as pancadas, a imagem começou a deitar pó e caruncho pela boca.

Ai !... tu bufas ? !... Espera que apanhas mais... Até que acabaram com ele à pancada e com maus tratos.

De tudo isto, só devemos presumir e deduzir o mau estado da imagem primitiva e a sua substituição por outra nova.

Mesmo depois da sua transferência para junto do Cruzeiro, continuam a fazer-se procissões de penitência ao alto do monte de S. Simão a impetrar o seu auxílio e protecção nas horas mais amargas e aflitivas.

Esta fé viva e confiança ilimitada do povo e a correspondência de

S. Simão aos seus brados e clamores derivam certamente das suas íntimas relações do passado, como seu primeiro orago e padroeiro, que nunca mais se desvaneceram.

Oxalá que estas memórias despretenciosas concorram para as reviver e afervorar.

POPULAÇÃO DE COSSOURADO NESTE SÉCULO XIII

Nas referidas Inquirições de 1.220 vemos que os ditos paroquianos desta freguesia : — jurati dixerunt quod ista ecclesia habet sesmarias XVII y casalia et medium. Et Carvoeiro VI y casalia. Hospitale I y casalia et quasdam entradas. Sanctus Romanus y casale». Na nossa linguagem de hoje deve dizer-se : — «ajuramentados, disseram que esta igreja tem sesmarias, dezoito casais e meio e Carvoeiro sete casais, o Hospital dois casais e algumas entradas, S. Romão um casal».

Todas as pessoas com a 4.ª classe sabem que sesmarias são terras de lavradio que deixaram de ser cultivadas e, para obviar a tão grande mal, o nosso rei D. Fernando publicou a Lei das sesmarias, obrigando os proprietários a cultivarem todos os seus terrenos, sob a pena de perderem os terrenos incultosos e todos os vadios a trabalharem nos campos.

Pelo visto em 1.220, mais de século e meio antes da Lei das sesmarias em 1.375, também em Cossourado havia sesmarias.

Nesse tempo Cossourado tinha vinte e oito casais e meio, mas dez casais e algumas entradas pertenciam a entidades que não eram desta freguesia.

Para melhor compreensão, vejamos o que nos diz o Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa a este respeito.

O casal era subdivisão das antigas vilas rurais e indicava primeiramente um lote de terreno pegado ou em parcelas dispersas onde podia viver e trabalhar pelo menos uma família, mas no mesmo casal podia haver duas ou mais famílias ou fogos.

Variava muito o tamanho do terreno constitutivo dos casais, mas considerava-se mais que suficiente o terreno correspondente a quatro vessadas ou geiras. O casal podia dividir-se ou manter-se embora aumentasse o número de fogos. Por idêntica razão, bastava metade de um casal ou ainda menos para a constituição de um fogo.

As quintas pertencentes a proprietários não lavradores com morada para o senhorio e caseiros, podiam, à semelhança dos casais, ter um ou mais fogos. Podiam abranger até mais de um casal. Outras vezes dividiam-se continuando habitadas as diversas parcelas. Os fogos, em vez de constituirem parcelas de casais ou quintas, cujos terrenos com a respectiva moradia formavam as freguesias, podiam estar dispersos pelas herdades reguengas, pelas dos próprios habitantes ou de proprietários estranhos e pelas quebradas.

Não admira que houvesse freguesias populosas sem nenhum casal. Os terrenos perderam a categoria de casais, ficando reduzidos à condição de fogos.

As Inquirições de 1.220 mencionam algumas casas de moradia mas omitem, regra geral, as moradias dos jornaleiros ou «cabaneiros» por esta classe social formar ainda então «uma espécie de clientela dos fidalgos e herdadores, vivendo geralmente na dependência das quintanas e casais destes». Porque havia sesmarias e todos ou quase todos viviam só da lavoura, eram certamente poucos os jornaleiros ou cabaneiros e por tudo isso julgo que os fogos não iriam além dos quarenta nem de duzentos o número total dos seus habitantes, contando grandes e pequenos. Nem admira, se atendermos às guerras e epidemias, às calamidades e devastações daquele tempo.

SEU RENDIMENTO PAROQUIAL

O Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa diz-nos que, não obstante serem obrigatórios os dízimos entre os judeus, os cristãos só começaram a pagar dízimas no século IV, mas ainda como oferta ou esmola voluntária e não como prestação obrigatória. Correspondiam, como entre os judeus, a décima parte dos frutos da terra, das árvores e dos animais, mas o seu quantitativo podia variar entre a sétima e a vigésima parte sem deixar de se chamar dizímos. No fim do século IV ou princípio do século V, tinham-se tornado obrigatórios no foro interno, como consequência da obrigação impsta por Jesus Cristo e S. Paulo (Mat. X, 9-10; Luc. X, 4-8 e 2.ª aos Cor. XI, 7-15 e 1.ª Tim. 18). Todavia no direito canónico universal só entraram desde que em 1123 e 1139 foram sancionados pelos dois primeiros concílios ecumnicos de Latrão. Pagavam-se apenas às igrejas paroquiais e só mais tarde passaram a pagar-se também a outras igrejas e mosteiros. A sua obrigatoriedade no foro civil começou na Gália em 779, data em que Carlos Magno pelo artigo 7 da Capitular de Heristell ordenou que se pagassem «Ut unusquisque suam decimam donet» — que cada um dê a sua décima ou dízimo — para indeminizar parcialmente a igreja dos bens que lhe tinham sido secularizados.

Na Península Hespánica os dízimos estavam em uso no tempo dos Visigodos, dos Muçulmanos e da Reconquista, mas apenas como oferto voluntária dos fiéis.

No século XI, porém, eram já um tributo universal obrigatório «exigible» não por Lei, mas por direito consuetudinário, afirma Jesus San Martin. Contudo até à segunda metade do séc. XII, deviam estar pouco generalizados entre nós porque são raramente citados. Depois das disposições dos Concílios de Latrão, foram considerados obrigatórios para todos os cristãos.

Nas ditas Inquisições de 1220 vemos noutro lugar que os referidos paroquianos «jurati dixerunt quod Rex non este patronus, nullum habet ibi forum,

C. M. B.
BIBLIOTECA

ergo quod dant est de ista ecclesia terciam de collecta». Na nossa linguagem de hoje quer dizer «ajuramentados, disseram que o Rei não é patrono, não tem aí nenhum foro, portanto o que dão é desta igreja o terço da colheita».

Como eram poucos os fogos e os parquianos, forçosamente deviam ficar sobrecarregados para a conservação da sua autonomia e do culto divino, mas sacrificarem-se até darem o terço de toda a colheita, nunca o acreditaríamos, se eles mesmos o não dissessem. Quem nos nossos tempos era capaz de tamanho sacrifício?

Rendimento e tributos desta freguesia de Cossourado até ao século XVI

Esses rendimentos e tributos eram pagos em cereais, vinho, azeite, animais, principalmente galinhas, pano, ferro, ou dinheiro. Já falamos deles dum modo geral, mas, para melhor compreensão, convém apresentar alguns referentes a esta freguesia.

Antes, porém, vou resumir o que nos diz o Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa das medidas, moedas e números daquele tempo.

A capacidade das medidas variava muito de terra para terra, mas o moio indicado nestes censuais era de vinte e quatro alqueires e o quarteiro de seis alqueires.

O quinal era medida de líquidos e levava cinco puçais e também variava muito de terra para terra. No pagamento das dádivas só tinha quatro puçais e equivalia ao moio (24 almudes) e ao quarteiro (6 almudes).

O moio de centeio vendia-se em 1.123 em Guimarães por 28 bragais. O bragal no território bracarense podia ter sete varas (7,^{m}70) ou oito côvados (5,^{m}28).

Na idade média estavam em uso três variedades de tecido de linho: — o bragal, o pano e o lenço. O bragal era mais grosseiro e mais barato. Uma vara valia um soldo ou três riais e sete pretos e meio, preço duma boa galinha. O lenço era o tecido mais fino, espécie de linho-bretanha, e valia quatro soldos. O bragal costumava ter sete varas mas podia ter mais ou apenas oito ou até seis côvados. Os ferros podiam ser de arado, de lança etc., mas geralmente eram ferraduras, já feitas ou ferro para elas.

Havia três espécies de moedas diferentes com o nome de rial: — o rial de prata, o real branco e o real preto. O primeiro era de prata fina e valia vinte e três riais ou reis brancos e três pretos. O rial branco só tinha um quarto de prata fina e estanho e valia dez riais ou reis pretos. Estes eram só de estanho.

O marco valia mil e quinhentos reais ou rei e tinha oito onças ou vinte libras ou quatrocentos soldos. Portanto a onça valia cento e oitenta e sete reais e meio, a libra de prata valia setenta e cinco reais ou reis e o soldo valia doze dinheiros ou três reais e sete pretos e meio. O dinheiro valia três pretos e oitavo de preto. Resõ é sinónimo de meio. Portanto três marcos e resõ são três marcos e meio, quatro onças e resõ são quatro onças e meia, cinco libras e resõ são cinco libras e meia, seis soldos e resõ são seis soldos e meio, sete riais ou reis e resõ são sete reis e meio. Havia ainda o maravidi que era uma moeda gótica e valia vinte e sete reais ou reis. Quando se fala em reais ou reis sem outra designação, trata-se de reais ou reis brancos.

Os números, em vez de algarismos, eram representados por letras. Assim um — I, dois — II, três — III, quatro — IIII, cinco — b, seis — bI, etc., dez — X, onze — XI, doze — XII, treze — XIII, etc., quinze — Xb, dezasseis — XbI, dezassete—XbII, dezoito—XbIII, dezanove — XbIIII, vinte — XX, vinte e um — XXI, etc., vinte e cinco — XXb, vinte e seis — XXbI, etc., até trinta — XXX, trinta e um — XXXI, etc., até quarenta — R, quarenta e um — RI, quarenta e cinco — Rb, etc. até cinquenta — L, cinquenta e um — LI, cinquenta e dois — LII, cinquenta e cinco — Lb, cinquenta e seis — LbI, etc. até sessenta — LX, sessenta e um — LXI, sessenta e cinco — LXb, sessenta e seis — LXbI, etc., até setenta — LXX, setenta e um — LXXI, setenta e cinco — LXXb, setenta e seis — LXXbI, etc., até oitenta — LXXX, oitenta e um — LXXXI, etc. até noventa — LR, noventa e um — LRI, etc., até cem — C, cento e um — CI, cento e cinco — Cb, cento e dez — CX, cento e vinte — CXX, cento e vinte e um — CXXI, cento e vinte e seis — CXXbI, cento e trinta e dois — CXXXII, cento e trinta e oito — CXXXbIII, cento e quarenta e três — CRIII, cento e cinquenta e nove — CLbIIII, cento e noventa e seis — CLRbI, duzentos — CC ou IIC, quinhentos — b,C, mil — I, dois mil — II, etc.

Posto isto, é agora ocasião de interpretarmos todos os outros números incluídos no número 400 em que o Snr. Dr. Avelino de Jesus Costa resume tudo o que se refere à nossa freguesia de Cossourado. Chamo a atenção para esse resumo publicado no mês de Outubro a meio da página 14.

Comecemos pelos números 306 e 358 já citados e apresentados em primeiro lugar no número 400.

O primeiro é tirado do Censual do Cabido de Braga de 1369 a 1380 e indica-nos o censo pago por esta freguesia àquela Entidade. Apresento-o, como lá se encontra: —

«306 — It. Da igreja de Cossoyrado de censo seys maravidis e dez e oyto soldos em Aguiar de Nevha».

Diz-nos que também recebiam da igreja de Cossourado em Aguiar de Neiva seis maravidis e dezoito soldos de censo.

Feitas as contas, eram duzentos e vinte e nove reais e meio. Parece-nos hoje uma insignificância, mas ainda no meu tempo de criança, em que já não

havia nenhuma moeda de real e muito menos de meio real — a moeda preta mais pequena era de cinco reis e a branca de tostão ou cem reis — quase chegava para pagar três dias de trabalho a uma jornaleira. Os bons jornaleiros ganhavam a tostão ou 100 rs por dia e as mulheres a quatro vintens ou 80 rs. Mas, para melhor avaliarmos o seu valor naquele tempo, basta lembrar que se comprava uma boa galinha por menos de quatro reais, como já vimos a respeito do linho. Também este era um dos tributos mais pequenos.

O segundo é tirado do Censual de D. Jorge da Costa, mais conhecido por Censual de D. Diogo de Sousa, de 1493. Numa nota diz-se que este censual é, com pequenas alterações, tradução do Censual do século XI.

«305 — It. A igreja de Cosoirado	XXX libras
que sam em prata	marco e meio
E prestemos	XbII libras
que sam de prata	bII onças I reall e resõ
Esam em dinheiro com murturas	TTT bI c LRbIII rs
E de dezemas de searas	L.tars

Procurei reproduzi-lo como lá se encontra e nos nossos algarismos é como segue:

358 — Também a igreja de Cossourado	30 libras
que são em prata	marco e meio
E préstimos	18 libras
que são de prata	7 onças e real e meio
E são em dinheiro com murturas	3.698 rs.

Para compreenderem bem a explicação dos restantes números aconselho os meus leitores a verem o seu resumo publicado no Boletim Paroquial de Outubro sob o número 400 em que o Snr. Dr. Avelino de Jesus resume tudo o que pôde encontrar ou saber a respeito de Cossourado.

Já vimos todos os outros números até ao 1220. Neste diz-nos que podemos ver mais referências a Cossourado nas Inquirições desses anos. Delas já extraimos as referentes ao Abade que matou o Comendador, aos casais e presumível população, etc.

Em 1258 encontram-se mais referências a Cossourado nas Inquisições de D. Afonso III, em Portugaliae Monumenta Histórica, na Torre do Tombo.

Não pude ainda consultar esses documentos mas em «Aquem Cavado» nem uma citação interessante que publicarei no próximo número.

O número que fala das duzentas e dez libras é uma referência tirada do «Catálogo das Igrejas» que eu também não tive ocasião de consultar.

A de 1371: — «Igreja de Cossourado no primeiro triénio 15 libras, encontra-se em Rationes Decimarum Lusitaniae».

A de 1528: — «Cossourado rende 70 libras, corrigido depois para 90 libras, segundo uma nota explicativa, encontra-se no Livro dos Benefícios e

Comendas. Este deve ser o rendimento paroquial daquele tempo, mas em libras-ouro que a 4.500 rs, totalizava 315.000 rs no primeiro caso e 405.000 rs no segundo».

Noutro lugar da citada obra aparece ainda o seguinte: — «400 De Sancto Jacobi de Cosoirado III modios».

Não consegui saber a quem Sant'Iago de Cossourado pagava os 3 moios que totalizavam 172 alqueires ou taleigas.

O voto era um tributo anual duma medida de pão e outra de vinho, pago à Igreja de Compostela por cada junta de bois que lavrassem a terra. As medidas variavam muito de terra para terra. Numas pagavam um almude de vinho e um alqueire ou taleiga de pão. Noutras um seisteiro, metade vinho e metade pão, isto é, dois almudes de vinho e dois alqueires de pão por cada fogo. Noutras ainda pagavam de três a quinze dinheiros portugueses velhos ou duas oitavas de pão (seis alqueires) e havia casos em que os votos eram pagos por pessoa.

O nome da nossa freguesia aparece nesses documentos com todas estas variantes: — Cossourado, Cosoirado, Cosoirados, Cosoirato, Cosoyrado, Cossoyrado, Cossoirado, Cossoirados, Cossoirato, Cossorrados, Cossoyrados, Cussuirado, Cussuirato, Cussuiratu, Cussuriadu, Quosoirado. Faz-me lembrar a minha tia Libánia que nunca pôde pronunciá-lo direito. Mas ele não é assim tão arrevesado.

Confraria das Almas e Capelas desta freguesia.

Sem lhe podermos determinar com certeza o ano, nem sequer o século da sua instituição, temos de concordar que a Confraria das Almas desta freguesia de Cossourado é muito antiga e talvez até da Época Medieval.

Ao descreverem o Altar das Almas desta freguesia, as referidas Memórias Paroquiais de 1758 concluem assim: — «em cujo altar está instituida hua antiga e grande Yrmandade».

Há mais de duzentos e dez anos, já ela e só ela era considerada uma antiga e grande irmandade e por isso muito anterior a todas as outras. Ora a do Santíssimo Sacramento já em 1715 mandou fazer a Tribuna à sua custa, como veremos quando lá chegarmos. Por isso ela deve ser pelo menos do século XVII ou mesmo anterior.

Se em meados do século XVIII só a Confraria das Almas é considerada antiga, deve ser muito anterior à do Santíssimo Sacramento.

Além disso já nesse século XVIII nos aparece como uma grande confraria e com fôlego bastante para conseguir do Papa dois Breves que muito a honram e dignificam, como veremos quando lá chegarmos.

Daqui também podemos concluir que a devoção das Almas do Purgatório é muito antiga e está muito arraigada no coração deste povo.

Também as capelas desta freguesia devem ser desta época, excepto as da Cadavosa e de S. Simão que são muito mais antigas. De cada uma delas falaremos na ocasião própria para evitarmos repetições desnecessárias e fasti-

diosas. A sua evocação neste momento é só para realçar a fé, a coragem e abnegação deste povo, que, arrostando, vencendo e superando todas as dificuldades para a fundação da sua nova freguesia e construção da sua igreja e residência paroquiais, logo passou do essencial ao acidental, e ainda encontrou forças para instituir uma confraria das almas bem organizada e edificar algumas capelas.

Cossourado no século XVI

Em 1575 os rapazes desta freguesia legaram-nos um padrão imorredouro da sua fé e devoção. É o Cruzeiro Paroquial que o Snr. Dr. Teotónio da Fonseca descreve desta maneira: — «Em um largo, atrás da igreja distante desta uns cem metros, ergue-se o Cruzeiro Paroquial, belo padrão que denota muita antiguidade.

Compõe-se de uma coluna lisa com capital bem talhado e cruz de hastes redondas. Parece que veio este cruzeiro para aqui doutro lugar não só pela inscrição que adiante copiamos, mas ainda pelo pedestal em que assenta, que é de época relativamente recente. Na base virada ao norte tem a data de 1575: ao poente: ESTA OBRA FIZERO OS MANCEBOS ao lado sul: DE COSORADO POR DEVACÕ e ao nascente: REEDIFICOVCE ANO 1712.

O nosso Cruzeiro Paroquial é, pois, do terceiro quartel do século XVI e foi feito pelos mancebos desta freguesia de Cossourado para atestar a sua fé e devoção a todos os seus vindouros através dos tempos. E já lá vão quase quatro séculos!...

Que grande lição e lindo exemplo nos dão os rapazes desse tempo que eram talvez menos dum terço dos actuais e não tinham as suas facilidades, recursos e regalias, vivendo exclusivamente duma agricultura muito atrasada e pobre. Apesar disso souberam unir-se e sacrificar-se para darem testemunho da sua fé e devoção através de todos os tempos.

Quanto não podiam fazer os nossos rapazes de hoje, unidos como eles por um ideal cristão, em vez de malbaratarem o tempo, a saúde e o dinheiro em leviandades e torpezas!

Este Cruzeiro perdeu muito da sua elegância e simetria com a sua deslocação por causa da estrada, como veremos quando lá chegarmos.

Segundo o Snr. Dr. Teotónio da Fonseca, a população desta freguesia de Cossourado neste século era de noventa e um moradores. Certamente refere-se a moradas ou casas e portanto a famílias ou fogos.

A renda de setenta libras, corrigida depois para noventa, que se encontra no Livro dos Benefícios e Comendas e eu julgo ser o rendimento do Benefício Paroquial em libras-ouro é de 1528 e portanto já do segundo quartel deste século. Sendo assim, regulava entre trezentos e quinze e quatrocentos e cinco mil réis.

Embora no fim das Memórias de Cossourado tencione corrigir todas as gralhas num aditamento, as deste número de Fevereiro são tantas e tão graves que não podem ficar para essa ocasião sem uma explicação.

Só na revisão em Braga notei o desaparecimento dum linguado e tive de recompô-lo de memória e à pressa para não retardar o jornal. Daí, além doutros defeitos e faltas, deu aso a várias repetições principalmente referentes ao número 400. Os milhares, que deviam ser indicados por dois traços, um vertical, encimado por outro horizontal, juntos mas separados, apareceram com a forma do tê e as centenas, indicadas pelo cec em expoente, apareceu ao nível das letras que figuravam algarismos, assim como o tars, expoente da letra que figuravam como cincoenta, apareceram também ao mesmo nível e faltou a sua tradução: — «E de préstimos 50 reis».

Eis a citação de Aquem Cavado, referente a esta freguesia: — «In judicato de Aguiar — item, in parrochia Sancti Jacobi de Cossoyrados = El Rei non est padron et que est Couto per padroes. Item dixerunt que os omees deste devandito Couto vam in anuduva del Rey; et se fazem caomia fora do Couto pectam al Rey a meya e outra meya ao senor do Couto et estes devanditos non vam in anuduva, nem pectam voz nem calumpnia, et escusam-se per estes devanditos amadigos».

Ainda sairam 172 alqueires em vez de 72 dos três moios que levavam 24 cada.

Cossourado no século VII

Como padrão deste século, temos o Cruzeiro do Giestal, assim descrito pelo Snr. Dr. Teotónio da Fonseca: — «No lugar do Giestal há um Cruzeiro bem proporcionado em cima dum pedestal com cinco degraus, coluna lisa e capitel.

Na base da coluna do cruzeiro tem a data 1680. Dizem que este cruzeiro pertencia à capela de Santa Marta».

A respeito desta capela, as Memórias Paroquiais de 1758 dizem o seguinte: — «Há mais... E a capela de Santa Marta no lugar do Giestal junto à quinta deste nome, e os possuidores da quinta se apropriarão desta capela».

Ficamos a saber que a capela de Santa Marta também pertencia à freguesia de Cossourado e dela se apropriaram os possuidores da quinta do mesmo nome.

Quando e como terá acontecido isso?

Os três sacerdotes, que o subscreveram, afirmam-no como certo e sem a menor sombra de dúvida, como acontecimento do seu inteiro e perfeito conhecimento, como facto seu contemporâneo.

A data do cruzeiro não pode coincidir de modo algum com a construção

da capela porque ninguém se atreveria a apoderar-se dela, se recentemente tivesse sido edificada pela freguesia. Isto só prova que já naquele tempo (século XVII) a capela era muito antiga, talvez mesmo da Época Medieval, como afirmei ao tratar desse período.

O cruzeiro, porém, é de 1680 e, levantado num cruzamento de três caminhos, mostra bem que é da freguesia, mas, segundo a tradição, resumida e arquivada pelo Snr. Dr. Teotónio da Fonseca numa simples palavra — dizem —, ele pertencia à capela de Santa Marta. Isto só comprova que a capela também pertencia à freguesia, como afirmam as Memórias de 1758 e que a sua apropriação por parte dos possuidores da quinta foi depois de 1680.

Do exposta parece-me lícito formular a seguinte hipótese:

É provável que nessa ocasião, ou pouco antes os possuidores da quinta começassem a manifestar os seus intentos malévolos e, para lhes quebrar toda e qualquer veleidade e perpectuar para sempre a verdadeira pertença da capela, a freguesia de Cossourado mandasse erigir esse cruzeiro no lugar onde costumavam chegar as procissões das suas festas.

Tal facto deve ter sido contraproducente e precipitado os acontecimentos. Desmascarando-se completamente, os possuidores da quinta apropriaram-se da capela, de todo o seu recheio e pertenças.

Perante tanta maldade e atrevimento e para se não enredar com questões e demandas e para evitar trabalhos e despesas incalculáveis, a freguesia preferiu perder a capela.

Mas o Cruzeiro ficou intrépido e firme a reprovar implacável e eternamente, no seu silêncio sepulcral, esse abuso escandaloso e sacrílego, que, apesar disso, abriu caminho a vários outros, como veremos. Houve, no entanto verdadeiro e completo rompimento com a freguesia que deixou de colaborar nas suas festas, acabando por desaparecer. Não me consta de festa alguma na capela de Santa Marta.

Diz o Snr. Dr. Teotónio da Fonseca que neste século XVII havia nesta freguesia cento e oitenta e cinco vizinhos. Se vizinhos querem dizer fogos, como penso, ouve aumento substancial, quase do dobro.

ALFERES JOÃO BARBOSA PEREIRA, O DECEPADO

Deve ser desta época (guerras da Restauração) o facto narrado pelas Memórias de 1758:

«Nesta freguesia foi nascido hum João Barbosa Pereira, filho de outro do mesmo nome, que chegando a ser alferes nas guerras passadas em hua batalha com os castelhanos defendeu a bandeira Real até lhe cortaram as mãos, e os braços, e não tendo já mãos pegou com os dentes para eterna memória da fidelidade Portuguesa, e neste tempo chegou um de cavalo dos nossos, e lhe arrancou a Bandeira, e vendo ele que ficava nos nossos mostrou contentamento e lhe tirarão a vida».

Sendo assim, é uma cópia fiel do alferes D. Duarte de Almeida, o Decepado na batalha de Toro em 1-3-1476. Nem por isso desmereceu a sua coragem e heroísmo.

Há, porém, uma grande dúvida. É que estas guerras não foram com Castela mas sim com a Espanha já inteiramente unificada e as Memórias Paroquiais por um lado dão a entender que foi realmente nesta ocasião porque afirma — «nas guerras passadas mas por outro lado fazem supor que seja muito anterior porque dizem «em hua batalha com os castelhanos».

Cossourado no século VIII

Quatro factos gravados no granito atestam a pujante vitalidade espiritual desta freguesia de Cossourado no século XVIII.

O primeiro é a reconstrução do Cruzeiro Paroquial em 1712 como consta da inscrição do lado nascente da sua base, já por nós acima transcrita.

Do ano de 1714 há duas inscrições. Uma numa pedra da antiga tribuna do altar-mor a declarar que essa tribuna se fez à custa da Confraria do Santíssimo Sacramento e a outra na face poente do altar do Senhor dos Passos, por cima da pia de água benta da porta transversal voltada para o sul, a perpetuar que a aquela capela ou oratório se fez à custa duns devotos, naturais desta freguesia e moradores em Lisboa. Deram mais a túnica, o resplendor de prata e cortinas.

Ei-las na íntegra e como lá se encontram:

ESTATRI
BVNASE
FISACVS
TADACÕ
FRARIA
ANNODE
1714

ESTACA
PELASE
FESACV
STADE
HVSDE
VOTOS
NATVR
AISDE
TAFG.A
EMORA
DORES,E
MLX.AE
EDRAOM
AISTVNI
CA.RES
PLAND
OR,DEP

RATA.CO
RTINAS
NO
ANNO
DEI7I4

A primeira manifesta o zelo e fervor da Confraria do Santíssimo Sacramento com o esplendor do culto ao Santíssimo Sacramento e com o decoro e engrandecimento do seu altar e capela-mor; que, não se contentando com as reparações ordinárias e despesas obrigatórias, se abalançou a uma obra de vulto.

A segunda transmite à posteridade a devoção e bons sentimentos duns emigrantes desta freguesia de Cossourado daquele tempo que, tendo de ir ganhar a vida para Lisboa, longe de perderem a Fé ou de esquecerem ou engeitarem a sua terra, quiseram oferecer à sua igreja paroquial o oratório ou capela dos Senhor dos Passos, com túnica, resplendor de prata e cortinas.

Que belo exemplo e boa lição para os nossos emigrantes que actualmente andam a ganhar a vida por esse mundo fora não só na Capital ou outras terras de Portugal, mas também no estrangeiro — Brasil, França, Argentina, Venezuela, etc. !...

Esse pequeno grupo anónimo, encobrindo as suas pessoas e omitindo os seus nomes, para só legarem às gerações vindouras a sua fé e devoção em Deus e o seu amor e dedicação à sua terra natal, é uma condenação muda mas eloquente de todas as vaidades loucas e ridículas que, de todo e qualquer pequeno bem, feito por eles, procuram auferir honras e louvores imerecidos !...

O quarto facto assinala o zelo e ardor da Confraria das Almas de Cossourado que chegou a Roma e obteve do Santo Padre dois grandes e honrosos previlégios, fontes perenes de graças e bênçãos em favor dos seus confrades falecidos.

O primeiro destes previlégios consta duma inscrição gravada na primeira coluna do lado do evangelho (norte) a declarar que em qualquer altar desta igreja, em qualquer dia são previligiadas as missas de defunto que dos seus estatutos manda dizer a Confraria das Almas pela alma de qualquer seu confrade, por decreto concedido para sempre do Santo Padre Bento XIV em 22 de Setembro de 1749.

Ei-la na íntegra e como lá se encontra :

EMQUALQ.RALTAR
DESTAIGR.AEMQUAL=
Q.RDIASAMPRIVILE=
GIADASASMISSAS
DEDEF.OSQ.DOSSEUS
ESTATUTOSMD.ADI=
ZERACONFR.ADAS

ALMASPELAALMA
DEQUALQ.RSEUCON=
FRADEPORDECRETO
CONCED.OP.ASEMPRE
DOS.P.BENED.OXIV
EM22DE7BR.ODE1749.
ANNOS

O segundo previlégio consta dos estatutos e foi concedido por Sua Santidade o Papa Pio VI pelo Breve de 22 de Abril de 1799.

Por ele os confrades desta confraria podem lucrar indulgência plenária cinco vezes no ano, isto é, no dia dois de Novembro, no sábado de Lázaro, antes do domingo da Paixão, no segundo domingo de Maio, segundo domingo de Julho e quarto domingo de Setembro, se, penitentes, confessados e refeitos com a sagrada comunhão, visitarem a igreja desta freguesia e aí orarem devotamente pela paz e concórdia entre príncipes cristãos, extirpação das heresias e exaltações da Santa Madre Igreja.

É agora também ocasião de publicar as memórias paroquiais desta freguesia de Cossourado-Barcelos, escritas e assinadas por três sacerdotes desta freguesia em 1758 para o Dicionário Geográfico que, por várias causas, entre elas a morte permatura do seu autor P.e Luís Carvalho, não chegou a ser publicado, e se encontram arquivadas na Torre do Tombo.

Já muito nos esclareceram na questão da Cadavosa e acerca das restantes capelas. Só por isso bem mereciam ser conhecidas de todos os Cossouradenses. Passados, porém, mais de duzentos anos, todas elas se revestem de grande interesse e curiosidade sob vários e diferentes aspctos para todos nós.

Por todas essas razões e como desmentido categórico às falsas e tendenciosas insinuações de não passarem de meras fábulas e puras lendas sem valor algum histórico e real, vou publicá-las integralmente duma cópia tirada do original. Além de tudo mais, valem bem por uma monografia de Cossourado.

São como segue :

FREGUEZIA DE S. TIAGO DE COSSOURADO DO TERMO DE BARCELOS, E ARCEBISPADO DE BRAGA

1. — Esta freguesia se chama no tempo presente Cossourado, e antigamente se appellidava Courado, e fica quasi no meyo da Provincia Dentredouro, e Minho; no Arcebispado de Braga Primaz; comarca, e termo da villa de Baacellos. 2 — He terra do Dominio da serenissima caza de Bragança. 3 — Tera cento, e oytenta vezinhos, ou fogos; seiscentas, e sincoenta pessoas entre mayores e menores pouco mais, ou menos. 4 — está situada em hum vale começando nas fraldas de hum monte, que a cobre da parte do Nascente, e continuando o valle para o Poente, Norte, e Sul, lhe ficão confrontando; e partindo as

freguesias seguintes: da parte do sul a freguesia de S. Martinho de Aborim, e a de Santa Maria de Quintiães; do Poente Santa Lucrecia de Aguiar; e do Norte a de S. Martinho de Ballugães, e a de São Tiago de Poyares, que todas se avistão, e ficão emidiatas; e entre Norte, e Nascente partem com esta de Cossourado as freguezias de Santa Maria de Ardegão, e de S. Martinho de Mondim de Pangue, e esta mais ao Nascente; e se avistão; e mais entre Nascente, e Sul fica partindo a freguesia de S. Tiago do Couto, mas não se avista por impedimento dos montes, que entremedião.

Aquelas freguesias de Aborim, de Quintiães, e de Santa Lucrecia de Aguiar cercão outros montes que correm do sul para o Poente, e aqui deixão huma entreaberta por modo que para esta parte do Poente desta freguesia se descobre distancia de mais de duas legoas: a saber a freguesia de S. Lourenço de Dorrãis, e a de Santa Maria de Carvoeyro convento de frades Bentos, ambas em distancia de meya lego; a freguesia de S. Pedro do Couto de Capareiros, e de Santa Maria de Tragosa, que distão hua legoa; a freguesia de S. Miguel de Alvarãis em distancia de lego e meya; a freguesia de villa de Punhe, e de S. Romão de Neyva convento dos frades Bentos em distancia de duas legoas; e alguns montes da freguesia de S. Tiago do Castello de Neyva, e alguma parte das areas do mar em distancia de duas legoas e meya; e para o Norte se avistão mais a freguesia do Salvador de Navio em distancia de meya legoa, a de Santa Andre de victorinho dos Piães em distancia de huma legoa; e entre Norte e Nascente a freguesia de S. Julião de Freixo em distancia de meya legoa; e do mais alto dos montes desta freguesia se comprehende com a vista muitas mais terras até o Bom Jesus assima de Braga, a Ribeyra de Penella e outras até a distancia de tres ou quatro legoas.

5 — Está esta freguesia, como disse, no termo de Barcellos, e pertence ao julgado da Aguiar, que se rege pelas justiças de Barcellos onde ha juiz de Fora, ouvidor, e juiz de Fora dos orphãos, onde entra com sua jurisdição o Provedor da villa, de viãna, e são aquelas justiças do dominio e provasão da serenissima casa de Bragança, que hoje se acha unida a Casa Real; e julgão com alcava.

6 — A igreja Paroquial desta freguesia está situada dentro, e bem no meyo della, que comprehende trinta, e hum lugares, ou aldeas, a cujos moradores administra os sacramentos o Paroco, os quais lugares se chamão: *Cadavosa* com sete moradores, *Navio* com 15, *Paço* com 3, *Bouças* com 8, *Forjão* com 6, *Grimancinhos* com 16, *Avelleyra* com 3, *Quintella* com 5, *Barreyro*, com 4, *Pdrosas* com 3, *Armel* com 6, *Folão* com 3, *Canudos* com 5, *Pouzada* com 5, *Pedreyra* com 5, *Orade* com 4, *Poça* com 2, *Revorido* com 3, *Monte* com 7, *Souto* com 7, *Portella* com 3, *Giestal* com 14, *Revolta* com 4, *Agrello* com 10, *Gandra* com 6, *Lavandeyras* com 6, *Carregal* com 4, *Eyró* com 4, *Maceyra* com 5, *Corredoura* com 3, *Igreja* com 6 moradores.

7 — O Padroeyro e Orago della he o Apostolo S. Tiago Padroeyro das Hespanhas; e he Igreja grande adornada com seis altares ho mayor esta collo-

cado o sanctissimo sacramento da Eucharistica com imagens aos lados; no do Evangelho estão duas imagens do Padroeyro S. Tiago Mayor hua grande outra pequena, e no da Epistola a imagem de S. Bento e a de S. Francisco Xavier, e por sima no meyo a imagem do Menino Jezus muito linda; e tem sua tribuna, e retabulo dourado, e estofado, e toda a capella Mor em que esta este altar èsta pintada em quadros no tecto comas efiges dos Apostolos e S. Luis Rey de França e no meyo o quadro do Sanctissimo sacramento; tem dentro tres alampadas hua no meyo de prata formosa que alumia continuamente diante do Sacrario que administra a confraria do Senhor hua de S. Tiago, e outra do Subsino, ou do Menino Jezus que ardem nas festas, e tem mais dous Anjos em vulto abaixo do altar aos lados com bellas nas mãos; e tem sua sanchristia ao lado, e parte do Evangelho com hum Santo Christo no meyo e vestuario dos ornatos dos Reytores com seu almario para os calices, missaes e livros, e seu lavatorio. Esta capella Mor, e sanchristia administra o Comendador.

Abayxo do Arco Cruseiro a parte direita, e do Evangelho se segue o altar da Bella Cruz com a imagem do Senhor Crucificado grande, no meyo, e aos lados as imagens de Santa Luzia, e de Santa Quiteria.

Da mesma parte se segue no principio, e fronte da nave o altar de Nossa Senhora do Rosario com hua imagem grande da mesma senhora, e outra pequena, que chamão da senhora dos Remedios; e logo em hum arco da parede se segue o altar das Almas, que tem no meyo a imagem de S. Miguel Archangelo em vulto, e aos lados as almas pintadas no Purgatorio, em cujo altar esta institutida hua antiga, e grande Irmandade das Almas. Da parte da Epistola, imediato ao mesmo arco está o altar de São Sebastião, que tem no meyo a imagem deste glorioso Martyr, e ao lado direito São Francisco de Assis, e ao esquerdo Santo Antonio de Padua. E logo se segue o altar do Senhor dos Passos metido em arco na parede com Imagem de Christo com a crus as costas muito perfeita; e todos estes seis altares estão dentro na Igreja com suas alampadas diante, que por todas são.

Tem hua so nave da parte do Evangelho e da parte de Epistola esta hua sanchristia para a fabrica das Irmandades com porta, para dentro da Igreja; tem coro e torre de sinos, em que estão, e tocão tres sinos, hum grande da Irmandade das Almas, e dous pequenos da freguesia tem pia Baptismal, e tres de agoa benta de pedra, duas portas collateraes, e a principal virada para o Poente; e he feita toda a Igreja de cantaria ao antigo, e bem segura. Ha nella quatro Irmandades ou confradias a saber: a do sanctissimo sacramento, de Nossa Senhora do Subsino chamada vulgo, do Saco, e a das Almas; e somente esta he da jurisdição ordinaria confirmada, e authorisada pelos senhores Prelados, e as outras tres são leigas. He visitada esta Igreja pelo Senhor ordinario, ou por seus visitadores, a custa da commenda.

8 — O Paroco desta Igreja ao prezente se chama Reytor, e antigamente Abbade; e he da Appresentação, e collação ordinaria dos senhores Arcebispos de Braga com alternativa com a Sé Apostolica o Pároco prezente he Luis da

Costa Teyxeyra provido por concurso synodal pelo dito Senhor ordinario. Tem de renda certa quarenta mil reis que se lhe pagão dos fructos da renda, e o pe do altar, que rendera hum anno por outro sessenta mil reis; ao todo cem mil reis pouco mais ou menos. A renda dos fructos se custuma arendar livre para o commendador por quatrocentos e tantos, ate quinhentos mil reis e o presente rendeiro acolhe por quinhentos mil reis alem dos encargos, que importarão em cem mil reis. Toda esta renda, e fructos pertencião aos Abbades desta Igrja, e por tradição, se dis, que vindo o primeiro commendador a tomar posse, e entrodusir-se nesta commenda tiverão pendencia, e matara o Abbade o ditto Commendador em defeza do seu direito, e dipois disto para o tal Abbade çeder a favor de outro, parente dos Biscondes de Ponte de Lima deu o mesmo Biscon-de outra Igreja do seu Padroado de maior renda ao mesmo Abbade, e ficou esta em commenda, cuja esta de presente em o Conde de Villa Flor por merce de El Rey nosso Senhor, e havendo bulla Apostolica para isso, será por motivo de millitar nas conquistas de Affrica contra os inimigos da fé catholica, ou por outro fim espiritual, que constara da mesma bulla, que me disem fora condicional, e temporal.

9 — Não ha beneficiados somente appresenta o Reytor hum cura, ou coadjutor com a congrua de quatorse mil reis pagos da Commenda. 10 — Não ha conventos, 11 — Hospital, 12 — nem casa de Misericórdia. 13 — Ha no destricto desta freguesia cinco Capellas: a saber a *de Nossa Senhora da Cadavosa, que foi antigamente Paroquial Abbadia com o titulo de Santa Maria da Cadavosa,* e por tradição se conta que hum Abbade della (outros dizem que hum heremitão) no tempo da invasão dos mouros fugira levando a imagem da virgem sanctissima, e se ocultara nos montes de Bouro para as partes do Girez onde falecera fasendo vida eremitica, ficando a devotissima Imagem naquelas brenhas, onde dipois fora descuberta por disposição do ceo, e fasendo muitos milagres se lhe edeficou hum sumptuoso templo onde se venera com o titulo de Nossa Senhora da Abbadia; e he huma das mais celebres romarias deste Reyno, e são seus administradores os Religiosos de S. Bernardo do Convento de Bouro, os quais são direitos senhores de hum praso junto a mesma capella, cujas terras erão passal dos Abbades daquela Igreja de Santa Maria da Cadavosa, e dentro de huma tapada do tal praso junto a capella estão os vestigios das casas da residencia do dito Abbade e os pessueiros do dito praso são administradores da capella.

Ha mais a capella de Santa Anna junto ao lugar de Grimancinhos. A capella de S. Simão junto ao cruzeiro desta Igreja, a qual disem se transferira para ahi do alto do monte de S. Simão, onde antigamente estivera, e neste monte ficou huma cruz de pedra que o tempo destruio ficando a àste e pedrastal sobre huns penedos, e ha poucos annos se reformou outra cruz sobre outro penedo por tras daquela, o qual penedo disem servia de firmar o altar do Santo e ahi tem devoção os moradores desta freguesia hir com clamores pedir ao sancto o tempo de que nececitão, de chuva, ou sol, e conseguem maravilhosos effeitos.

Ha mais a capella de Nossa Senhora do Crasto sita em a gandra do Castro com a imagem da Senhora da Conceição. E a capella de Santa Marta no lugar do Giestal junto a quinta deste nome, e os pessuidores da quinta se apropriarão desta capella; e todas estas capellas, ou ermidas tem imagens de vulto de suas invocacoens, somente a de Santa Mariada Cadavosa a tem pintada em hum quadro, e não lembra ao presente ouvesse outra de vulto, o que ajuda a confirmar, o que assima refiro de levarem a imagem, por não ser ultrajada dos Mouros.

14 — Em nenhuma dellas ha romaria de concurso grande.

15 — Os fructos que nesta terra se recolhem em mais abundancia, são milhão, milho alvo, centeyo, e painco, vinho verde, feijão, e fructas sufficientes. 16 — He subjeita no temporal às justiças de Barcellos, onde ha juis de Fora ouvidor, e juis de Forados orphãos, e camera postos pela caza de Bragança, e entra por correição o Provedor de Viana; e no espiritual he subjeita as justicas Eclesiasticas de Braga. 17 — Não tem couto, nem he cabeça de concelho.

18 — Nesta freguesia foi nascido hum João Barbosa Pereira filho de outro do mesmo nome, que chegando a ser Alferes nas guerras passadas em huma batalha com os castilhanos defendeo a bandeira Real até lhe cortarem as mãos, e os braços, e não tendo já mãos pegou com os dentes para eterna memoria da fidelidade Portuguesa, e neste tempo chegou hum de cavallo dos nossos, e lhe arrancou a Bandeira, e vendo, elle, que ficava nos nossos mostrou contentamento e lhe tirarão a vida.

De prezente serve a El rey o capitão de pifaria (sic) Francisco de Sousa Caldas natural desta freguesia, que tendo andado no serviço Real mais de sincoenta annos bem mostrou o gosto, com que dezeja servir tam grande Monarca, fazendo que sinco filhos seus assentassem praça voluntariamente no serviço Real, que actualmente estam servindo.

19 — Não ha aqui feira alguma. 20 — o correyo, de que se serve esta freguesia hé o da Villa de Barcellos, que dista daqui duas legoas, o qual sahe na sesta feira para o Porto, e se recolhe no Domingo de cada somana, para a dicta vila.

21 — Esta freguesia fica em distancia de tres para quatro legoas da cidade de Braga capital do Arcebispado; e da de Lisboa capital do Reyno sessenta legoas; e fica entre quatro povoados a saber: Braga ao nascente, Viana ao poente, Ponte de Lima ao norte todos em distancia de tres legoas pouco mais ou menos, e Barcellos ao sulem distancia de duas legoas. 22 — Não tem privilegios. 23 — Tem muitas fonte de boa e fresca agoa, e não sei que em alguma haja virtude particular; nem que haja outra cousa digna de memoria. Nem padeceo ruina, em o terremoto passado do anno de 1755 em o dia primeyro de Novembro, somente o terror; que assombrou os coraçoens humanos.

MONTES

1 — Da parte do Nascente para o sul corre hum monte que encobre a maior parte desta freguesia e em cada outeyro tem, seu appellido: o primeyro se chama Monte de S. Simão, e por tras delle Togido. O segundo Penas juntas, o terceyro Monte Pedroso; o quarto Salgueiros; e do sul vay continuando para o poente cercando quatro freguesias, que ficão nos bayxos que são S. Martinho de Aborim, Santa Maria de Quintiães, Santa Lucrecia de Aguiar, e S. Lourenço de Dorrais, alem desta de S. Tiago de Cossourado, e de Dorrais desce em direitura para a parte do mar todo em comprimento de mais de duas legoas, e no destricto desta freguesia não chega a meya legoa de comprido, e hum quarto de largo. Não tem cousa memoravel somente que em alguns sitios deste monte apparecerão huns mineraes de que se tirou alguma prata em tempos antigos, e sendo provado o seu descobrimento por algumas vezes, se achou dar pouco lucro, por sahir m pedreiras muito duras unidas com as mesmas pedras; e nessas mesmas minas se descobria outro material, que parecia antimonio.

São os montes de temperamento frio, e seco, mas não tão frio que pousa nelles neve, que permaneça tempo; e por isso são pouco abundantes de pastos para criaçoes de gados: o mais que produsem são urgueiras, e carrascas e alguns estrumos; e em partes mais bayxas estão povoados de carvalhos plantados. Dá caça de perdises, e coelhos e no inverno andão nelles huns passaros grandes, a que commumente chamão Aguias, e me parece são especie de gaviões grandes, de que se achão penas muito compridas e grossas, e são difficultosos de matar, e o seu corpo he como de pirús. Na volta do outeyro de S. Simão se devisão a modo de valcoens, e pedras bolidas, e demolidas, o que alguns atribuem a fortificação dos Mouros, e por huma parte tem o vestigio de brecha, que chamão a cova da serpe.

RIO

1 — Corre por dentro desta freguesia ao lado do norte hum rio de mediana grandeza, chamado Neyva, o qual tem a sua origem e nascimento em humas fontellas dos montes e lemites da freguesia de Gudinhaços. 2 — Donde nasce desce para o lemites da freguesia das Duas Igrejas. 3 — Onde se lhe junta outro braço, que nasce em hum lugar desta freguesia; e mais abaixo na freguesia de Santa Marinha de Anaes se lhe mette outro regato, que vem da freguesia de Rio Mao, e correndo em espaço de duas legoas entra nesta, e na parte que o mesmo rio a parte os limites com a de São Martinho de Ballugães, entra nelle hum bom regato que se chama Navoinho que se compoem de dous braços: hum que tem nascimento nos montes da freguesia de Fojo Loval, e outro na freguesia de Friastellas daqui distantes huma legoa, e se juntão onde chamão Linhares sitio desta freguesia por tras do lugar de Navio donde me parece lhe vem a ethemologia do nome Navoinho, ou de outra freguesia assima

meya legoa por onde passa hum destes braços que tambem se chama Navio, ou (como disem outros) Naviosinho.

Mais abaixo nos lemites desta freguesia de Cossourado da parte do sul entra nelle outro regato pequeno chamado Prèm, que desce, e tem principio nos montes daqui, e em alguns arroyos das terras.

E passado o lemite desta freguesia vay correndo por entre freguesias entrando por entre a de Santa Lucrecia de Aguiar, e a de Carvoeyro, e as mais, que se segue, e sem pagar vassalagem,mas recebendo a de varios regatos entra no mar em distancia daqui de tres legoas entre a freguesia do Castello de Neyva, e a de S. Payo Dantas.

4 — Este rio Neyva não he navegavel por ser pequeno, e ter muitos açudes.

5 — He de curso quieto. 6 — Corre de nascente a poente. 7 — Cria bastantes peixes, que são trutas, vogas, escallos, enguias, e succedem annos, em que se pescão nelle lampreas, e tem pescarias dellas la perto do mar. 8 — onde tambem se pescão algumas tainhas. 9 — As quais pescarias são, me disem, da Casa dos Cunhas de Belinho, e do Abbade do Castello de Neyva; e em todo o mais destricto he publico para pescar. 10 — Quasi todas as suas margens são terras de cultura de pão, e vinho; e ao longo, e bordos deste rio ha muitos amieyros, salgueyros, e arvoredos sylvestres. 11 — Não me consta que suas agoas tenhão virtude especial; somente me informão que nelle entre suas areas apparecerão alguns grãos de prata. 12 — Sempre teve, e conserva, o nome de Neyva em todo elle, somente em alguma part o appellidão com o nome da terra, ou freguesia por onde passa, principalmente mais perto do seu nascimento.

13 — Já disse que este rio morre no mar, e entra nelle por entre a freguesia de S. Tiago do Castello de Neyva, e a de S. Payo Dantas. E he de advertir que esta freguesia de S. Payo nos primeiros tempos tinha orago Santa Maria, cuja matris era em huma capella, que existe junto ao Neyva partindo com o Castello de Neyva, onde he venerada a virgem sanctissima em dous de Fevereiro; e com isto talves se satisfara a duvida, que alguns poem: se o antigo Castello de Neyva esteve situado na freguesia de Santa Maria de Neyva, ou na de S. Tiago do Castello de Neyva, o certo he que o monte, que se chama do Castello de Neyva existe nos lemites da freguesia de S. Tiago do Castello.

14 — Tem este rio muitas represas, e açudes, para levantar as agoas, para quasi inumeraveis moinhos; lugares de azeite, azenhas e pizoens, que em si tem; porem são poucas as levadas livres, que delle sahem para a cultura, e rega dos campos. Nesta freguesia no lugar da Cadavosa sahem duas levadas, para regar os campos, que os lavradores alugão aos moleiros dahi cada huma por meyo alqueire de milho por dia, e somente no tempo de inverno se limão algumas terras mais proximas por estas levadas, por serem muitas as agoas, que abundão, para os moinhos e lameyros das terras.

15 — Ha neste rio pontes de cantaria, como são a ponte de Goães, a ponte de Anhel a primeira na freguesia de S. Pedro de Goães, e esta na fre-

guesia de S. Mamede de Sandiães no sitio, que parte com a de Alheyra, em estradas publicas que vão para Braga; a ponte das Taboas, que he de pedra, no sitio onde esta freguesia de Cossorado limita com a de Santa Lucrecia de Aguiar, em estrada, que vem de Ponte de Lima, para Barcellos; a ponte de Fragoso no lemite que esta freguesia de Tragoso parte com a do Couto de Capareyros; a ponte do Castello em estrada publica, de Viana para Barcellos, e para o Porto, no sitio, que a freguesia do Castello de Neyva lemita com a de S. Payo Dantas.

Tem mais outras pontes pequenas, e toscas humas de padieyras de pedra, e outras de pao; como são huma na freguesia de Arcusello, outra na do Villar das Almas todas de padieyras huma de pao passage de pe para moinhos no Lousado freguesia de Panque outra mais abayxo de padieyras, outra mais abaixo com trabes de pao passages dos fregueses de Mondim para a sua igreja de Panque, e mais abaixo na mesma freguesia de Mondim outra de padieyras, que he particular para passar carros para huns campos. Abayxo já nesta minha freguesia tem a ponte da Avelleyra de pedra, a ponte de Boucas de trabe de pao a ponte da Cadavosa de pedra; e para baixo desta freguesia tem de Carvoeyro, para Dorrãis duas pontes de pedra, e do Couto de Capareyros, para Tragosa outra de padieyras de pedra.

No regato de Navoinho antes de entrar no Neyva, no lugar de Navio desta freguesia, onde o atravessa a estrada que vem de Viana, para Braga esta huma ponte de cantaria chamada a ponte da Caridade, de hum so arco.

18 — Este rio Neyva he publico. 19 — E des o seu nascimento ate morrer no mar vay distancia de sinco legoas. Corre de Gudinhacos, para as Duas igrejas, dahi para Goães, dahi para Rio Mao, dahi para Santa Marinha, dahi para o Villar das Almas, dahi para S. Diães, dahi para Mondim de Panque, dahi a Ardegão, dahi a esta de Cossourado, dahi a Santa Lucrecia de Aguiar, dahi a Carvoeyro divindindo a de Dorsãis, dahi ao Couto de Capareyro divindo a de Fragosa, e Fragoso etc. como dirão os Parocos mais proximos. He o que me consta, e não sei mais particulares, que possa informar. Cossourado 25 de Mayo de 1758 annos.

O Reitor Luis da Costa Teyxeira.
O Abbade Domingos Vaz.
O Vigário João Barbosa Machado.

Memórias paroquiais para o Dicionário Geográfico. Vol. 12, N.º 404, pág. 2.783

Libelo de força nova

Deste século dezoito tenho também em meu poder uma escritura das minhas águas de Salgueiros, despoticamente aprisionadas há mais de cinco anos pelo Sr. Regedor desta freguesia. É um libelo de força nova, intentado pelo Padre Bento de Abreu Vasconcelos, assistente na sua quinta de Santa Marta desta freguesia de Cossourado e possuidor da sua fazenda chamada de Orade que consta de casas, terra de lavradio, matos e devesa e tinha sido do Padre Manuel Soares e seu cunhado Francisco Machado e do capitão António de Sousa Caldas, contra os herdeiros do Padre Domingos Martins. Começou em 18 de Março de 1765 e terminou em 15 de Agosto de 1767 por sentença judicial do Dr. Manuel Marques do Couto, juiz de fora de Barcelos e seu termo.

Como nos traz alguma luz sobre vários pontos, a cito aqui. É posterior às Memórias Paroquiais desta freguesia que acabei de publicar, apenas sete anos no seu começo e nove no seu termo. Daí podemos deduzir que havia muitos sacerdotes desta freguesia naquele tempo. Os dois documentos apresentam-nos seis ou sete, porque não sabemos se o Pároco, Reitor Luís da Costa Teixeira também era natural desta freguesia. Do cura ou coadjutor, que durante todo esse tempo e muito mais ainda foi o Padre Domingos Francisco de Castro, não temos dúvida alguma, porque nenhum sacerdote doutra freguesia se sujeitaria a viver para esse fim por catorze mil reis, pagos pela Comenda. Também o Abade Domingos Vaz e o Vigário João Barbosa Machado deviam ser naturais desta freguesia e conhecedores das suas tradições, para serem aproveitados pelo Pároco nestas informações que lhe pediram. Seis ou sete sacerdotes contemporâneos da mesma freguesia já muito a honram e dignificam, mas, aparecidos casualmente em dois documentos, num pequeno intervalo de sete ou nove anos, leva-nos a crer que o seu número total seria bastante maior.

O capitão António de Sousa Caldas devia ser um dos cinco filhos do capitão Francisco de Sousa Caldas, que assentaram praça voluntàriamente e, como seu pai, dos homens mais importantes desta freguesia naquele tempo.

O Padre Bento de Abreu Vasconcelos aparece-nos em 1765 assistente ou morador na sua quinta de Santa Marta desta freguesia. Seria este possuidor da quinta de Santa Marta que se apropriou da capela do mesmo nome ou seu comprador ou herdeiro depois do facto consumado? No primeiro caso essa apropriação não podia ser feita no fim do século dezassete ou princípio do século dezoito, como aventei, mas só em meados deste último. As memórias paroquiais imputam a sua responsabilidade a várias pessoas e não a uma só, porque dizem: — «e os possuidores da quinta se apropriaram da capela». Mesmo, como seu herdeiro ou comprador depois do facto consumado, não deixaria de ter alguma culpa e responsabilidade.

De certeza só sabemos que a fazenda de Orade esteve sempre na posse da família Abreu de Vasconcelos mas da quinta de Santa Marta nem sequer lhe

ficou o rastro. Os últimos representantes desta família eram três irmãos muito unidos e bendados — um homem e duas mulheres — que primavam em ter sempre os melhores bois da freguesia, grandes e bem tratados e morreram solteiros e sempre muito estimados e respeitados de todos. Da última dos três a fazenda de Orade passou por herança para o seu sobrinho António Baptista que faleceu casado mas sem filhos. Por sua morte, passou para mim, por compra a seus irmãos e viúva. Entre ele não havia a mínima memória de lhes ter pertencido a quinta de Santa Marta, mas sabiam perfeitamente que em tempos antigos tinha havido uma grande questão por causa das águas do Salgeiros e com orgulho e esmero guardavam e me transmitiam a respectiva escritura que, só depois do seu injusto e arbitrário aprisionamento pelo Sr. Regedor, me resolvi ler e interpretar e nisso gastei muitos dias.

A respeito dessa capela o Sr. Dr. Teotónio da Fonseca diz o seguinte: — «A capela de Santa Marta, junto à casa do mesmo nome, é muito antiga. Foi porém, reformada em 1896, sendo nessa ocasião substituída a sua porta em arco da qual ainda se vêem vestígios, por a existente rectangular e o seu retábulo em madeira de bela talha antiga por oratório em pedra. Por cima tem gravada a cruz de malta.

A capela e quinta de Santa Marta faziam parte de um casal pertença da Comenda de Chavão, da Ordem de Malta.

Por uma procuração passada em Lisboa em 23 de Dezembro de 1836 ao Sr. Joaquim José Martins, antecessor do possuidor desta capela, para reunir todos os itens do prazo de Santa Marta, nesta freguesia, sabem que o último Comendador de Chavão foi António Pereira Coutinho de Vilhena Menezes».

O Sr. Dr. Teotónio da Fonseca ainda dá a seguinte notícia de importância e interesse para nós neste século: — «Entre os naturais desta freguesia salienta-se em santidade Fr. Agostinho do Espírito Santo, tratando como venerável irmão Boaventura Maciel Aranha em os seus Cuidados da Morte e Descuidos da Vida, publicados em Lisboa em 1761 — Tomo I».

Cossourado no século XIX

Este século é caracterizado pelo apostolado fecundo e persistente dum grande Pároco que operou uma verdadeira e profunda renovação espiritual nesta freguesia e a encheu de prestígio e glória. Foi o Sr. Prior P.e Francisco José da Silva Rosa que durante toda a sua longa e frutuosa vida paroquial de trinta e seis anos — desde 1854 a 1887 — sempre soube impôr-se à estima, consideração e respeito de seus paroquianos para os atrair ao serviço de Deus e transformar em bons cristãos.

Parece-me que o seu maior elogio se contém nestas poucas palavras escritas pelo meu antecessor, Sr. Abade Manuel Francisco da Silva, embora em tom depreciativo, só por pertencer à família dos seus inimigos e perseguidores: — «deixando à morte umas confrarias ricas».

De facto as confrarias e associações religiosas, que já vêm de longe em progresso sempre crescente, atingem agora, neste século e com este Pároco, o seu máximo desenvolvimento e explendor.

A Confraria das Almas, além de ricos paramentos e pratas preciosas, sendo de destacar um cálice com copo de ouro, chegou a ter mais de nove contos de capital e mandava celebrar uma missa diária pelos confrades vivos e defuntos, dois aniversários com ofício de quinze padres cada um, missa solene e sermão a dois de Novembro, dia dos Fiéis Defuntos, e no sábado de Lázaro antes do domingo da Paixão, um ofício de vinte padres na igreja paroquial do confrade falecido no dia do seu funeral ou no dia mais próximo, quando houvesse qualquer impedimento, e ainda mandava celebrar mais doze missas por sua alma. Na falta de número suficiente de sacerdotes, ou se repetia o ofício ou se aplicava em missas a esmola correspondente. Obrigava-se ainda a fornecer na igreja paroquial os necessários guisamentos para a celebração dessas missas e a promover confissões para os confrades que quisessem lucar as referidas indulgências plenárias em 2 de Novembro, sábado de Lázaro, segundo domingo de Maio, segundo domingo de Julho e quarto domingo de Setembro.

As Confrarias do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário, além da festa anual e encargos próprios de cada uma, eram obrigadas a mandar celebrar uma missa cantada no terceiro e no primeiro domingo de cada mês respectivamente. A Confraria do Santíssimo Sacramento ainda continua a cumprir esta disposição dos seus antigos estatutos.

Para isso e para a celebração das festas, semana santa etc., além das cantoras para as funções ordinárias da próquia, o Sr. Prior tinha um bom grupo de cantores ao gosto e modo daquele tempo com um latim estropiado e música teatral e farfalhuda da época. Ainda conheci alguns membros desse grupo, entre os quais se destacavam Manuel Alves Pedra, um baixo de voz prodigiosa e António Esteves de Amorim, mais conhecido pelo «Gi» que o Sr. P.e Carneiro imita admiràvelmente, fazendo rir com vontade todos que o ouvem reproduzir alguns episódios engraçados desses afamados cantores: — «Gi... gi... gi... eu cá... gi... gi... gi... sou tinor... gi... gi... gi...».

Tudo isso, porém, revela uma boa e sólida formação cristã do povo e uma acção pastoral intensa e constante do Sr. Prior e as excelentes qualidades da sua alma e do seu coração para se impôr a todos os seus paroquianos e assim os catequizar e conseguir deles tão salutares e admiráveis feitos. Que de esforço, união, ordem, disciplina e boa administração não representam umas confrarias ricas, fortes e pujantes de vida e benemerências!... Ainda hoje se fala no Snr. Prior com grande admiração e profundo respeito!...

A sua longa vida paroquial, sempre activa e fecunda, foi coroada por dois

grandes feitos, cada um dos quais, por si, bastava para o imortalizar e tornar credor do amor, gratidão e respeito de todos os seus contemporâneos e vindouros nesta freguesia. São ambos do mesmo ano e estão intimamente relacionados um com o outro.

DOIS GRANDES FEITOS DE LARGA PROJECÇÃO DECISIVA PARA O FUTURO

A 21 de Fevereiro de 1883 foi instituido nesta freguesia o Apostolado da Oração juntamente com a Confraria do Sacratíssimo Coração Agonizante de Jesus e das Dores da Santíssima Virgem Maria, anexa à respectiva Arquiconfraria erecta na Igreja Patriarcal de Jerusalém.

Como esta associação e confraria foram das primeiras no concelho de Barcelos e até em toda a Arquidiocese de Braga, irradiaram muito fervor e devoção em toda esta freguesia e suas vizinhas e, com os seus três graus de apostolado, com a devoção das primeiras sextas-feiras, reuniões de zeladores, tríduos, etc., transformaram-se em centro e motor de toda a sua vida religiosa e sobrenatural.

Como consequência lógica; impunha-se a consecussão urgente da imagem do Sagrado Coração de Jesus e do seu altar. Para isso aproveitaram a necessidade de retocar uma das paredes da igreja e de a aumentar. Em 1758 era considerada uma igreja grande e bem segura e agora torna-se pequena e ameaça ruina. Não convindo acrescentar muito ao comprimento, ampliaram-na com uma segunda nave, em tudo semelhante à primeira, da qual apenas se distingue pelos efeitos do tempo nela produzidos durante muitas centenas de anos.

Também foi alteada mais dum metro. Como se vê nas actas da Junta de Paróquia daquele tempo, custaram essas obras em 1883 um conto seiscentos e quarenta e seis mil reis — 717.000 rs. de pedreiro, 810.000 rs de carpinteiro e 119.000 rs de trolha ou caiador.

Concorreram para essas despesas a Junta de Paróquia com 535.000 rs, os contribuintes com 452.000 rs, as confrarias com 330.000 rs (a das Almas com 150.000 rs, a do Santíssimo Sacramento com 130.000 rs e a de Nossa Senhora do Rosário com 50.000 rs) e mais 358.410 rs de esmolas e donativos. Pelo visto houve um saldo positivo de 30.000 rs. Juntamente com a imagem do Sagrado Coração de Jesus vieram também as do Coração Imaculado de Maria e de S. José.

Segundo a tradição foi um dia de grande festa e intensa alegria. Quase todo o povo de Cossourado e muito das freguesias vizinhas acorreram a recebê-las em Capareiros e a transportá-las para aqui em imponente e grandiosa procissão, com manifestações especiais dos habitantes das terras percorridas.

Por idêntica a razão se impunha também a aquisição da imagem da Senhora das Dores que é um mimo de arte, beleza e expressão. Sua Ex.a Rev.ª o

Senhor Arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, na sua visita pastoral de 28 de Novembro de 1904 gostou muito dela e concedeu cem dias de indulgência a quem rezar devotamente sete Ave Marias diante dela.

Quanto custariam todas essas imagens e mais a de Nossa Senhora da Soledade e do Ecce Homo e todos os altares da igreja com seus oratórios, retábulos e talhas e todos os dourados em ouro brunido, pinturas, etc. ? Tudo em estilo moderno, muito simples mas elegante e gracioso, com arte, bom gosto e excelente material.

Dois anos depois em 1885, fez-se o cemitério que custou quinhentos e cinquenta e dois mil rei (160.000 rs o terreno, 353.000 rs a obra de pedreiro e 39.000 rs a do ferreiro).

Tudo isso se deve ao génio empreendedor e bom gosto, ao zelo apostólico e tacto administrativo do Senhor Prior Francisco José da Silva Rosa que, sem dúvida, foi um dos maiores párocos de Cossourado.

As obras da igreja, em que trabalhou com tanto gosto e dedicação, iam-lhe custando a vida e talvez fossem a causa da sua morte prematura.

Conta-se que numa das suas habituais vistorias teve uma desinteligência com o Mestre-pedreiro e ameaçou que havia de o obrigar a cumprir integralmente o primeiro contrato escrito com a respectiva planta e modificados depois verbalmente de comum acordo.

Enquanto o Snr. Prior descia e se afastava zangado e aborrecido, Mestre-pedreiro teve este desabafo sentido e aflitivo com os seus operários: — «Estou desgraçado!...».

Foi o bastante para os pedreiros lhe arremessarem, num deforço, os seus instrumentos de trabalho. Felizmente não foi atingido por nenhum e graças aos seus melhores e mais fiéis e dedicados colaboradores, tudo se harmonizou, recompôs e concluiu a contento de todos, mas o Snr. Prior ficou tão chocado e abatido com o susto e desconsideração que nunca mais teve saúde e começou a definhar a olhos vistos de dia para dia. Faleceu a 18 de Agosto de 1887 com sessenta e seis anos de idade.

Certamente o seu título de Prior adveio-lhe de alguma freguesia, por ele paroquiada antes de Cossourado, que, como vimos, tinha sido uma abadia e depois passou a reitoria mas nunca a priorado.

IGREJA PAROQUIAL DE COSSOURADO NO SÉCULO XIX

Como vimos pela sua transição, as Memórias Paroquiais de 1758 descrevem pormenorizadamente a antiga igreja desta freguesia em todos os seus contornos e adornos mas nada dizem nem deixam antever da sua origem, estilo e reconstruções. Pelas colunas e arcos e da sua nave primitiva, únicos vestígios que nos restam intactos, devia ser românica. Se a cruz gravada numa pedra metida na parede do lado de trás (nascente) não engana, ela também devia

ter sido sagrada, mas, nesse caso, não se compreende que tenham desaparecido todos os outros sinais ou vestígios, principalmente o altar-mor que devia ser todo de pedra.

Pròpriamente dela diz-nos apenas que: — «é igreja grande, tem uma só nave da parte do Evangelho e é feita toda a igrejaa de cantaria ao antigo e bem segura... e está situada dentro e bem no meio dela».

Apesar de tudo isso, cento e vinte anos depois, teve de ser reconstruida por ameaçar ruina e aumentada com uma segunda nave por já se tornar pequena e, já agora, um novo aumento não ficava nada mal. Nos dias de maior enchente já é preciso ocupar toda a igreja, coro, capela-mor e sacristias.

Depois da reconstrução e aumento de 1883, o Santíssimo Sacramento continua no altar-mor com a imagem do Apóstolo Sant'Iago Maior, orago e padroeiro desta igreja e freguesia, à direita, e a de S. Francisco Xavier, o grande Apóstolo das Índias, à esquerda. A imagem pequena de Sant'Iago foi retirada para a sacristia por não serem permitidas na mesma igreja duas imagens do mesmo santo e com a mesma invocação.

Com a remodelação da igreja, as imagens do Menino Jesus e de S. Bento passaram a venerar-se no altar da Senhora do Rosário — a primeira num pequeno oratório privativo, colocado no meio da banqueta e a segunda no primeiro degrau do trono da Senhora.

O retábulo do altar-mor em talha simples e moderna, é elegante e gracioso. Tem duas colunas de cada lado com lindos e artísticos capiteis dourados para sustentar a cornija. Entre a última coluna e a parede de ambos os lados estão os dois nichos iguais e simétricos de Sant'Iago e de S. Francisco Xavier. No cimo e centro do retábulo, que termina com um floreado contra o tecto, domina o Cordeiro Imaculado, deitado sobre o livro da vida, a olhar para o seu estandarte que segura entre as mãos, encostado sobre o seu dorso e a espargir raios de luz e calor para todos os lados.

Ao meio tem uma grande aberta de três metros de altura e um metro e sessenta de largura para mostrar o trono das exposições solenes eucarísticas, com seis degraus bem lançados e harmónicos e bem pintados e dourados. Cheio de luzes e adornado de flores é duma simplicidade e leveza encantadoras e dum efeito maravilhoso nas adorações.

A capela-mor é forrada a estuque mas contém lindos e artísticos desenhos e sombreados delicados. Ao centro há uma grande clarabóia que a enche de luz em demasia mas muito prejudica a sua estética e mais ainda a sua conservação, pela humidade que deixa repassar. A sua pintura é do mesmo autor mas está muito mais debutada e danificada. Entre duas sacristias, sem possibilidade de janelas, parece-me no entanto preferível receber sòmente a luz da igreja para evitar todos esses inconvenientes e convidar mais à oração e recolhimento.

A sacristia paroquial é a mesma de 1758, com o mesmo Santo Cristo ao meio e os mesmos armário e lavatório metidos na parede e o mesmo vestuário dos ornatos dos Reitores. A sacristia das confrarias é que foi mudada do lado

da epístola ou sul do corpo da igreja para o mesmo lado da capela-mor e muito ampliada, ficando com toda a largura da nave nova e com todo o comprimento da capela-mor e tribuna. Contém dois cofres, três cómodas grandes e antigas e um caixote comprido que serve de banco e para guardar um bom tapete e várias outras coisas. As cómodas são de bom castanho com três filas de dois gavetões e a maior tem ainda em toda a sua altura um bom armário do lado direito. Os cofres são duas caixas chapeadas de ferro e presas à parede e uma à outra por fortes barras de ferro e com três fechaduras cada uma. É aí que se guardam as pratas eosobjectosmais preciosos ou de maior valia. Já foram postos à prova por um bando de ladrões e deram boa conta de si. Chegaram a arrombar a porta lateral sul da igreja e duas fechaduras dum cofre mas, por desanimarem ou não terem tempo, não conseguiram arrombar a terceira fechadura e, por isso, nada roubaram. Depois, para confirmar o ditado, as três portas da igreja e da sacristia das confrarias foram chapeadas a ferro e munidas de fortes fechaduras que também prendem e seguram grossas tranquetas de ferro.

Com a remodelação da igreja desapareceu de junto do Arco Cruzeiro o altar da Bela Cruz que passou a venerar-se em oratório próprio, todo envidraçado pela frente e pelos lados, colocado entre a porta lateral norte e o baptistério. Hoje é mais conhecido entre o povo por altar de Nossa Senhora das Dores, cuja imagem também contém, sentada ao pé da Cruz e é a imagem mais artística, expressiva e perfeita desta igreja.

As imagens de Santa Luzia e de Santa Quitéria passaram a venerar-se em nichos iguais e simétricos, colocados no retábulo do altar da Senhora do Rosário, respectivamente à direita e à esquerda, entre a sua abertura e a coluna. Este retábulo é do mesmo gosto e feitio dos do Santíssimo Sacramento e do Coração de Jesus, porém mais pequeno e mais pobre. Tem apenas duas colunas e no alto, ao centro, o monograma da Senhora, encimado por uma coroa mais saliente. Com uma abertura ao meio de noventa centímetros de largo e mais de dois metros de alto, continua em oratório com dois degraus e no segundo pousa o pedestal com a imagem de Nossa Senhora do Rosário. No seu primeiro degrau, como já disse, está a imagem de S. Bento e no centro da banqueta um pequeno oratório com o Menino Jesus. Este altar da Senhora do Rosário fecha e domina a nave primitiva. Talvez por não convir no mesmo altar outra imagem de Nossa Senhora, embora com título diferente, não me lembro de ter visto neste altar a imagem da Senhora dos Remédios, mas sempre no nicho de S. Miguel do antigo retábulo das almas, arrumado na sacristia das confrarias.

O novo altar das almas continua no mesmo lugar, dentro do mesmo arco da parede, que, revestido agora duma boa e linda talha pintada e dourada, lhe serve de vistosa e excelente moldura. O seu retábulo é muito diferente e melhor que o primitivo. Este era muito mais pqueno e pobre, contendo apenas uma simples e modesta pintura das almas. O actual é uma reprodução perfeita do

da Sé de Braga. Em belíssima talha e baixo relevo, muito nítido e perfeito, apresenta em cima a Santíssima Trindade e a Côrte Celestial, representada pela Santíssima Virgem, coroada de rainha, S. João Baptista e coros de anjos e em baixo o Purgatório com várias pessoas de ambos os sexos, um bispo mitrado e um frade de tonsura larga e bem visível.

Ao meio entre a Côrte Celestial e o Purgatório, num pequeno nicho em forma de núvem, está uma linda estátua de S. Miguel Arcanjo, revestido de guerreiro da Idade Média, com uma balança na mão esquerda contendo num dos pratos pequenina imagem dum homem e no outro duma mulher, e uma lança na mão direita, apontada à cabeça do dragão infernal, que, inteiramente dominado e vencido, em vão se retorce furioso e iracundo debaixo do seu pé esquerdo. No mesmo retábulo, também em baixo relevo, um anjo à sua direita e outro à sua esquerda procuram arrancar respectivamente daquelas chamas abrasadoras o frade e duas pessoas duma só vez.

Em frente e um pouco à sua direita, no fuste da coluna da nave, está a inscrição já referida e reproduzida. Há uma janela na parede entre o altar da Senhora do Rosário e o das almas. A seguir, entre este e a porta lateral está metido na parede um oratório de pedra com arco saliente também de pedra e uma porta toda envidraçada, contendo uma estátua com a seguinte inscrição no pedestal: — «Ecce Homo 1887». Sobre a porta lateral está uma janela.

Ao fundo desta nave está o baptistério muito simples, pobre e acanhado. Ao poente tem uma pequena janela e um pequenino armário metido na parede. A pia baptismal é redonda por dentro, com uma divisão ao meio, e octangular por fora e assenta num pedestal de pedra, também octangular. Todo o conjunto é de granito da região e liso, sem ornatos nem gravuras. Só a cobertura é de madeira, em forma de pirâmide octangular, terminada em cima com tope redondo e é cortada verticalmente um pouco a cima do meio dos três ângulos traseiros. Tapada por uma tábua lisa e por ela ligada e presa com duas dobradiças a idêntica tábua lisa que horizontalmente cobre e tapa os três ângulos correspondentes da pia de pedra, sobre ela dobra e assenta, quando abre. Também é toda lisa, sem adornos nem feitios.

A fechar e dominar a nova nave está o altar do Sagrado Coração de Jesus que mais pròpriamente devia ser chamado da Sagrada Família. Excepto o altar das Almas, são todos do mesmo estilo, mas este, pela sua grandeza e perfeição, é o mais parecido com o do Santíssimo Sacramento. Como ele, o seu retábulo tem quatro colunas com seus pedestais e capiteis bem trabalhados e perfeitos e em cima, ao centro, numa moldura redonda, um coração cercado de espinhos a expelir labaredas para o alto e irradiar raios de luz e calor para todos os lados e termina num grande folheado contra o tecto. Abre ao meio em oratório com perto de metro e meio de largo, dois e meio de alto e um de fundo. Tem dentro três degraus. No terceiro, a servir de pedestal, está no meio a imagem do Sagrado Coração de Jesus, com a mão esquerda a apontar para o seu coração, bem saliente e visível no peito, e a direita a convidar a todos para ele.

No segundo degrau estão, à sua direita o Coração Imaculado de Maria sobre um coro de anjos, três dos quais tem suas faces e assas bem salientes e visíveis, com a sua mão esquerda asegurar o seu coração contra o peito e a sua mão direita a derramar graças para baixo e com seu pé direito a esmagar a cabeça da serpente infernal que em vão procura mordê-la no calcanhar; e à sua esquerda S. José com o Menino no seu braço esquerdo e uma açucena na sua mão direita. Em volta de toda a abertura do retábulo há um rendado de madeira, muito simples mas lindo e vistoso e um sacrário ao centro da banqueta. Segue-se uma janela na parede em simetria com a do lado oposto.

Segue-se o altar de S. Sebastião, do mesmo estilo mas mais pequeno e estreito e pobre. O seu retábulo tem duas colunas e no alto, ao centro, uma estrela e no seu centro um livro, uma flor e metade duma palma ao invés.

Também abre ao centro em oratório pouco metido na parede e por isso muito estreito e sem degraus. Tem um nicho mais elevado no meio para S. Sebastião e dois em plano inferior mas iguais e simétricos, à direita para S. Francisco de Assis e à esquerda para Santo António.

Também agora, depois da reconstrução da igreja paroquial, podemos dizer com as Memórias Paroquiais de 1758: — «e logo se segue o altar do Senhor dos Passos metido em arco na parede com a imagem de Cristo com a cruz às costa» acrescido agora duma outra imagem de Nossa Senhora da Soledade, adquirida pelo Snr. Prior.

Na face poente da saliência desse arco está a inscrição atrás referida e transcrita. Em cima, sobre o arco, ao meio, está uma pedra oval com a coroa de espinhos e os três cravos dentro dela, numa grande moldura de pedra muito bem trabalhada.

O seu altar é de madeira, está preso ao arco de pedra mas fora dele e tem salientes, na sua frente, os instrumentos da paixão e morte de Jesus Cristo. No meio e ao fundo a coroa de espinhos e os três cravos dentro dele, sobre ela a cruz, encimada por um cálice; à sua direita, uma escada com uma lança, um martelo, a coluna da flagelação com os seus azurragues, no seu meio o sepulcro e o galo na ponta da coluna; à esquerda, outra escada com uma esponja na ponta duma cana, uma tenaz, dois azorragues (uma vara de cinco pontas e um chicote de cinco cordas, terminadas em bolas de chumbo) com uma sesta no meio dos dois.

Em frente desse altar está a coluna da nave sul e o púlpito com estrado de pedra e parapeito de madeira, assente num cachorro de pedra, muito bem trabalhado, voltado para a nave central ou corpo da igreja e metido e preso dentro dessa coluna e servido por uma escada de pedra em espiral de nove degraus, metidos e presos dentro da mesma coluna, e corrimão de ferro.

Contígua a esse oratório de pedra, está a porta lateral sul com uma janela sobre ela, em simetria com a porta e janela da parte norte. Esta porta lateral sul dá acesso à igreja e à escada do coro que, no seu primeiro lanço de oito degraus de madeira, segue encostada a essa parede sul contra o lado da torre,

oposto à sua fachada. A meio desse lanço, há na parede mais uma janela para a igreja. No seu segundo lanço de dez degraus também de madeira, segue encostada a esse lado da torre até entrar no coro que tem uma janela a meio da sua parede sul e três bancosdemadeira, ligados entre si e encostados aos seus respectivos lados, em todo o seu comprimento.

Há três pias de pedra para a água benta mas sem valor algum artístico. A maior é inteiramente lisa e está junto da porta principal; a mediana é a mais bonita e bem trabalhada em folheado e está junto à porta lateral norte. A da porta lateral sul é muito pequena e rústica. Na torre continuam os mesmos três sinos: — o grande das Almas e os dois da freguesia.

A fachada da igreja e da torre é muito pobre e simples mas harmónico e bem proporcionada.

A igreja é cercada por um adro murado em toda a volta, com cinco oliveiras paroquiais, alinhadas junto à parede sul, e dois acessos — um plano a nascente para o caminho da Corredoura, a principal via da freguesia entre o Tamel e Freixo, que passa entre o Cruzeiro e a capela de S. Simão, a menos de cem metros de distância do adro, e outro em escada de pedra de oito degraus, encostada à parede de entrada para a casa das confrarias e voltada para o sul e caminho do cemitério, distante do adro penas uns cinquenta metros.

Com entradas e saídas pelo adro: para o adro, a residência paroquial fica a noroeste e a casa das confrarias a sudoeste. Esta tem duas salas iguais com porta e janela, sendo uma da confraria das Almas e outra da confraria do Santíssimo Sacramento, e uma loja térrea para arrumos, em todo o seu comprimento e largura.

A residência paroquial mede interiormente mais de dezasseis metros de comprimento e perto de seis de largura e tem um quarto grande e bom com duas janelas, uma sala grande de estar e visitas com uma janela, dois quartos pequenos com janela e um sem janela que serve de dispensa e uma sala de jantar com duas janelas.

A nordeste tem uma cozinha grande e boa, formada pela continuação da parede norte em que há uma janela, uma parede ao nascente em que há uma porta para um corrdor que comunica directamente com um alpendre e com uma escada de pedra de doze degraus que pelo norte conduz ao eido e passal e outra parede ao sul que a liga e prende à parede da casa onde há uma segunda porta interior para toda a casa por um pequeno corredor até à sala de jantar e por outro desta até à sala de visitas. Na parede sul há uma terceira porta para o exterior por meio duma varanda de madeira e um pequeno patamar de pedra com uma escada de doze degraus também de pedra que comunicam com o eido e o adro. Encostadas à parede nascente da cozinha há duas retretes: — uma exterior, acessível pela varanda e outra interior, acessível pelo corredor do alpendre e das escadas do quintal.

As paredes da casa e da cozinha são de cantaria, muito boas e seguras. Com todo o comprimento e largura da casa há duas lojas grandes e boas, tér-

reas, divididas ao meio por uma parede com uma porta. Essa parede divisória segue para cima com uma porta ao centro de comunicação geral para toda a casa e duas ao lado para um quarto pequeno e para a despensa, que não funcionam, por haver outras mais práticas dos respectivos corredores. Há uma corte debaixo da cozinha e outra debaixo do alpendre.

O passal tem um coberto e quatro pequenas leiras que, no seu conjunto, deve medir quatro mil metros quadrados com nove oliveiras e poucas videiras. Todas as sobras da fonte pública dos Canudos pertencem ao passal e para as juntar há uma poça junto à fonte.

DECADÊNCIA E ESFRIAMENTO DE COSSOURADO DEPOIS DA MORTE DO SENHOR PRIOR

O Senhor Prior, P.e José Francisco da Silva Rosa, faleceu nesta freguesia de Cossourado em 18 de Agosto de 1887, cheio de prestígio e benemerências que muito honraram e engrandeceram a sua paróquia mas também a sua família.

Sucedeu-lhe, como pároco encomendado, seu sobrinho, P.e António José da Silva Rosa, que paroquiou esta freguesia com acerto, zelo e dedicação até Julho de 1891. Concluiu as obras da igreja segundo o plano e indicações do tio e com o dinheiro por este amealhado, continuando em tudo o caminho por ele traçado. Embora se insinuasse no ânimo do povo e gozasse do seu agrado e simpatia, estava muito longe de ombrear com o tio em talento, trabalho e virtude. Teve tanto tempo e tão boas oportunidades para se preparar e apresentar aos concursos paroquiais, mas não soube, não pôde ou não quis aproveitá-los e depois passou todo o resto da sua vida num obstrucionismo ridículo e escandaloso e por vezes em guerra aberta e declarada contra os seus párocos, em vez de cooperar com eles, reconhecer os seus direitos e respeitar as suas normas e determinações, tentando até impor-se-lhes e suplantá-los, como simples capelão das confrarias.

Em Julho de 1891 assumiu as funções paroquiais desta freguesia o Senhor Reitor, P.e Albano Ferreira Rodrigues de Almeida, que as exerceu com zelo, brilho e dignidade e com o agrado e a simpatia de toda a gente até Agosto de 1896, como seu pároco colado. Novo e dotado das mais belas qualidades, depressa conquistou todos os corações. Ainda hoje os velhos falam nele com muita saudade, respeito e dedicação. Era o pároco ideal para enfrentar o Senhor Padre António José da Silva Rosa na defesa dos seus direitos, responsabilidades e atribuições. Esperto, prudente e bondoso, julgou, porém, melhor, afastar-se sem atritos nem complicações.

Dizem que a causa próxima foi a aquisição dum novo sino grande para a freguesia. Como bom pastor, amava todos os seus paroquianos mas, de preferência, os mais pequenos, pobres, humildes e sacrificados e, por isso, não concordava que o sino grande tocasse sòmente pelos confrades e não pelos outros que, geràlmente, só o não eram por falta de meios suficientes. Condoído da sua situação humilhante e vexatória, resolveu percorrer toda a freguesia, numa subscrição pública, para comprar um sino grande que fosse da paróquia e tocasse por todos e para todos. Caiu também esta ideia no ânimo do povo que correspondeu alegre e generosamente e num só dia a subscrição ultrapassou o necessário.

Ao regressar a casa cansado mas contente e satisfeito encontrou no adro o Senhor P.e António que, com um sorriso escarninho, lhe perguntou: — Então, Senhor Reitor, como correu o seu trabalhinho?

Muito bem, Snr. P.e António, nunca esperei ser tão bem sucedido. E apresentou-lhe a lista.

Muito bem... muito bem... mas onde vai colocar agora esse sino?

Ora essa!... na torre, onde há-de ser?!...

Na torre não, que é da Confraria das Almas e não lho consente.

Era uma bela ocasião de lhe dar uma boa lição e de o meter na ordem porque a sua oposição não tinha razão de ser e só manifestava má vontade de sua parte.

A torre, unida e encaixada à igreja paroquial, como parte integrante dum todo, nunca podia ser da confraria, mesmo que tivesse sido construída exclusivamente à custa dela, nem a paróquia lho podia ter consentido nessas condições, como fonte perene de litígios e desordens.

Depois da sua construção assim integrada na igreja paroquial, como parte dum todo único, não podia deixar de pertencer-lhe e de ficar sujeita às suas normas e determinações. A atestá-lo lá estiveram sempre os dois sinos da paróquia.

Além disso, o Snr. P.e António, como simples confrade e capelão, não podia arvorar-se em confraria, para opor-se a uma determinação do seu Pároco, tendente ao bem geral da freguesia.

Novo, dotado das melhores qualidades e com a simpatia e dedicação de toda a freguesia, o Snr. Reitor era o pároco ideal para o meter na ordem em pouco tempo e sem grandes solavancos.

Levado, porém da sua bondade e prudência, preferiu desistir do seu intento e tratar da sua transferência, a entrar em conflito aberto com um colega arrogante e pretencioso.

A atestar a sua breve mas benéfica e frutuosa passagem por esta freguesia ficou, como padrão imorredouro, o tanque do passal, uma das obras mais úteis e bem feitas desta paróquia e, se não ficou também infundida no bronze, no alto da torre, deve-se sòmente, como vimos, ao espírito de contradição do Snr. Padre António.

Com a saída do Snr. Reitor em Agosto de 1896, voltou a freguesia a ser paroquiada pelo Snr. Padre António, durante seis meses, até Fevereiro de 1897, em que entrou o Snr. Abade Padre Manuel Francisco da Silva, como seu pároco colado. Dotado de rectidão e justiça mas com temperamento nervoso, impulsivo, arrebatado e autoritário, chegou cá antes dele, a sua fama de mau, hàbilmente explorada. Como capelão do Hospital de S. Marcos em Braga e depois pároco colado de Vila Chã, Esposende, teve de se impor, para exterminar alguns abusos e defeitos escandalosos. O Snr. Abade dizia e escreveu que o Snr. Padre António aproveitou bem esses seis meses para se intrincheirar nas confrarias e nas associações como seu capelão e principal gerente, captivar o ânimo do povo e desfazer do seu sucessor.

De qualquer forma o embate era inevitável. O Snr. Abade contou-me que, pouco depois da sua entrada, veio visitá-lo o Snr. Reitor Albano e, na despedida, bateu com força o seu bordão no soalho e disse: — «Olhe meu amigo, se quiser ser pároco de verdade, precisa de ter mão firme e pulso forte».

Assim terminou este século XIX com muito mau cariz e um céu de chumbo para esta freguesia, prenúncio de grandes tempestades e borrascas e sinal evidente de muita decadência e esfriamento.

Capelas de Cossourado no século XIX

Como vimos, as Memórias Paroquiais de 1758 dizem: — «Há mais a capela de Nossa Senhora do Crasto sita em Gandra do Crasto com a imagem de Senhora da Conceição».

Essa capela representa uma dupla glória para Cossourado — a capela de Nossa Senhora do Crasto em si e com todas as suas tradições, e a imagem da Senhora da Conceição, anterior, muito mais dum século, à sua defenição dogmática.

Que é feito dessa capela e dessa imagem que tanto honravam e dignificavam a nossa freguesia.

Já a ela se referiu o Snr. Dr. José Luís Fererira no Diário do Minho, mas deixou suspensa a pergunta, sem desvendar o mistério.

O Snr. Abade falou-me várias vezes nisso, mas distinguia sempre a deslocação da capela, do seu aprisionamento, atribuindo sòmente a este toda a gravidade e responsabilidade. Segundo ele dizia, a capela precisava duma grande reparação e o primeiro Snr. Padre Bernardo António da Rosa, tio,

prontificou-se a pagar todas as despesas com a condição de a mudar para mais perto dele.

Ninguém se lhe opôs porque, se o beneficiava mais directamente, também, sem o mínimo prejuízo, dispensava a freguesia dessa reparação necessária, com melhoria de condições para todos. Confiados na sua palavra e boa fama de que gozava, deixaram-no fazer tudo à sua vontade. Reconstruida a capela, como entendeu e quis, reservou-lhe em toda a volta uma espécie de adro, espaço suficiente à sua independência e às devoções, promessas, romagens e procissões públicas e particulares. Essa reconstrução foi feita em 1850, como consta da própria inscrição, gravada debaixo da sineta e conservou-se assim durante muito tempo, a contento de todos. Este Senhor Padre Bernardo António da Rosa era natural da vizinha freguesia de Quintiães, filho de Miguel António da Rosa e de Joana da Silva, e faleceu nesta freguesia de Cossourado a 16 de Maio de 1860, com setenta e seis anos de idade, deixando herdeiro desta quinta seu sobrinho do mesmo nome.

Este segundo Padre Bernardo António da Rosa, sobrinho e herdeiro do primeiro, é que começou por ocupar o adro ou parte dele, de modo a impedir a passagem das pessoas devotas, até que um dia, unindo ràpidamente os muros da quinta à capela, aprisionou-a para sempre.

Quando foi que isso aconteceu ?

Não me recordo do Snr. Abade mo ter revelado nem de eu lho perguntar, mas parece-me que foi em 1891 por várias razões que passo a expor.

Em primeiro lugar a firme convicção de que isso nunca teria sido possível durante as paroquialidades do Snr. Prior e de seu sobrinho, sem uma forte e tenaz reacção que não podia passar despercebida. Como já vimos, ainda hoje perdura na memória deste povo a rectidão e austeridade do Snr. Prior, que não era para brincadeiras, nem se deixava fàcilmente enganar, iludir ou transigir, mas acresce ainda a rivalidade antiga entre as duas famílias, origem de renhidas questões e de vários conflitos. Se, apesar de tudo, tivesse sucedido neste período, o Snr. Abade não deixaria de lho exprobrar, ao menos por acinte ao Snr. Padre António e família e nisto nunca lhe notei a menor palavra de desprimor, censura ou suspeita.

Atribuia toda a culpa e responsabilidade disto sòmente ao segundo Padre Bernardo, sobrinho e herdeiro do primeiro, e afirmava que até aí, a capela esteve sempre livre e independente com o seu adro em volta dela. Em tudo o mais fazia-lhe os maiores elogios. Considrava-o seu amigo, correcto, bem comportado, piedoso e sobretudo muito caritativo, deixando tudo, até os trabalho do campo que comandava e dirigia, para atender todo e qualquer penitente na confissão, e dando comida e dormida a todos os pobres, que muitas vezes abusavam da sua bondade e generosidade com exigências e provocações e até algumas vezes fugiam com a louça e as mantas. Mas neste particular também não o poupava e era severo, exclamando: — «Parece impossível!... não sei como formava a sua consciência». E afirmava que toda a fre-

guesia se mostrou desgostosa e indignada e, se o tivesse previsto, nunca teria consentido na sua trasladação.

Impossibilitado durante esses longos trinta anos, o Snr. Padre Bernardo 2.º, deve ter aproveitado esta primeira e melhor oportunidade — o pequeno intervalo entre a nomeação e a posse do Snr. Reitor, Padre Albano Ferreira Rodrigues de Almeida em 1891 ràpidamente, para o colocar diante dum facto consumado.

Só assim se pode compreender e explicar a atitude de José Amorim Caridade no ano seguinte de 1892. Ao tratar desse caso na questão da Cadavosa, supuz que tivesse mandado fazer o referido registo com a deturpação e falsidade apontadas, sòmente para se desensarilhar das maiores dificuldades que daí lhe podiam advir à vedação e apropriação da Bouça Coutada. Mas, vistas bem as coisas, essa bouça escalvada, árida e escabrosa, sem rendimento nem condições fáceis de exploração, não valia a mais simples e modesta vedação e muito menos uma questão renhida e dispendiosa, nem justificava um registo, coisa muito rara naquele tempo entre o povo do campo.

Depois do aprisionamento da capela de Nossa Senhora do Crasto e da imagem da Senhora da Conceição, já se compreende melhor a pressa e sofreguidão de José de Amorim Caridade em mandar fazer, logo a seguir e tudo no mesmo ano, o muro e o falso registo da bouça coutada «compreensiva da Capela e respectivo cruzeiro».

Perante o procedimento do Snr. Padre Bernardo, tido por todos como um bom e digno sacerdote, naturalmente julgou-se no mesmo direito e correu logo a preparar-se para isso, sem olhar a despesas e dificuldades. Embora tenha afirmado na minuta do seu advogado, Snr. Dr. Conselheiro Sá Carneiro, que o muro da vedação ia só até ao rego dos enxurros, distante ainda alguns metros do adro da capela, certamente era só para despistar e esperar a melhor oportunidade de o fazer ràpidamente e sem grande alvoroço, como o Snr. Padre Bernardo.

Como exemplo típico dessa indignação popular contra o aprisionamento da capela pelo Snr. Padre Bernardo, o Snr. Abade contou-me um episódio engraçado entre ele e um seu vizinho, Manuel de Oliveira, o Cêta, que passou à posteridade pela sua esperteza e piada fina e candente.

Andavam desavindos por motivos particulares e um dia o Snr. Padre Bernardo, ao passar por ele, que andava a podar, em vez duma saudação cristã, dirigiu-lhe palavras mordazes. Sem se alterar, mas com uma ironia escaldante, o Cêta respondeu: — Não me admiro nada do seu péssimo procedimento, porque ouvi dizer que Santa Teresa de Jesus foi ao inferno em vida e o que mais a impressionou foi vê-lo estrado de coroas de padres. Apoiado nisso exprobou-lhe tudo e explorou ao máximo o aprisionamento da capela para o insultar com os nomes mais deprimentes e ofensivos.

Estava o Snr. Padre Bernardo muito à vontade e sem cabeção, como costumava andar nos trabalhos do campo.

Não vendo ninguém perto, foi depressa a casa, pôs o seu cabeção ao pescoço, enroupou-se melhor, arranjou duas pessoas que se aproximassem disfarçadamente do local e servissem de testemunhas e voltou a provocá-lo. Vendo que ele não se descosia, invectivou-o directamente: — Você é um malcriado... ainda há pouco tratou-me mal e insultou-me.

Isso não. Sou incapaz de maltratar ou insultar qualquer pessoa de bem e muito mais um sacerdote, um ministro do Senhor. Tenho por eles o maior respeito e conheço-os perfeitamente pelo seu vestido honesto e decente e pela volta que usam ao pescoço. Há pouco apareceu-me aqui um almocreve ou coisa pior, mas sacerdote digno é que não era, porque não tinha volta ao pescoço nem nada que se parecesse com um padre e estava todo sujo e coberto de andrajos. Era um miserável, era um porcalhão, sem nenhuma educação e tratei-o como merecia.

E assim continuou a escarnecê-lo e a insultá-lo quanto quis, sem que ele pudesse pegar-lhe para o incriminar no tribunal.

Este segundo Padre Bernardo António da Rosa também era de Quintiães, filho de Miguel António da Rosa e de Luísa Josefa da Rosa e faleceu inesperadamente e, por isso, sem sacramentos, nesta freguesia de Cossourado em 6 de Julho de 1913, com oitenta e três anos de idade.

Nunca podemos prever todos os perniciosos efeitos dum escândalo, principalmente quando vem de cima e duma pessoa consagrada que, pelo seu estado e ofício é considerada e deve ser modelo de todos os outros. Além da capela da Cadavosa, já apontada no estranho procedimento de José de Amorim Caridade, talvez esse mau exemplo tenha influido numa série invulgar de desacatos insolentes aos lugares sagrados desta freguesia, por essa ocasião.

CAPELA DE SANTA ANA DE GRIMANCINHOS

Só por duas vezes o Snr. Abade me falou nela e sempre com grande enfado e aborrecimento e espicaçado pela criada que lhe lembrava certas desfeitas e agravos duma família daquele lugar, e dum modo nebuloso, misturando-a com o arrombamento da igreja paroquial e com a corrupção e ruina dumas famílias desse lugar com ajuntamentos, danças e festanças, como se houvesse correlação entre eles. Enervando-se e afligindo-se muito ao falar nessas coisas, interessava-me mais acalmá-lo e distraí-lo do que saber desses acontecimentos tão tristes e desagradáveis e, só por isso, fiquei com poucos e reduzidos conhecimentos, porque ele era naturalmente expansivo e comunicativo.

Parece-me, porém, que o desaparecimento dessa capela já foi no seu tempo de pároco e atribuiam-no ao seu desinteresse e desleixo, mas de facto deve-se à cumplicidade de todos ou quase todos os habitantes desse lugar, por maldade duns, cobardias doutros e comodismo, desinteresse ou respeito humano dos restantes.

Para o confirmar, além dessa conversa confusa, mas suficiente para me levar a tal conclusão, posso apresentar outro argumento mais explícito e convencente.

Falando-me certo dia duma injustiça e desconsideração, contra ele praticadas por uma autoridade desta freguesia, de colaboração com um seu compadre e amigo de Grimancinhos, contou-me que, para patentear pùblicamente a sua rebelião contra ele e mais o escarnecer e vexar, promoveu uma festa meramente civil, com procissão espalhafatosa às capelas, colocando à frente da música as mulheres dos dois bem ouradas e garbosas. Depois duma exibição demorada e ruidosa junto e em volta da capela de S. Simão com o contínuo estrondo dos foguetes, foram para Grimancinhos onde fizeram a maior paródia. Não lho perguntei nem ele mo disse, mas, para me falar assim, é provável que essa capela já nessa ocasião estivesse desmantelada ou em ruinas e lhe exprobrassem a sua incúria ou negligência e daqui proviessem o seu nervosismo e relutância, ao falar nesta capela.

Conta-se, porém, que começaram por aparecer sinais de apedrejamento com telhas caidas e partidas junto e em volta da capela e buracos no telhado, que aumentavam de dia para dia. Dentro de pouco tempo desapareceu todo o telhado e madeiramento, parte roubada e parte caída ou partida em volta e no fundo da capela. Depois todos os dias se viam pedras caídas que depressa levavam o mesmo rumo misterioso, acabando por desaparecer toda a capela, sem deixar sinais nem vestígios.

Do que pude depreender, parece-me que o devemos atribuir a alguém interessado em se exonerar duns foros pagos à capela e em se apoderar do pouco terreno, por ela ocupado e dos seus materiais. O principal culpado era muito temido de todos pelo seu génio exaltado e brigão e pelos seus maus sentimentos e falta de escrúpulos. Também depressa desapareceu dali, sem deixar rastro.

Dizem que um dia passou por ali um homem. Ficou espantado com aqueles desacatos sacrílegos e, vendo a imagem de Santa Ana ainda no meio daqueles escombros, levou-a consigo, debaixo do casaco. Ao falar disso mais tarde, as Senhoras Novais da Casa de S. Bento de Balugães disseram-me que esse homem foi o Snr. P. Filipe Rodrigues Rosas, de Panque, que apareceu com ela, em casa delas, verdadeiramente escandalizado com tanto desleixo e abandono. Dizem que actualmente essa imagem se encontra em Panque na casa do Soutelo.

CAPELA DE SANTA MARIA DA CADAVOSA

Referentes a esta capela, aparecem neste século dois documentos muito importantes, claros e elucidativos.

O primeiro é um resumo da vida paroquial de quase todas as freguesias

dos diferentes arciprestados desta Arquidiocese de Braga no ano de 1845. Encontra-se na Secção de Visitas e Devassas da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga. A respeito desta nossa capela diz o seguinte: — «A freguesia de Cossourado tem na Cadavosa, lugar de Navió, uma capela, Orago Santa Maria; está segura e decente para nèla se poder celebrar; tem os paramentos necessários. Sua fábrica é por conta de António Afonso, António Lourenço Caridade, António da Silva, todos desta freguesia e Joaquim Soares da freguesia de Balugães».

O segundo contém as contas duma obra realizada na capela em 1865. Foi encontrado no espólio de Fernando Pereira Grilo e por sua esposa, Senhora D. Maria Alves Barbosa, cedido à Comissão Fabriqueira desta freguesia para defeza da capela. Quando se liquidaram as contas com o nosso advogado e nos devolveu tudo o que tinha em seu poder, dizem que chamou uma especial atenção para ele, como o melhor documento e maior argumento a nosso favor e por isso devíamos guardá-lo como uma relíquia preciosa.

Era minha intenção reproduzi-lo em fotogravura, mas, como isso pode fazer-se em qualquer ocasião e agora me vem transtornar as magras economias, ficará para depois, se alguém o desejar.

Para já vou transcrevê-lo com a maior fidelidade:

Rol das despeza que Sefizerão Com as obras Na Capella de Santa Maria da Cadavosa No Anno de 1865 e Sinco

Em Portou a obra de Carpinteiros e Pedreiros e Calliadores a quantia de Trinta e um mil e trezentos e sesenta rs. 31360 Abatendo mil e seis centos rs. 1600 rs. que havia de esmolas eficou para Repartir vinte enove mil e sete Centos esesenta rs. — 29760. Pelos Consortes do prazo da mesma Capella Alcamo seu valor na quantia Seis Sentos Sincoenta eseis mil rs. — 65.6000 rs. e que ficou olcaddo todo Prazo dadita Capella

Sr. Joze da Costa do Brabio B.	155000	Tocoulhe	pg	7028
Sr. Antonio Lourenço Carid.e B.	150000	T.	pg	6803
Sr. Antonio da Boicinha dos Piaes B.	155000	T.	pg	7028
Sr. Joze do Rego Ballor	50000	T.	pg	2265
Sr. Vicente Goncallves B.	16000	T.		723
Sr.ª Maria Luiza Barella B.	40000	T.	pg	1812
Sr. Antonio Esteves B.	30000	T.	pg	1359
Sr. Joze Joaquim Gllz. Assenço	60000	T.	pg	2718
		Soma		29736

Segundo diz, a obra de carpinteiros, pedreiros e caiadores importou em 31.360 reis. Abateram 1.600 reis, que havia de esmolas, e ficou para repartir pelos consortes do prazo da capela 29.760 reis. Para isso orçaram o valor total

do prazo em 656.000 reis, botando a cada o valor correspondente e tocando-lhe a respectiva quantia. Só a Vicente Gonçalves falta o sinal de pagamento—pg—e, por isso não sabemos ao certo se pagou ou não e, caso negativo, como remediaram a sua falta.

Deles falaremos mais detalhadamente na ocasião própria, mas desde já chamo a atenção para a atitude incompreensível do nosso Advogado, que, reconhecendo toda a força e valor deste último documento, nem sequer o apresentou ao Tribunal!... Também nessa altura falaremos das várias vicicitudes por que passou a capela, neste século XIX, com a expulsão dos frades e a intervenção dos seus enfiteutas.

CAPELA DE S. SIMÃO

No fim deste século foi oferecida pelo Snr. Silvério José Ferreira a imagem de pedra de S. Simão que se venera na fachada desta capela e foi feita por José Joaquim Ferreira que também executou a pedra divisória da pia baptismal da igreja paroquial. Era um bom pedreiro desta freguesia.

Não posso garantir mas parece-me ter ouvido ao Snr. Abade que a imagem de Santa Ana, que aí se venera, foi oferecida por Aurora Cândida de Costa Pereira ou sua tia Margarida de Costa Pereira. A imagem de Santa Gertrudes, também aí venerada, é muito mais antiga e talvez lhe venha daí a primazia de se encontrar do lado direito.

O altar e o retábulo, muito simples e pobres, devem ser do tempo da aquisição da imagem de Santa Ana porque este contém três nichos em forma de oratórios para S. Simão ao centro, Santa Gertrudes à direita e Santa Ana à esquerda.

CAPELA DE SANTA MARTA

Já vimos que esta capela perdeu a sua independência no fim do século XVII ou princípio do século XVIII. Em 1765 a quinta e certamente também a capela apareceu na posse do P. Bento de Abreu Vasconcelos que também tinha comprado os bens de Orade que tinham sido do P. Manuel Soares e seu cunhado Francisco Machado e do Capitão António de Sousa Caldas e propôs uma questão contra os herdeiros do P. Domingos Martins por se quererem apoderar à força das águas de Salgueiros, pertencentes a essa propriedade de Orade. A quinta e a capela de Santa Marta aparecem depois na comenda de Chavão, de Ordem de Malta. Em 23 de Dezembro de 1836 foi passada uma procuração em Lisboa ao Snr. Joaquim José Martins para reunir todos os itens desse prazo, passando pouco depois para seu poder.

A capela foi reformada em 1896, perdendo muito do seu valor antigo, segundo diz o Snr. Dr. Teotónio da Fonseca.

CAPELA DO SOUTO

A este respeito o mesmo autor diz textualmente: — «A capela do Souto, orago Bom Jesus na Agonia, é moderna, foi mandada edificar por Manuel Luís Ferreira em 1837. Pertence à família Baptista».

ARROMBAMENTO DA IGREJA PAROQUIAL

A porta lateral norte da igreja paroquial assinala o ano de 1889 e a porta lateral sul o ano de 1897, certamente como a era das suas respectivas construções. Como esta última foi arrombada por uma quadrilha de ladrões, com mira numa grande quantia de dinheiro que tinha sido entregue à Confraria das Almas por um seu devedor e, no seu cofre forte, aguardava um novo hipotecário, também essa data recorda este facto indigno e vergonhoso mas felizmente, sem consequências, por só arrombarem duas das três fechaduras desse cofre. Deve ter sido antes da entrada do Snr. Abade em Fevereiro desse ano, na paroquialidade do Snr. P. António que com certeza vivia em Agrêlo e por isso a residência paroquial se encontrava devoluta.

De qualquer forma temos de reconhecer em tudo isto uma rajada desvastadora de desacates e irreverências aos lugares sagrados desta freguesia e falta de temor de Deus, ao findar este século. Serão já os efeitos do liberalismo a infiltrarem-se nos espíritos e corações do povo e até, infelizmente, de alguns sacerdotes ?

Quanto ao resto, Cossourado continua como em 1758 — sem escolas, sem estradas, sem correio etc., e com uns montes que «o mais que produzem são urgueiras, e carrascas e alguns estrumos». Parece-me, no entanto, que também concorreu para a construção da escola de Quintiães, que era a única para todas as freguesias deste Vale do Neiva, e que o seu primeiro professor foi o Snr. Joaquim José Martins, desta freguesia de Cossourado.

Cossourado no século XX

Como vimos, o século anterior, tão rico de vitalidade espiritual, sempre crescente e pujante até à sua culminância com o Snr. Prior, esfriou muito nos últimos anos e, depois duma série de desacatos aos lugares sagrados — igreja paroquial e capelas — terminou num ambiente de ódio, revolta e desordem por causa da desinteligência entre o Pároco e o Snr. P. António da Silva Rosa e da luta renhida e acintosa, daí originada entre os dois. O Snr. Abade queria apenas evidenciar e defender os seus direitos paroquiais mas, com os seus ares e pretenções aristocráticos e com um espírito jansenisto e intransigente, intimidava e retraia.

O Sr. P.e António era mais simpático, popular e educado na escola do tio, aparentava mais devoção e piedade.

O Sr. Abade era esperto mas um pouco imprudente, pondo na boca tudo o que tinha no coração.

O Sr. P.e António era mais reservado e matreiro e procurava armar-se em vîtima inocente e explorar bem todos os seus defeitos e a fama de mau, que precedeu a sua entrada nesta freguesia, para lhe dificultar toda a vida paroquial. Não há como um sacerdote inimigo e sem escrúpuos para amargurar e deprimir o seu pároco, porque, melhor do que ninguém, conhece o seu coração e os meios mais rápidos e certeiros para o atingir e ferir e até estrangular. Disso se queixou amargamente o Sr. Abade quando em 1914, num artigo intitulado «17 anos de guerra», escreveu o seguinte: «As confrarias e a associação do Coração de Jesus estavam todas nas mãos dos parentes ou seus apaniguados. É ali aonde o Padre Rosa se foi entrincheirar, constituindo-se, sem assentimento do parocho, capellão de todas e seu principal gerente.

urgem as picuinhas, os ditos escarninhos e acrimoniosos; o parocho é taxado de «republicano de chapa» e outros DEFEITOS GRAVES. Rebentam as hostilidades; servem-lhes de pretextos OS CLAMORES que, em toda a parte tinham acabado por serem uma pura negação d'actos de religião, e terem caido no mais extraordinário ridiculo. Eram uma palhaçada.

Padre Rosa que, quando encommendado, procurou tambem destruir esse ruinoso costume, agora, contrariando o parocho, colloca-se á frente d'esses FERVOROSOS DEVOTOS, estimula-os, manda-os fazer os signaes nos sinos, e acompanha-os a primeira vez que sáem fóra da freguezia. Os irmãos fazem o mesmo. Por mais que o parocho se esforce para os dissuadir e conter nada consegue.

Em certo dia, um grupo de mais de 20 homens entra na igreja, ahi violentamente tira uma cruz procissional, cobre o parocho de improperios e ameaças, e cáe no crime de rebelião. D'esses são pronunciados 14 e condemnados uns 5, em cujo numero entra João de A'grello.

D'ali por diante os processos crimes, as participações falsas para a administração do concelho, para juizo e para o Ex.mo Prelado, são sem número. Aproveitam-se esses EXEMPLARES DEVOTOS de todos os meios e pontos estrategicos para degostar e obrigar a sair da freguesia o seu parocho. Abertamente o Padre Rosa lhe desobedece na igreja e põe entraves ao seus actos parochiaes.

Emfim. o parocho em 17 annos, quasi sem treguas, tem sofrido de tal gente a guerra mais atroz e traiçoeira que é possivel imaginar-se. E não sei quando terminará porque continua a ameaçar dizendo: «Elle não é de cá, que vá para a sua terra. Há-de sair por força quando não queira d'outra forma».

E mais abaixo: — «Eis hai tambem os motivos porque no tempo da monarchia, os partidarios d'Agrello alcunhavam o parocho de «republicano de chapa» e hoje, no novo regimen o accusam de «thalassa conspirador, etc...».

Foi longa a transcrição mas necessária para podermos avaliar o resto.

Contava também o Sr. Abade que, para o arreliar e prejudicar nos seus direitos paroquiais, chegou ainsinuar a inanidade das obradas, que nunca foram dispensadas durante a sua paroquialidade e a do seu tio e a ninguém era confiado o prato das respectivas esmolas senão a seu irmão João. Para rebaixar este santo e salutar costume, servia-se de comparações imprudentes e disparatadas com a santa missa. Como estes preconceitos subsistem ainda nalgumas pessoas bem intencionadas desta freguesia, para as esclarecer, julgo do meu dever dizer o seguinte: É evidente que cada uma tem o seu valor próprio e lugar determinado e é sempre mau ou pelo menos imprudente e prigoso usar comparações ou confrontos para ridicularizar ou diminuir qualquer delas.

Se alguns podem fàcilmente oferecer vinte ou trinta escudos para uma missa, a grande maioria só com sacrifício consegue um escudo para um responso. Mas que valor não terá diante de Deus esse pequeno óbulo, oferecido como esmola e com espírito sobrenatural e às vezes até com custo e sacrifício para juntar à sua pequenina oração a grande oração da Igreja de quem o sacerdote é legítimo ministro e representante!...

Como não há-de tocar o coração de Deus este coctume tão comovente e edificante de se juntarem os parentes e amigos do defunto para, em seu sufrágio e conforto da família, cada um se ajoelhar aos pés do seu pároco e unir a sua oração à dele, na firmeconvicção e esperança bem fundada de ser assim mais bem aceite e atendida!...

O Sr. P.e António José da Silva Rosa, filho de Bernanrdo António da Silva Rosa e de Maria Josefa Ferreira, natural e residente nesta freguesia, faleceu com 71 anos de idade, confortado com os Sacramentos da Santa Igreja em 6 de Outubro de 1915 e foi sepultado no jazigo da sua família.

O bom ou mau exemplo de qualquer pessoa, mormente dum sacerdote, não se extingue com ele, mas perdura sempre, para bem ou para mal, no seio da sua família e entre os seus amigos e conhecidos. Assim, longe de diminuir, a luto recrudesceu. Quando o Sr. Abade se queixava de sofrer uma guerra atroz e traiçoeira há 17 anos, sem saber ainda quando terminaria, estava muito longe de imaginar as enormes propulsões que atingiria.

Com a monarquia, ainda menos mal, mas, com a república, as autoridades civis desta freguesia abusaram descaradamente do seu pároco.

Já falei da festa civil às capelas.

Por ter vencido uma pequena querela no tribunal, um Sr. Regedor promoveu contra ele uma grande e ruidosa manifestação nocturna no alto de S. Simão, com fartura de fogo, pão, figos e vinhaça e, para obrigar o seu amigo Sr. António Martins Baptista a assistir também, nomeou-o, de véspera, seu cabo de polícia, com ordem expressa de comparecer para manter a ordem.

Em 1915 ou 1916 a Junta de Paróquia não teve pejo de o intimar pessoalmente a ceder-lhe uma sala para as suas reuniões. Sempre de pé e bem erecto e cara descoberta, o Sr. Abade enfrentou-os e ripostou-lhes com

inteiro desprendimento e fina ironia: Com que então a residência paroquial já não é do vosso pároco, nem para o vosso pároco, mas é vossa, para dispordes dela como quiserdes?!... Tomai-a toda que eu retiro imediatamente daqui e vou para a minha casinha. É pequenina e probrezinha e está no extremo da freguesia, mas já a comprei para isso, porque já o esperava da maçonaria, que nos governa, mas não de vó!...

Quando se preparava para se retirar para a sua casinha do Giestel, o Snr. António Baptista de Orade ofereceu-lhe de graça e de boa vontade a sua casa da Pousada, que hoje pertence a minha irmã Maria Teixeira, para ficar mais perto da igreja. Nem lá o deixaram em paz. Certo dia apareceu cercada pelo Sr. Regedor com todos os seus cabos de polícia, e, enquanto este entrava quasi à força para o prender e rebuscava minuciosamente toda a casa por todos os cantos, caixas e armários e dum modo particular a sua secretária em todas as suas gavetas e papéis. na ânsia de encontrar algum objecto ou escrito comprometedores, o Sr. Abade saía pela loja, fazendo sinal, com o polegar e o indicador nos lábios, ao cabo Sr. Manuel Barbosa da Silva, para se calar. Imediatamente este deu meia volta e pôs-se a marchar em sentido contrário, para lhe mostrar que podia ir à sua vontade para onde quisesse, pois ele nada via, nem falava nem fazia sinal algum contra ele.

Mas o Sr. Abade não fugiu cobardemente, quis apenas poupar àquele desgraçado, a mais uma irreverência criminosa e sacrílega, apresentando-se imediatamente na Administração do Concelho, a protestar contra tais abusos e prepotências e a pedir as necessárias e devidas providências. O Sr. Administrador de nada sabia. Chamado à sua presença, invocou diante do Sr. Abade razões tão fúteis e ridículas que este soltou uma forte e estrondosa gargalhada e explicou: trata-se apenas duma habilidade engenhosa do seu credor para o obrigar a ser pontual. Como lhe tarda a fala e este se vê obrigado a andar à cata dos juros, ameaça-o que lhe põe à venda a casa e eirado e o Abade está pronto para os comprar.

Não passa duma brincadeira inofensiva, mas não tenha dúvidas, Sr. Regedor, se um dia forem postos à venda, eu serei um pretendente, porque gosto bem deles. E soltou mais gargalhadas com gosto e vontade.

Era assim o Sr. Abade um brincalhão, mesmo nas horas cruciais, mas nem a brincar relevava contra si a mais pequena desconsideração. A bem era atencioso e delicado. A mal ninguém o torcia.

Saído o Pároco da residência, a Junta já não precisou de sala alguma para si e foi logo oferecê-la toda inteirinha para a escola e residência do professor. Por se não prestar de modo algum para esse fim e talvez até por escrúpulos de consciência, a Inspecção Escolar julgou-a imprópria e inadaptável, e foram precisos grandes empenhos e fortes pressões para ser aprovada, depois de rasgada mais uma janela ao nascente e mais algumas modificações. Ao que chega o ódio vesgo e feroz de certa gente!...

Para escorraçar o Pároco e o impedir de voltar jamais à sua residência, é

que se lembraram de criar uma escola na freguesia, oferecendo para isso, como senhores absolutos e despóticos, a residência paroquial. Nunca fizeram o mais pequeno sacrifício pela freguesia, nem deixaram o mais leve rasto de benificência, mas, com o que é dos outros e não lhes pertence sob qualquer título, são extremamente generosos, para uma vingança torpe e ignóbil que, como ferreto incandescente, os há-de marcar para sempre.

Mas nem assim se dão por satisfeitos. Sedentos de sangue e vingança, passam por cima de tudo e de todos e precipitam-se nas maiores infâmias, vilanias e torpezas. Usam-se todas as injúrias, impropérios e vilezas e chega-se ao descaramento de impedir a visita pascal... os enterros religiosos... e até de fechar a igreja paroquial ao culto divino ! ! !...

Para amostra, basta-nos a seguinte correspondência na «Acção Social» de Barcelos do dia 4 de Abril de 1918 — ano 2, N.º 76 :

«Cossourado — Este ano houve a visita pascal que havia poucos anos não se realizava, em consequência de desaguisados entre o rev. abade e a autoridade administrativa.

Correu tudo em boa ordem e com aprazimento da freguesia que até manifestou o seu justo regozijo por meio de fogos e doutras formas fóra dos seus hábitos. Não faltou com tudo uma ou outra nota discordante. Entre estas sobressaiu o caso estranho e inesperado de o sr. João da Silva Rosa se recusar a visita e para mais, impor aos seus caseiros e inquilinos o mesmo incorrecto procedimento.

Esta indesculpável indelicadeza e intolerância tornaram-se alvos da maior reprovação, quando se soube que os caseiros assim vexados receberam contrariados e com mágoa esta descabida imposição, chegando alguns a pôr o folar e a apresentar-se ao pároco em casas estranhas e a manifestar o seu desgosto com lágrimas.

Lamentamos que o sr. João Rosa, a quem aliaz pessoalmente presamos, cometesse estas leviandades e imprudências que tem sido largamente comentadas dum modo desfavorável e nada honroso para este cavalheiro que aliaz gozava de fama de correcto e comedido.

A avaliar pela reprovação quase geral que tem recaido sobre este mal pensado proceder e impiedosamente censurado e lamentado até por amigos seus que participam de sua má vontade contra o sr. abade — parece-nos bem o sr. Rosa já deve estar no seu íntimo pezaroso do mau passo que deu.

— Grosseria semelhante à do sr. João Rosa, recusando a visita pascal praticaram-na também os srs.: Silvério Alves Ferreira e Manuel Alves Pedra.

Consta que também a preparava o sr. Francisco Rosa, mas a mulher mais avisada, o demovera disso.

Terminada a visita que foi feita com duas cruzes e por itinerários diferentes, juntaram-se todos, segundo a praxe, no lugar do Cruzeiro e dirigiram-se — cruzes, padres e numeroso povo — para a igreja e, ao bindelhar frenético das campainhas e repiques festivos dos sinos, havendo aí ladainha e bênção do San-

ssimo. Fora da igreja e antes de dispersar, o povo rompe em estrepitosos vivas à Igreja, à Religião Católica, aos srs. abades de Cossourado e Balugães, aos mordomos de Portela e do lado do rio, etc. — V. A.».

Como as duas iniciais indicam, o autor desta correspondência era o Snr. Reitor de Quintiães, mais tarde elevado à dignidade de Cónego honorário, P.e Manuel Fernandes do Vale Amorim. É certo que o Snr. João Rosa ripostou com uma carta à Redacção do mesmo jornal e depois em vários artigos no Barcelense. Isso, porém, só serviu para sobrelevar e impor o Snr. Cónego Reitor como um bom escritor e um jornalista de garra. Na impossibilidade de os acompanhar par e passo, limito-me ao meu tema — proibição da visita pascal em Cossourado.

Excepto o pequeno parêntise, que é um breve mas explícito comentário do Snr. Cónego Reitor, a referida carta dizia assim: — «A visita pascal, se não realizava há anos era por mera caturrice dum homem que teimaram em fazer padre para mal de todos nós (todos, mesmo todos?! Arréda). Demais não deve ignorar o sr. V. A. que o ano passado o governo autorizou a visita sem licença de qualquer autoridade».

E o Snr. Cónego Reitor respondeu: — «Perdão; o que o misterioso V. A. não ignora é que, se não falha a sua remeniscência, o ano passado foi expedido pelo Ministério do Interior uma circular aos Governadores Civis para recomendarem às autoridades suas subordinadas, facilitassem e permitissem a visita pascal; que acima disto lá estava o Art.º 55 da Intangível a proibir fero e a cominar penas contra os promotores e dirigentes de todos os actos do culto externo, fora dos lugares a isso destinados «quando se não tiver obtido ou fôr negado o consentimento por escrito da respectiva autoridade administrativa»; que se é certo que a autoridade administrativa de Barcelos em geral era tolerante nesta matéria, também é facto que ao sr. Abade fora notificado todo o rigor daquele Artigo, num ofício da Administração do Concelho, restringindo noutro ofício subsequente e reforçando num terceiro, em tudo que não fossem acompanhamentos fúnebres e viático aos enfermos.

Ora, sendo isto assim, mesmo que o regedor tivesse dado licença «verbal» como nos afirmou um filho do sr. Rosa, bem podia o pároco tomar essa comisinha licença ilegal por uma cilada, tanto mais que por menos que a transgressão daquele Artigo, isto é, por motivos eleitorais, já o haviam os parceiros do Sr. Rosa tentado expulsar por um processo disciplinar que correu na Administração do Concelho.

Mas demos por hipótese que o sr. abade não fez a visita porque não quis em sinal de protesto contra o regime de excepção em que o haviam colocado. Uma incorrecção deste senhor — suposto o fosse — justifica outra... delicadeza do Snr. Rosa ?

De mãaneira que o azedume com que incrimina a suposta indignidade do pároco, embora talvez sem o querer, fere por igual a Igreja, como vamos ver.

Prossegue a carta : — «A alegria de que fala também, não representa

senão o esvurmar de ódios duma minoria velha e gasta».

A isto respondeu o Snr. Cónego Reitor: — Sim? Mas quem foi que recusou a visita? O sinatário da carta; mais os senhores Silvério Ferreira e Manuel Pedra, mais três cazeiros do primeiro a quem em requintes de tolerância «impôs» que fechassem a porta, indo até um deles pôr o folar e apresentar desculpas, entre lágrimas, ao Sr. Abade, numa casa fronteira, dum cazeiro do sr. Padre Miguel; mais alguma nulidade, muito rara, sem cotação alguma. Estes é que serão a tal minoria velha e gasta a esvurmar oe ódios em contraposição à freguesia, tanto mais jubilosa este ano, quanto outros anos descontente por não haver visita? Só se for...

Mais um naco: — Foi assim que se exprimiu o Snr. Cónego Reitor ao apresentar mais esta parta da carta, mas os parêntises continuam a ser dele: — «A nota pavorosa e alarmante (brrr) que tanto irritou o sr. V. A. e os da sua sensibilidade histérica (sic) não tem o carácter que lhe quis imprimir e que só ele e poucos mais (ou s. ex. o sr. Rosa, que é insuspeito... o não diga) vêem. Fechei a porta ao padre, porque o procedimento dele para comigo outra coisa não merecia».

Vejamos agora, como respondeu o Snr. Cónego Reitor:

«Mas, direi — fechar a porta ao padre que, sem consideração de agravos passados, vinha exercendo, naquela ocasião, revestido e acompanhado de insígnias litúrgicas, uma das mais simpáticas funções paroquiais, — é fechar a porta não ao homem só, mas ao ministro oficial da Igreja, é retrocar a alegria e a paz que se reflectem na cruz engalanada da Páscoa, pelo referver de ódios que atiçaram suplícios e holsaram ignomínias sobre o Divino Padecente.

Mas não diga eu, nem o sr. Rosa, do errado passo que por força quer legitimar; diga-o o público independente e imparcial».

Depois de apresentar e comentar o resto da carta que não interessa ao nosso tema, conclui assim o Snr. Cónego Reitor:

E para findar uma pergunta: esse histerismo que assim quer engendrar da banda de cá, não poderá lembrar um hisper-histerismo ou tara familiar, oscilando até à loucura, e que, rebelde aos específicos das sumidades médicas, não cedesse sequer nem a exorcismos por ou por nefaz, nem a bruxedos de vários feitios?

Não sejamos nós que afirmemos semelhantes hipóteses. Mas foi talvez parafusando sobre congeminências destas que um ratão teve este comentário seco, rude e irreverente: — Eles fecharam as portas à Páscoa porque as diabruras têem medo da Cruz!...». Rerefe-se aqui a duas pessoas de família que faleceram dementes, uma em 1912 com 19 anos e outra em 1917 com 24 anos.

Tenho pena de não poder transcrever todos os oito artigos em que o Snr. Cónego Reitor trata desta questão. Quem quiser, pode vê-los, bem como mais 44 artigos sobre os mais variados temas, no curto espaço de dois anos no citado jornal: — «Acção Social» cuja colecção completa se encontra na Biblioteca da Câmara de Barcelos, oferecida pelo Snr. Tenente Silva.

Daqui se vê claramente que Cossourado esteve vários anos sem Visita Pascal. Embora o artigo 55 da dita Intangível, isto é, a Lei da Separação, proibisse sob penas graves todo e qualquer acto de culto externo, fora dos lugares a isso destinados, sem o consentimento escrito da Autoridade Administrativa, esta em Barcelos era geralmente tolerante, abrindo uma única excepção para Cossourado que foi a única freguesia neste Vale do Tamel e talvez em todo o concelho, sem Visita Pascal durante vários anos.

Mesmo quando o Ministério do Interior recomendou às respectivas autoridades que facilitassem e permitissem a Visita Pascal, o Administrador de Barcelos enviou ao Pároco de Cossourado três ofícios seguidos, a notificá-lo no primeiro de todo o rigor do artigo 55, a restringir no segundo toda a tolerância apenas aos enterros e visita aos doentes e a reforçar no terceiro essa vergonhosa e humilhante restrição. Só Cossourado vivia em regime de excepção, mesmo para as concessões, facilidades e permissões recomendadas pelo Governo da Nação ! ! ! E por culpa de quem ? !...

Foi necessário o Consulado de Sidónio Pai para recomeçar em Cossourado a Visita Pascal e mesmo assim com manifesta má vontade e oposição declarada dos verdadeiros responsáveis dela não se ter realizado nos anos anteriores.

Como prova de enterros civis nesta freguesia, basta-nos a transcrição duma parte dum assento de óbito : — «No dia três de Novembro de mil novecentos e dezanove, nesta freguesia de Sant'Iago de Cossourado, arciprestado de Barcelos, desta Arquidiocese, faleceu Francisco, de dois anos de idade, natural desta freguesia e nela residente no lugar da Igreja. Foi sepultado civilmente por vontade do pai que por Domingos Fernandes da Costa me mandou dizer que eu não fosse acompanhar o cadáver mas que mandasse um padre qualquer : queria assim porque João António da Silva Rosa lhe dissera que, se eu fosse, havia desordem. Assim foi pois sepultado no cemitério desta freguesia no dia de hoje, quatro do dito mês e ano. Ab. Manuel Francisco da Silva».

Este servilismo vergonhoso e degradante não tem desculpa nenhuma, porque tratando-se de interesses particulares, impôs-se sem respeito nem consideração alguma, obrigando-os a dar-lhe tudo quanto quis numa troca de propriedades e, contra o seu Pároco, rebaixou-se tanto, até consentir que um filho seu fosse sepultado sem as honras e bênçãos da Santa Igreja !...

Para verificar e confirmar as arbitrariedades e prepotências praticadas contra o Snr. Abade e todos que tomavam a sua defesa, basta ver o Barcelense de 6 de Setembro de 1919, N.º443, Ano IX, que sob o título de «Pugilato» nos diz : —

«Deu-se ontem no tribunal desta vila uma scena de pugilato».

Descreve-nos que, estando o Snr. Dr. António Pedras a inquirir umas testemunhas de defesa do Snr. Abade de Cossourado em mais um processo contra ele movido, um cavalheiro, lá nomeado, que já antes, segundo informa-

ções dum oficial de diligências, havia provocado as testemunhas de defesa à porta do tribunal, irritado com a intervenção do advogado no processo, dirigiu-lhe insinuações que foram logo repelidas, e, num gesto brusco, ripostou, agarrando num tinteiro para o arremessar ao advogado, o que não conseguiu por o oficial Snr. Lima, a tempo, lhe impedir o movimento. Armado dum bengalão esperou o Snr. Dr. Pedras no largo da Porta Nova e procurou atingi-lo aí, mas, por uma manobra a tempo, a bengala passou logo das mãos do agressor para as do advogado que a agitou com toda a energia de quem repele a afronta com todo o brio. Puchou então duma pistola e ia a fazer fogo quando, por acaso, passou o Sr. Haurelio Bucheneiro de Matos que lhe impediu o movimento da mão e o desarmou.

No N.º 456 do mesmo jornal Barcelense de 6 de Dezembro de 1919 vem a seguinte notícia : — «Abade de Cossourado. O processo disciplinar instaurado contra o Snr. Padre Manuel Francisco da Silva, digno e estimado Abade de Cossourado, em que eram testemunhas de acusação os Rosas e outros daquela freguesia, foi mandado arquivar pelo ilustre Ministro da Justiça. Muito bem, senhor Ministro, assim é que se faz inteira justiça a um velho sacerdote, que só sabe praticar o bem e cumprir os deveres do seu mister.

Felicitamos o Snr. Abade por mais esse triunfo sobre os seus inimigos».

Sobre a reabertura da igreja paroquial desta freguesia, fechada ao culto público durante nove meses, vem no número 464 de 31 de Janeiro de 1920 do Barcelense, o seguinte :

«CASO DE COSSOURADO»

Vai noutro lugar mais ou menos historiado o acontecimento de domingo de Cossourado, em que o povo, vendo a sua igreja fechada há meses, exigiu as chaves da igreja aos detentores das mesmas para que o culto fosse aí restabelecido. Como os detentores das chaves não as cedessem, o povo da freguesia, mais de 500 pessoas, tomou uma atitude hostil contra os Rosas e regedor.

Para aí foi uma força da guarda republicana mas quando lá chegou tudo havia socegado.

O regedor, porém, mandou prender diversos proprietários e o rev. Abade sendo este, pouco depois, solto mas avisado para vir à Administração. Segunda feira vieram os presos que eram uns seis, alcunhados de cabeça de motim. Terça feira o povo de Cossourado veio em grande massa pedir a soltura dos presos, o que se conseguiu no dia seguinte, quarta, ao fim da tarde e, isto mesmo, segundo ouvimos, por acordo feito e imposto: — os presos iriam para suas casas mas a igreja continuaria fechada até à próxima segunda feira e só desse dia em diante é que o Snr. Abade aí poderia celebrar.

Quer dizer : a igreja de Cossourado dependente do papado de Agrelo a quem a autoridade dispensa toda a protecção».

Nesse mesmo número do Barcelense vem isto mais desenvolvidamente

historiado num artigo de Albino Leite entitulado — «Palestrando» em que afirma que «Cossourado é a freguesia do concelho que há anos está na berlinda» e prova e explica porquê.

No número 478 sempre do mesmo jornal — «Barcelense» — de 8 de Maio de 1920 vinha este pequeno episódio, na correspondência de Cossourado, que muito nos pode ilucidar sobre a veracidade das testemunhas de acusação.

COSSOURADO 3-5-1920

JULGAMENTO

Vai continuar no próximo dia 14 o duma meia dúzia de estimados e briosos rapazes todos, ou quasi, cabos de polícia, acusados pelo Sr. regedor de o terem batido e desacatado, a quando do célebre 25 de Janeiro em que o povo, alvoroçado, reclamou a abertura da igreja, fechada havia 9 meses. São eles umas das vítimas escolhidas pelos nossos tiranetes, sob a cómoda égide do ministério público, cevarem os seus ódios e insofrido despeito, por o povo, farto de opressões, ter então mostrado, esse gesto clamoroso e altivo, que não suportava mais tempo semelhantes despotismos.

O julgamento começou no dia 13 do mês findo, depondo então a 1.ª testemunha de acusação, que por sinal se apresentou muito bem enfarpelado, muito delambido — um janota. Mas o seu depoimento, contrastando com o apelido, em vez de branco, teve, segundo informam, bastante de escuro. Querem uma amostra?

A certa altura perguntou-lhe o talentoso advogado de defesa, o Sr. Dr. Pedras:

— Que gente estava na ocasião do motim?
— Eram pouco.
— Mas seriam umas 100 pessoas?
— Não, eram menos.
— 50? Prossegue o advogado.
— Menos... menos.
— Seriam 20?!...
— Olhe mais de 20 seriam.
— Então seriam 40?...
— Sim... por aí.

Imagine-se a impressão de riso, senão de nojo que produziu deslate nos muitos de Cossourado, ouvindo isto e que no dia 25 de Janeiro tinham presenciado aquela ruidosa manifestação de centenas e centenas de pessoas.

Que pensariam também disto até os próprios de Barcelos que no dia 27 de Janeiro viram pela vila aquela volumosa multidão de Cossouradenses, vindos

dum longínquo extremo do concelho, a instar perante a autoridade pela abertura da sua igreja?!...

Mas aí vai outra, do mesmo hominho. Perguntando-lhe o hábil Dr. Pedras se tinham batido muito no regedor, responde muito açodado:

— Ai, muito; alguns quanto quiseram... e na cabeça!

— Então esmagaram-lhe a cabeça! fizeram-lhe algum lenho... como foi isso?

— Fizeram-lhe... um galo.

— Ai um galo... um galo!... sublinha irónico e sorridente o distinto advogado, no meio de franca e irreprimível hilaridade do tribunal.

Agora esta, que também é bonita, para remate. Perguntou o meretíssimo juiz ao regedor, se no ocasião do motim, tinha a chave da igreja?

— Não senhor, responde; era a Junta. Eu só tinha a chave da lâmpada...

— Hom'essa! retorquiu o Sr. Juiz; então a lâmpada não está na igreja! São de Cossourado e basta...

Só é pena que, por causa duns assim, seja aquilatada esta populosa freguesia, no geral de gente honesta, sã, cordata, laboriosa e pacata».

COMO AS COISAS SE PASSARAM

Fui talvez longo e demorado nas transcrições apresentadas que, no entanto, me parecem muito úteis e necessárias para podermos formar um juizo recto, justo e seguro dos factos, das pessoas e dos seus métodos e processos. Posto isto, vejamos ràpidamente com as coisas se passaram.

Depois da Monarquia do Norte e com a Restauração Republicana, os democratas da freguesia, que nada tinham sofrido dos seus conterrâneos monárquicos, aproveitaram a ocasião para prenderem o Sr. Abade e o seu maior amigo, Sr. António Martins Baptista. Talvez fossem influênciados por uma mexericada vil e traiçoeira, porque o Sr. Abade contou-me que o Sr. Baptista, ao apresentar ao Sr. Dr. Matos Graça a lista, proposta por ele, para a nova Junta e Regedoria da freguesia, estava acompanhado dum homem que lhe solicitara uns empenhos. Este cavalheiro, interpretando mal, veio dizer aos seus amigos democratas que essas listas continham os seus nomes para serem presos.

O Sr. Abade refugiou-se em casa do Pároco de Gilmonde a quem deixou em testamento os seus livros como prova de afecto e gratidão.

O Sr. Baptista teve de fugir à pressa pelo quintal, enquanto a casa era invadida pela guarda republicana e escapou na Residência Paroquial de Barbude, Vila Verde, junto do Sr. Reitor Albano Ferreira Rodrigues de Almeida, que, desde a sua paroquialidade desta freguesia, foi sempre um grande amigo da família Baptista e o acolheu como todo o amor e carinho.

Passada a maior fúria e a mais perigosa, e simulando os seus inimigos disposições pacíficas, chegando mesmo a declarar a alguém que não voltariam a fazer-lhe mal algum, o Sr. Abade, já cansado de andar de casa em casa, e

ralado de saudades da sua freguesia e do seu povo, veio mater-se na boca do lobo.

Certa noite, José Gonçalves Caetano, mais conhecido pelo «Poças» foi chamado à janela por uma voz demudada e por isso desconhecida, que lhe gritou: — Avisa o Sr. Abade de que vai ser preso e, por isso fuja imediatamente.

O Sr. Abade não acreditou e chegou a repreender àsperamente o Poças e a zangar-se com ele, por sr demasiadamente incrédulo e vir incomodá-lo com boatos. Preso e levado para Barcelos por uma força militar, comandada por um capitão, lá se encontrou na mesma prisão com o Sr. P.e Joaquim Alexandre Gaiolas, D. Prior de Barcelos, mais tarde elevado à dignidade de cónego honorário, e vários políticos.

Qundo se encontrava sob prisão, o Regedor desta freguesia, talvez para armar de valentão e agradar aos seus amigos democratas, agarrou-o pela gola do casaco com ambas as mãos e com um palavrão obceno exclamou: — «Agora estás nas minhas mãos». Acudiu imediatamente o capitão que o repreendeu e proibiu de lhe tocar.

Este Regedor é o mesmo que, depois da reabertura da igreja processou os seus cabos de polícia e no tribunal declarou que nunca teve em seu poder as chaves da igreja mas só a dalâmpada. Morreu sem sacramentos nem assistência religiosa, apesar de morar perto da igreja e de eu lhe passar à porta de casa, nessa ocasião, julgando que o alvoroço e o choro, já esboçados, eram provocados por discórdias de família.

Logo após a sua prisão, o povo desta freguesia reuniu-se na igreja paroquial, antes de ser fechada ao culto, e resolveu seguir para Barcelos a pé, a cantar e a rezar, em procissão de reparação e penitência, pedir e reclamar o seu Pároco. A sua passagem causava estranheza e admiração às povoações que atravessavam, mas a sua entrada em Barcelos, de cruz içada a cantar o «Queremos Deus», provocou grande alvoroço e profunda sensação e mais ainda quando se postaram todos diante da prisão a gritar a plenos pulmões: — «Queremos o nosso Pároco... queremos o nosso Senhor Abade».

Ao vê-lo assomar a uma janela, para agradecer tanta generosidade e dedicação, irromperam todos numa ovação estrondosa e demorada com calorosos vivas e estrepitosas palmas, entre sorrisos de alegria e lágrimas de comoção.

Julgado no Tribunal Militar do Porto, o Snr. Abade foi absolvido por unanimidade e o próprio Promotor de Justiça foi a sua melhor defesa, começando por declarar que, se tivessem sido respeitados os trâmites jurídicos e as normas legais, o suposto réu nunca devia ter comparecido perante aquele Tribunal e de todo o processo nada mais se depreendia e provava do que a má vontade e o ódio dos seus acusadores.

Na sua longa ausência de oito meses, retirando em 28 de Fevereiro e voltando em fins de Outubro de 1919, a freguesia de Cossourado foi confiada aos cuidados do Snr. Reitor de Quintiães, que, no dia 15 de Março desse ano, lavrou e assinou um assento de baptismo e outro de casamento, apenas como

encarregado provisório da freguesia, e daí em diante passou a assinar-se Pároco de Cossourado.

Foi nesta ocasião e durante a prisão do Snr. Abade, que sem inimigos fecharam a igreja paroquial ao culto divino e passou a servir de paroquial de Cossourado a capela de N. Senhora da Lapa de Aborim, onde o Snr. Reitor de Quintiães administrou o primeiro baptismo em 30 de Abril, já como Pároco de Cossourado.

Além do baptismo e do casamento em 15 de Março, já mencionados, o Snr. Reitor só administrou mais dois baptismos, em 14 e 16 de Abril, na igreja paroquial. Na capela da Lapa, como paroquial de Cossourado, além do de 30 de Abril já mencionado, só lá foram administrados mais seis baptismos, sendo o último em 10 de Setembro, e dois casamentos pelo Snr. Reitor de Quintiães, como Pároco de Cossourado.

Durante este doloroso período, foram ainda administrados na igreja de Panque pelo respectivo pároco, um casamento a 16 de Agosto e um baptismo em 10 de Outubro, cujos assentos forem lavrados e assinados, nos respectivos livros desta freguesia, pelo Snr. Reitor de Quintiães, como pároco de Cossourado.

Também por ele, como Pároco de Cossourado, foram lavrados e assinados nove assentos de óbito — dois de crianças de poucos dias e sete de adultos de mais de vinte anos de idade e destes sete, só dois receberam os sacramentos da Santa Igreja. Desses nove funerais, quatro foram acompanhados ao cemitério paroquial pelo pároco de Aguiar e um pelo de Balugães. Dos quatro restantes, nada se diz a tal respeito.

O último assento lavrado e assinado pelo Snr. Abade é dum óbito no lugar do Paço em 26 de Fevereiro de 1919 e tem a data de 28 desse mês. O primeiro óbito depois do seu regresso foi em 3 de Novembro e foi sepultado civilmente em 4 desse mesmo mês, como vimos.

Também foi o úúltimo da série, certamente por falta de ambiente, e já o seguinte em 24 de Novembro, «foi acompanhado ao cemitério pelo Rev. Abade desta freguesia, P. Manuel Francisco da Silva e pelo coadjutor, depois do ofício e missa na capela do Souto por ainda se achar fechada a igreja paroquial» como se lê no respectivo assento, lavrado e assinado pelo coadjutor, P. Manuel Fernandes Portela.

Nesta capela do Bom Jesus do Souto dos Snrs. Baptistas, a servir de paroquial de Cossourado, depois da capela da Lapa, foram administrados doze baptismos pelo Coadjutor, sendo os dois primeiros, irmãos gémeos, em 27 de Novembro de 1919 e o último em 22 de Janeiro de 1920 e foram celebrados dois casamentos pelo Snr. Abade, que ainda lavrou e assinou o assento do primeiro em 8 de Novembro de 1919, sendo o segundo já lavrado e assinado pelo seu Coadjutor em 7 de Dezembro desse ano.

Foi talvez para evitar atritos e extinguir ou pelo menos atenuar a alta tensão dos ânimos enfurecidos que o Snr. Abade, por iniciativa própria ou por

indicação superior, aceitou para seu Coadjutor um hábil e zeloso sacerdote que exerceu uma acção extraordinária, benéfica e frutuosa como veremos. Mas, nem assim, desarmaram os seus inimigos, continuando com a Igreja fechada, sem atenderem pedidos nem propostas conciliatórias de ninguém, e com novas e maiores injúrias.

Retirando-se o Snr. Abade quase inteiramente à vida privada na sua pequenina e pobre vivenda do Giestal, ali mesmo foi acometido à pedrada e a fogo. Certa noite foi-lhe apedrejada a casa, ficando estilhaçados todos os vidros e caixilhos da janela e grande parte do telhado.

Alguns amigos do Sr. Abade resolveram então revesarem-se, para lhe guardarem a casa durante a noite. Ao lusco-fusco da tarde, o criado viu aninhar-se um homem no fundo do quintal. Pensando que fosse algum amigo para guardar e defender a casa, como estava combinado, dirigiu-se-lhe a convidá-lo a tomar alguma coisa: — «Ainda é muito cedo, venha cá dentro enquanto não chegam os outros». Só reconheceu ser um dos contrários, por se esquivar, comprometido, e procurar esconder o rosto no capote, resmungando umas palavras pouco perceptíveis a mandá-lo retirar. Ciente dos seus preversos intentos, o criado começou a gritar: — Cá estão eles, os marotos... os atrevidos...

Nesse instante apareceu outro de espingarda aperrada a mandá-lo calar e a ameaçá-lo com um tiro. Num salto inesperado e rápido, o criado atirou-se a ele, tendo sempre o cuidado de desviar de si o cano da espingarda com uma das mãos, para não ser atingido, se fosse disparada.

Ao vê-los engalfinhados um no outro e receando um desfeixo desastroso dessa luta titánica, o amochado levantou-se para acudir-lhes, acalmá-los e apartá-los. Não era mau homem, mas também se prestou à maroteira. Desta vez, porém, a sua presença foi providencial e benéfica para ambas as partes. Muito aflito meteu-se de permeio a pedir-lhes encarecidamente: — «Ó rapazes... não haja nada... tende juizo... vede o que fazeis!...».

Ao ouvir os gritos aflitivos do seu criado, o Sr. Abade apareceu logo na varanda a encorajá-lo: — Que é isso, Domingos?!... que é isso?!... São eles... os tratantes?!... Não tenhas medo que vamos já em teu auxílio...

Ouviu-se então um tiro de espingarda que passou por cima e um pouco ao lado da cabeça do Sr. Abade, que ainda sentiu alguns chumbos de recochete contra o telhado da parede.

Quem o teria disparado? O que lutou com o criado e nesse momento já se tinha desprendido dele, ou mais algum amochado? Além dos dois desconhecem-se os restantes componentes da malta, porque todos desapareceram ràpidamente ao pressentirem gente de todos os lados. Só sabemos que, além dum atentado infâme e sacrílego a juntar a tantas vilezas e profanações, bem podia ter-se registado um desastre irreparável e um crime horrendo a cobrir de luto mais tétrico e pesado uma freguesia inteira, mesmo que não fosse essa a intenção de quem o disparou, porque, a essa hora, no meio de tanto nervosismo, era muito fácil um pequeno engano na pontaria.

A estes crimes se refere o Barcelense de 13-12-1924: — «Indaguem quem apedrejou a casa do Abade da freguesia». «Indaguem quem foi de cavalo marinho esperar o mesmo Abade».

Esgotados inùtilmente todos os meios suasórios e pacíficos para se conseguir a reabertura da igreja, o povo desta freguesia resolveu recorrer à força, sujeitando-se a todos os seus incómodos, perigos e consequências.

No dia 25 de Janeiro de 1920, que ficará para sempre registado em letras de oiro na História de Cossourado, de manhã muito cedo, quando o povo se levantava e preparava para ir à missa às igrejas vizinhas, como de costume, ouviu-se, com grande admiração de todos, o repique festivo dos nossos sinos, há tanto tempo silenciosos e mudos, e o ribombar, solene e magestoso, do sino grande a convidar os fiéis para a missa dominical na sua igreja paroquial.

Quási todos correram com grande alvoroço e alegria para a sua igreja e não esmoreceram nem desanimaram, por verem as suas portas fechadas. Já estavam para as arrombar, quando um dos responsáveis apareceu inesperadamente com riso escarninho e ar trocista. Não foi preciso mais nada. As mulheres fizeram-lhe um cerco cerrado e inexpugnável e, contra as suas investidas para o romper, provaram-lhe, à evidência, com pesados murros e fortes encontrões que seriam baldados todos os seus esforços e só sairia dali com vida, se entregasse as chaves da igreja.

Sabedor do ocorrido, o Sr. Regedor resolveu ir em seu auxílio e cobrir e impôr com a sua autoridade esse despotismo escandaloso e essa vergonhosa tirania.

Formou-se então uma tal desordem e confusão que o Regedor apanhou até do seu próprio filho que pretendia defendê-lo.

Convencidos da decisão inabalável do povo e da inutilidade de todos os esforços para o conter, resolveram voltar às boas e entrar num acordo satisfatório para ambas as partes: — «Se o prisioneiro fosse solto, ele mesmo iria buscar as chaves e as entregaria». Foi respondido que o prisioneiro estava como refém e por isso só seria solto quando entregassem as chaves da igreja.

Depois de animada discussão, acordaram em mandar uma comissão chefiada pelo Sr. Silvério José Ferreira, da inteira confiança do povo, e pelo Sr. Regedor, do partido contrário. Mesmo assim não queriam ceder, mas a mãe impôs-se e entregou-lhes as chaves da igreja. Bem haja e de honra e glória lhe sirva para sempre.

Aberta a igreja num ambiente de intensa alegria e profunda comoção, um grupo de de rapazes fortes e destemidos foi logo chamar o Sr. Abade e fazer-lhe a guarda de honra de sua casa até à igreja, onde foi acolhido por todos com grande amor, respeito, carinho e gratidão. Imediatamente celebrou a Santa Missa.

Nesse mesmo dia à tarde foram presos pela Guarda Repubicana e metidos num coberto ou barracão até ao dia seguinte, os Srs. Silvério José Ferreira, José Rodrigues Rosas e José Baptista e mais três cujos nomes não recordo. Merecem toda a nossa simpatia, respeito e veneração.

O mesmo aconteceu ao Sr. Abade, mas, por imposição da mãe dos responsáveis, foi posto em liberdade, com ordem expressa de se apresentar depois na Administração. No dia seguinte partiram escoltados pela Guarda Republicana para Barcelos onde ficaram detidos.

Já nesse mesmo dia, foram muitas pessoas ao local reclamar a libertação dos presos e, nada consiguindo, no dia seguinte, 27 de Janeiro que também ficará para sempre memorável, uma numerosa representação de toda a freguesia foi a Barcelos protestar por se ter fechado a igreja paroquial ao culto divino durante nove meses e contra a prisão de alguns dos melhores homens da freguesia, por se manifestarem pela sua reabertura imediata e a reclamar a sua libertação.

Processados pelo Sr. Regedor por desobediência, rebelião e agressão, foram condenados pelo Tribunal de Barcelos, mas sempre contentes e satisfeitos por terem conseguido a reabertura da sua igreja paroquial, embora à custa de muitos trabalhos, despesas e sacrifícios.

O Sr. Dr. José Luís Ferreira, nas suas Memórias de 50 anos, resume tudo isto nestas palavras: — «Foi por estes desgraçados tempos que esteve fechada a Igreja Paroquial de Sant'Iago de Cossourado e a freguesia desfacelada eclesiàsticamente e vários cidadãos aprisionados pelos caminhos, horas depois de terem exigido a reabertura da igreja!

O que Portugal sofreu com a perseguição dos tiranetes aos católicos honrados e pacíficos».

Daqui se vê que era a fruta do tempo ou a moda da época e, por isso, devemos fazer-lhes grandes descontos em nossas apreciações e saber desculpar muita coisa do que aconteceu nesta freguesia nesse tempo tão difícil e agitado em Portugal.

O Senhor Abade Manuel Francisco da Silva, paroquiou Cossourado durante trinta e um anos e cinco meses — desde Fevereiro de 1897 a Julho de 1928. Teve sempre um comportamento moral irreprensível. Embora fosse dotado de boas e até excelentes qualidades de inteligência e coração, teve sempre uma vida agitada e atribulada, devido em parte ao seu temperamento nervoso, sensível, arrebatado e autoritário.

Como capelão do Hospital de S. Marcos de Braga, insurgiu-se contra a imoralidade escandalosa dum dos seus magnates.

Como Abade da freguesia de Vila-Chã, do concelho de Esposende, acomoteu costumes ancestrais mas perigosos para a moralidade do povo, como a demasiada convivência, familiaridade, confiança, sem o resguardo necessário e as mínimas precauções devidas ao decoro, honra e dignidade entre os diferentes sexos.

Daqui lhe adveio a sua fama de mau, que, como vimos, chegou cá antes dele e, hàbilmente explorada, muito comprometeu, e quási inutilizou todo o seu futuro.

Também sofria um bocadinho da influência jansenista e do espírito como-

dista do tempo, esmerando-se pelo necessário e obrigatório — desobriga, missa dominical e assistência aos gravemente doentes — mas descurando a devoção e até desdenhando dela para deprimir o seu antecessor, seus partidários e as confrarias. Tudo isto muito o prejudicou no conceito do povo.

Quando vim para aqui, ao seu serviço, disse-me: — Se quiser celebrar à semana, não é preciso tocar o sino para não distrair o povo nem o tirar do seu trabalho. Diga-mo que eu vou ajudar-lhe à missa à hora que mais nos convier.

Não concordei e respondi-lhe que eu preferia celebrar cedo e, se não levasse a mal, eu mesmo tocaria o sino.

Bem, faça como quiser mas julgo que é um trabalho e sacrifício escusados. Nunca mais me disse nada em contrário e tudo correu sempre bem e ele mesmo celebrava quási todos os dias, pouco depois de mim.

Quási todo o seu mérito se pode resumir no seu espírito de coragem e fortaleza com que enfrentou e aguentou tantos anos de luta e sofrimento, no seu grande desprendimento dos bens terrenos e no seu primoroso cuidado e constante preocupação na limpeza e conservação da igreja paroquial e de suas alfaias e utensílios. Desde o varrer da igreja de modo a não levantar pó até ao cuidado com as suas pinturas e douramentos, desde as toalhas dos altares até às suas banquetes e imagens, desde o dobrar dos paramentos até à sua colocação nos seus respectivos lugares, nada escapava ao seu olhar atento e observador. Reservava para si o direito de fechar a igreja e vigiar se tudo estava no seu lugar. Era muito limpo, cuidadoso e metódico em tudo.

Na maior intensidade e fragor da luta, aparece-nos providencialmente a seu lado um outro sacerdote esperto, hábil e activo que concorreu admiràvelmente para o melhor desfecho e a solução mais conveniente do conflito e para uma grande, verdadeira e extraordinária renovação espiritual da freguesia. Foi o seu coadjutor, Snr. P. Manuel Fernandes Portela que, desde Novembro de 1919 a Setembro de 1924, apenas cinco anos escassos, desenvolveu uma acção profícua, benéfica e decisiva.

Já antes, como pároco de Ardegão, Ponte de Lima, tinha ajudado e confortado o povo de Cossourado com seus prudentes conselhos e segura orientação. Agora, porém, como Coadjutor do seu Abade, dá-se inteiramente, de alma e coração ao seu serviço e libertação.

Foi ele quem planeou, preparou e animou as duas grandes manifestações do povo de Cossourado em Barcelos — de desagravo ao Snr. Abade na prisão e a reclamar a sua libertação e de protesto contra o encerramento da igreja ao culto divino e o aprisionamento dos melhores elementos na sua reabertura.

Foi ele também quem planeou, preparou e conseguiu com o maior êxito a reabertura da igreja e tudo com tanto jeito, prudência e habilidade que nunca pode ser incriminado por isso.

Foi ele ainda quem mais e melhor trabalhou para a paz e concórdia da freguesia, acalmando os ânimos e evitando todas as vinganças e represálias.

O seu maior mérito, porém, advem-lhe da renovação espiritual da fregue-

sia. Muito concorreu para isso a Missão por ele promovida e confiada aos dois grandes pregadores populares franciscanos, Frei Manuel das Chagas e Frei José Maria.

Conseguindo captar a simpatia e a confiança do povo, procurou reorganizá-lo nos moldes mais modernos e eficientes. Tinha um dom especial para lidar com o povo e escolher e aproveitar os seus melhores elementos. Quando entrei nesta freguesia, deparei com uma organização modelar em todos os sectores paroquiais e com uns elencos de zeladores e zeladoras do Sagrado Coração de Jesus e do Apostolado da Oração, de catequistas, de cantoras, de zeladoras dos altares, de rapazes a ajudar em todos os trabalhos da igreja, etc. que trabalharam sempre com muito gosto, competência e dedicação e eu nunca mais consegui, substituir, renovar ou suprir com as mesmas qualidades e nas mesmas condições.

Era dotado duma grande visão e dinamismo, de muito zelo e habilidade e de engenho empreendedor e destemido para escolher e organizar e tudo impulsionar e dirigir na melhor ordem.

Por tudo isso e porque fora nomeado Vigário Coadjutor com direito a futura sucessão, ainda hoje não compreendo porque não foi ele o Pároco sucessor. Altos desígnios de Deus que temos de acatar cheios de confusão, respeito, amor e gratidão !...

Com vida independente, o benefício paroquial, dividido pelos dois, não devia chegar para a sua honesta sustentação.

O Snr. P. Manuel, sem bens próprios, mesmo com a generosidade do povo, devia debater-se com sérias dificuldades económicas, quando se lhe deparou uma boa ocasião de melhorar a sua situação com a vacância de Panque. Quando optou por esta freguesia, certamente pensava continuar também como Vigário Coadjutor do Snr. Abade de Cossourado. Só foi pena não o ter feito de combinação com ele, que nunca lhe perdoou esta deslealdade. Mesmo assim continuou sempre com a promessa da sua futura sucessão da parte dos seus superiores.

De Panque, o Snr. P. Manuel passou para Tregosa, sua terra natal, e daí para Macieira, onde faleceu repentinamente, ainda no vigor da vida.

O acto mais transcendente e culminante de toda a vida paroquial do Snr. Abade, foi, sem dúvida, a Consagração pública e solene da freguesia de Cossourado ao Sagrado Coração de Jesus em 28 de Agosto de 1927, depois de ter sido entronizado em cada família durante mais dum ano. No sentir e na expressão do povo foi a festa mais linda que jamais houve nem tornaria a haver, certamente por encher todos os seus corações de alegria, consolação e felicidade.

Teve papel preponderante Monsenhor Adelino Mário Lopes Pedrosa, muito digno e zeloso Arcipreste e Pároco de Esposende.

Depois duma semana de pregação preparatória, houve no sábado à noite, com a respectiva licença, uma adoração reparadora no trono, pregada por ele.

Como de costume, houve no domingo de manhã a comunhão geral, mas desta vez mais numerosa e fervorosa e às 11 horas a missa solene, cantada pelo orfeão de seminaristas, regido pelo Snr. P. Alaio. Ao meio dia, depois dum repique dos sinos, todos se reuniram em família para renovar a sua Consagração ao Sagrado Coração de Jesus.

Às quatro horas da tarde, depois duma Adoração solene no trono da igreja paroquial, pregada por Mons. Pedrosa, foram todos em procissão eucarística ao alto do Calvário e aí, num estrado com altar e baldequino, prèviamente preparados, foi feita a Consagração da freguesia de Cossourado ao S. C. de Jesus por Monsenhor Pedrosa, em nome do Snr. Abade, que da janela assistia a tudo, profundamente comovido. Em seguida foi dada a Bênção do Santíssimo Sacramento, enquanto estralejava uma grande girândola de fogo, e a procissão eucarística seguiu para a igreja sempre na melhor ordem e com o maior fervor e devoção. Aí terminou tudo com uma nova Bênção e o «Deus seja bendito» cantado alternadamente com o maior entusiasmo pelo orfeão e por todo o povo. Foi também nesse mesmo dia, 28 de Agosto de 1927, inaugurada a Cruzada Eucarística que se portou muito bem e prestou grande brilho à festa.

Todos cumpriram admiràvelmente as funções para que foram prèviamente escolhidos e daí o sucesso extraordinária desta grande e linda festa. Além de todos os paroquianos, estava muita gente das freguesias vizinhas e eram todos unânimes de não haver memória duma festa assim.

Merecem especial referência o Snr. António Martins Baptista que, não só nessa ocasião, mas em muitos tríduos consecutivos, se responsabilizou pela comida e dormida dos cantores, e os Senhores José Caridade Maciel e Maria Rodrigues Rosas e sua irmã Josefa que mais trabalharam e se sacrificaram como zeladores exemplares, não só nessa ocasião mas em todos os tríduos e serviços da igreja e ainda as duas irmãs Isabel e Eugénia Afonso Gonçalves que além de zeladoras, nunca mais foram igualadas como cantoras, sempre presentes em todos os actos religiosos, quer ao domingo quer à semana.

Não só por isso mas ainda por seu apostolado intenso e fecundo e por seu trabalho abnegado, exaustivo e mal remunerado em vários anos, Cossourado deve imenso a Monsenhor Pedrosa. Houve tríduos em que muitas pessoas não puderam confessar-se por falta de sacerdotes e ele sacrificou de boa vontade mais um ou dois dias para os atender a todos.

O Snr. Abade não possuia outros bens além do seu pequeno eirado, da Guindinha e da sua bouça de Tugido que estavam muito longe de lhe garantir a sua honesta sustentação, apesar de ser muito parco e comedido em tudo. Talvez por isso, não levou a bem que o Snr. Frei Manuel das Chagas lhe pedisse para renunciar à paróquia a favor do seu Coadjutor.

Ao receber, porém, a sua pequena aposentação, imediatamente pediu a sua exoneração de freguesia. Contou-me antes a sua resolução e perguntou-me se queria que me propusesse para seu sucessor. Respondendo-lhe que não tinha pretenções algumas, confidenciou-me que, nesse caso, ia propor o Snr. P. Mi-

guel, porque não havendo residência paroquial, só ele a podia paroquiar de sua casa.

Passados dias, num domingo depois das devoções da tarde, fui encontrá-lo em casa muito indignado com um ofício do Snr. Arcebispo para o ler ao povo e esperar mais três meses. Findo esse prazo, Cossourado teria novo pároco se, entretanto conseguisse a residência paroquial, ou ficaria anexa até a conseguir.

Na impossibilidade de ir pessoalmente a Braga, pediu-me para expor em seu nome a sua resolução irrevogável por já não poder celebrar e muito menos paroquiar. Respondi-lhe que só iria como portador duma carta dele.

Salvou a situação o Snr. Adelino Barbosa Rebelo e quero isto aqui bem exarado para que Cossourado saiba quanto lhe deve. Ciente de tudo pelo próprio Snr. Abade, saiu-me ao encontro, quando na segunda feira de manhã me dirigia à Estação do Tamel, a dizer-me que a sua casa, onde vivíamos, continuaria de graça ao serviço do novo pároco até se arranjar residência própria.

Entreguei a carta a Monsenhor Martins Júnior que era o Secretário Arquiepiscopal mas já estava nomeado Bispo de Bragança e no claustro era felicitado pelos Snrs. Bispos, hóspedes no Paço para assistirem a um congresso. Monsenhor queria que eu a entregasse pessoalmente mas desculpei-me com o desalinho e pó da viagem. De nada valeu porque o Snr. Arcebispo exigiu a minha comparência para falar comigo. A primeira pergunta foi sobre a residência a contei-lhe o que se passara comigo, a caminho do comboio. Quis saber se essa casa ainda era a mesma da visita pastoral e, à minha afirmativa, concluiu: então não serve porque vocês estão a viver como dois grilhos em duas alcovas sem janelas. Expliquei-lhe que a dita casa tem mais um quarto na varanda com janela mas, por conveniência, tivemos de o ceder à criada para podermos viver os dois na mesma sala. Além disso não será por muito tempo porque o povo está disposto a resolver essa dificuldade do melhor modo possível, conseguindo uma casa de escola para reaver a antiga residência onde actualmente funciona ou construindo uma nova residência paroquial. Depois de abordar ràpidamente todo o movimento demográfico e religioso da freguesia e de suas confrarias e associações religiosas, decidiu: — «Sendo assim, desde hoje é você o pároco de Cossourado, apesar de ainda há poucos dias ter prometido a uma comissão da Póvoa de Lanhoso que iria paroquiar duas pequenas freguesias desse concelho, mas, na impossibilidade de satisfazer os dois nesta ocasião, como Cossourado é maior em população e em tudo, os outros terão de esperar mais algum tempo.

Mas, Ex.ª Rev.ma, eu não estou preparado para isso e preciso de quinze dias pelo menos.

Arranje-se como puder. De hoje em diante é o pároco de Cossourado, como disse, e terá de ir lá celebrar ao domingo e pedir a um colega vizinho que olhe pela freguesia, enquanto trata dessas coisas.

Quando voltei no sábado seguinte, já o Snr. Abade se encontrava na sua

vivenda do Giestal, tendo confiado o arquivo paroquial à Senhora Aurora Cândida da Costa Pereira, esposa do dito Snr. Adelino Barbosa Rebelo, com ordem de queimar o que não prestava e para isso deixou separado.

Alquebrado e completamente esgotado, mais pelas arrelias, sofrimentos e desgostos do que por velhice, aí viveu em paz e sossego os últimos quatro anos da sua vida. Enquanto pôde, principalmente aos domingos, ia sempre celebrar à capelinha do Souto, de cuja família Baptista foi sempre muito amigo, considerando-a como sua família adoptiva a quem deixaria tudo. Mas nisto enganou-se, porque ficando herdeira a sua velha criada, embora com recomendação de lho deixar à sua morte, doou tudo ao seu antigo criado, depois de voltar ao seu serviço.

Para poderem conhecer e avaliar bem a bondade do seu coração, julgo do meu dever publicar dois factos desta ocasião que muito o honram e dignificam.

Certa pessoa desta freguesia, há muitos anos arredada dos sacramentos, foi acometida por doença que não perdoa. De mal a pior e desenganado pelos médicos, resolveu regularizar a sua vida e mandou-me um seu irmão e herdeiro para conseguir uma composição com o Snr. Abade por trazer arrendado o pascal durante vários anos, sem a necessária licença.

Pelas contas que me apresentaram, deviam-lhe mil e quinhentos escudos que estavam prontos a entregar ou ainda mais, se o exigisse.

Cheio de alegria e contentamento por voltar ao bom caminho, perdoou-lhe tudo, sem a mais leve recriminação.

Pouco depois faleceu o seu maior inimigo. Profundamente sensibilizado manifestou imediatamente por escrito todo o seu grande pezar à família, assegurando-a do seu perdão e exortando-a à salvação para se encontrarem um dia no Céu como bons amigos na mais ardente e perfeita caridade e intendimento expurgados de todas as friezas e misérias desta vida.

Logo que o soube, fui visitá-lo para o felicitar por tanto heroismo. Com a maior naturalidade explicou : Olhe, meu amigo, a minha inimizade era só de garganta. Cá dentro (apontava para o coração) sempre lhes quis bem, principalmente a sua salvação e nunca me deixei contaminar pelo ódio nem pela vingança.

Quis receber o Sagrado Viático com toda solenidade para pedir pùblicamente perdão a todos e também lhes assegurar o seu, recomendando-se confiadamente às suas orações. Com grande edificação de todos e confortado com todos os sacramentos, feleceu no dia 26 de Junho de 1932 e com oitenta anos de idade.

Era natural da freguesia de Areias do concelho de Famalicão e filho legítimo de Manuel Bernardo da Silva e de Ana Luísa Coelho Sampaio. Repousa no túmulo do Snr. P. Miguel que de boa vontade e espontâneamente lho ofereceu.

Tinha pedido ao Snr. Dr. José Luís Ferreira que, ao publicar a sua mo-

nografia de Cossourado, nos desse uma resenha dos párocos e sacerdotes desta freguesia. Embora tivesse adoecido gravemente quando se entregava inteiramente a esse trabalho e morresse ants da sua publicação, deve ter deixado muitos e valiosos apontamentos sobre esta freguesia que não devem ficar no olvido. Esperamos, pois, que alguém da sua família se resolva a publicá-los e desde já lho agradecemos muito reconhecidamente, em nome desta freguesia que ele tanto amou e por quem tanto trabalhou e se sacrificou. No entanto, depois de ter falado dos seus párocos desde 1850, parece-me que devo também lembrar os seus filhos que se consagraram inteiramente a Deus no sacerdócio ou na vida religiosa, durante este período.

Em 31 de Outubro de 1861 faleceu no lugar do Souto desta freguesia, com 91 anos de idade e confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, o Snr. P. José Luís Ferreira, filho legítimo de Manuel Luís e de Ana Maria. Era natural desta freguesia e foi ele que mandou construir a capela do Bom Jesus do Souto. Como vimos, o Snr. Dr. Teotónio da Fonseca diz que foi seu pai Manuel Luís Ferreira em 1837. De qualquer forma, deve ter sido por causa de seu filho, que nessa ocasião tinha sessenta e sete anos e muito deve ter influido com seus conselhos, direcção e dinheiro.

Tinha feito este comentário nos meus apontamentos, quando a família mo veio confirmar, dizendo-me eram dois irmãos padres. Um foi pároco da freguesia da Queijada, Ponte de Lima. O outro era professor de rapazes que se preparavam para o Seminário. Ainda se conserva um certo respeito por essa sala de escola. Celebravam na capela de Santa Marta mas, sendo posta à venda juntamente com a quinta, que eles também pretendiam, foram preteridos, e desgostosos deixaram de ir lá e resolveram fazer a sua do Souto.

Em 15 de Fevereiro de 1863 faleceu com 52 anos e confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, no lugar de Navió desta freguesia, o Snr. Padre Francisco José Afonso. Era natural desta freguesia e filho de António José Afonso e de Francisca Teresa Martins.

Em 19 de Janeiro de 1865 faleceu confortado com os sacramentos da Santa Igreja, no lugar de Armel desta freguesia, com 96 anos de idade, o Snr. Padre Francisco Chaves de Macedo. Era natural da freguesia de N. S.ª da Conceição, da Diocese de Miranda, filho de Manuel Alves e de Francisca Rosa. Foi Reitor de S. Mamede de Arca e depois Reitor de Cossourado durante muitos anos.

No dia 2 de Novembro de 1887 faleceu no lugar do Calvário desta freguesia, confortado com os sacramentos da Santa Igreja, o Sr. P.e António Lourenço Caridade, filho legítimo de António Lourenço Caridade e de Maria Josefa de Amorim. Era natural desta freguesia ms ignora-se a sua idade.

No dia 23 de Dezembro de 1893 faleceu no lugar do Giestal, desta freguesia, com sessenta e um anos de idade, o Sr. P.e António José da Silva, filho legítimo de António José da Silva e de Ana Maria. Foi pároco de Galegos. Era natural desta freguesia e recebeu alguns sacramentos.

Tinha mais dois irmãos sacerdotes. O Sr. P.e Francisco Barbosa da Silva que foi pároco de Arcozelo e depois foi para a África como capelão militar e faleceu em Setúbal. E o Sr. P.e Miguel Barbosa da Silva que foi pároco de Cristelo e lá morreu.

No dia 7 de Janeiro de 1922 faleceu no lugar de Portela desta freguesia com 77 anos de idade, o Snr. P. João Manuel da Silva Mota, filho legítimo de Manuel José da Silva Mota e de Ana Ferreira. Era natural desta freguesia e recebeu os sacramentos da Penitência e da Santa Unção. Nas suas Memórias de Meio século o Snr. Dr. José Luís Ferreira diz que foi o seu primeiro orientador na política daquele tempo — lutas entre D. Pedro e D. Miguel em conversa amena e com folhetos de propaganda.

No dia 17 de Novembro de 1957, faleceu no lugar da Gandra desta freguesia o Snr. P. Miguel António da Rosa, confortado com os Sacramentos da Santa Igreja e com 73 anos de idade. Era natural de Quintiães, deste concelho de Barcelos, filho legítimo de Joaquim José da Rosa e de Teresa da Costa. Deixou um legado perpétuo de sessenta rasas de milho aos pobres desta freguesia de Cossourado. Paroquiou várias freguesias como Aborim, São Fins e anexa, etc.

Actualmente há nove sacerdotes desta freguesia a trabalhar nesta e noutras dioceses.

O Sr. P.e Filipe Ribeiro Ferreira, filho legítimo de Silvério José Ferreira e de Maria Rosa Ribeiro, nasceu no lugar do Carregal desta freguesia, no dia 16 de Dezembro de 1903 e foi baptizado na igreja paroquial desta freguesia no dia 23 desse mesmo mês e apadrinhado pelos seus irmãos Dr. José Luís Ferreira e Joaquina Ribeiro Ferreira. Foi vigário cooperador do pároco de Fafe e pároco das freguesias de Boivães-Ponte da Barca, Carvalhal-Barcelos, Serreleis-Viana do Castelo e Meadela-Viana do Castelo. Actualmente é pároco de Portela Susã, também no concelho e arciprestado de Viana do Castelo.

O Sr. P.e Francisco Martins Caridade, filho legítimo de José Rodrigues Caridade e de Rosa Martins Caridade, nasceu no lugar do Souto desta freguesia no dia 31 de Dezembro de 1905 e foi baptizado na igreja paroquial desta freguesia no dia 6 de Janeiro de 1906, apadrinhado por Francisco José de Melo e Rosa Maria Ferreira. Prestou serviços como prefeito e professor nos Colégios do Bonjardim e Cucujães onde acabou a sua formação sacerdotal. Foi pároco de Sanfins do Douro-Alijó e actualmente é pároco de Reigoso, Venda Nova e Pondras-Montalegre, todas da Diocese de Vila Real.

O Sr. P.e António José Baptista, filho de José Martins Baptista e de Joaquina Melo Esteves, nasceu no lugar do Casal - porteiro desta freguesia no dia 23 de Janeiro de 1927 e foi baptizado no dia 26 desse mesmo mês, apadrinhado pelos seus tios António e Maria Martins Baptista. Ordenou-se em 22 de Julho de 1951. Foi prefeito no Seminário de Nossa Senhora da Conceição e pároco de Arco de Baúlhe-Cabeceiras de Basto e actualmente é pároco de Santo Estêvão de Freixo-Ponte do Lima.

O Sr. P.e Silvério Ferreira Martins, filho legítimo de Agostinho da Silva Martins e de Joaquina Ribeiro Ferreira, nasceu no lugar do Souto desta freguesia no dia 22 de Novembro de 1919e foi baptizado na Capela de Bom Jesus do Souto desta freguesia, servindo de igreja paroquial, no dia 21 de Dezembro desse mesmo ano, apadrinhado pelo seu tio Manuel Ribeiro Ferreira e pela sua avó Maria Rosa Ribeiro e foi confirmado na igreja paroquial no dia 3 de Março de 1927. Só entrou no Seminário depois de prestar serviço militar nos Açores. Ordenou-se em 26 de Março de 1956. Foi vigário coóperador de Fafe e da Sé de Faro e pároco de Panque-Barcelos e da sua anexa Ardegão-Ponte do Lima e actualmente é pároco de Estombar — Lagoa da Diocese de Faro.

O Sr. P.e Manuel José Baptista, filho legítimo de José Martins Baptista e de Joaquina de Melo Esteves, nasceu no lugar do Casal - porteiro desta freguesia no dia 3 de Outubro de 1930 e foi baptizado no dia 8 desse mesmo mês e confirmado no dia 22 de Fevereiro de 1944, tudo na igreja paroquial desta freguesia, sendo seus padrinhos de baptismo os tios António e Ana Martins Baptista. Ordenou-se em 8 de Julho de 1956. É pároco de Souto de Rebordões--Ponte do Lima.

O Sr. P.e João Martins Baptista, filho lgítimo de José M. B. e de Joaquina de M. E., nasceu no lugar do Casal - porteiro desta freguesia no dia 17 de Julho de 1932 e foi baptizado na igreja paroquial desta freguesia no dia 23 desse mesmo mês e apadrinhado por seu tios António e Rosa Martins Baptista e foi confirmado também na igreja paroquial desta freguesia no dia 22 de Fevereiro de 1944. Ordenou-se em 14 de Julho de 1957. Foi pároco de Cabração e actualmente é de Vitorino dos Peães, ambas estas freguesias do concelho e arciprestado de Ponte do Lima.

O Sr. P.e Eusébio Martins Baptista, filho legítimo de José Martins Baptista e de Joaquina de Melo Esteves, nasceu no lugar do Casal - porteiro desta freguesia no dia 9 de Agosto de 1939 e foi baptizado na igreja paroquial desta freguesia no dia 12 desse mesmo mês, sendo padrinhos José de Melo e esposa Isabel de Castro Martins. Ordenou-se em 14 de Agosto de 1963. É pároco de Masarefes-Viana do Castelo.

O Sr. P.e António da Costa Rosa, filho legítimo de Bernardo António de Rosa e de Rosa da Costa Rosa, nasceu em Santa Lucrécia de Aguiar em 13 de Agosto de 1927 e foi pabtizado em 16 desse mesmo mês. Ordenou-se de subdiácono em 9 de Outubro de 1955 e de Presbítero em 8 de Julho de 1956. Foi pároco das freguesias da Cabração — Ponte de Lima, de S. Fins e sua anexa e também algum tempo de Quintiães. Pela morte de seu tio P.e Miguel António da Rosa, veio para Cossourado em Novembro de 1957, para a quinta da Gandra que lhe deixou por testamento.

P.e Adelino de Sousa Rosa, filho de Paulo Rodrigues Rosa e de Maria Rosa Ferreira de Sousa nasceu em Cossourado, no lugar de Grimancinhos em 21 de Dezembro de 1937 e foi baptizado em 25 do mesmo mês e ano, sendo sua madrinha Josefa Rodrigues Rosa. Ordenou-se em 15 de Agosto de 1966.

Actualmente é pároco da freguesia da Torre e sua anexa, do concelho de Vila Verde e frequenta a Universidade Católica de Portugal na sua Faculdade de Filosofia de Braga.

CONSAGRARAM-SE A DEUS NA VIDA RELIGIOSA

Olívia Queirós Esteves, filha legítima de Benjamim Manuel Esteves e de Rosa Maria Queirós, nasceu em 12 de Maio e foi baptizada a 14 de Maio de 1893, apadrinhada por José Estves, de Bouças e Ana Esteves, de Navió. Foi uma vocação tardia.

Entrou na Congregação do Coração de Maria e lá viveu perto de 30 anos, falecendo em Guimarães em 16 de Setembro de 1965 com 73 anos de idade.

Joaquina Pereira Gonçalves, filha legítima de Francisco António Gonçalves e de Maria Pereira da Silva, nasceu no dia 8 de Setembro de 1893 e foi baptizada a 13 de Setembro. Foram padrinhos os tios João Pereira Grelo e Joaquina Pereira. Entrou na Ordem Terceira Franciscana Hospitaleiro no dia 25 de Julho de 1931. Faleceu no Hospital de Jesus em Lisboa no dia 24 de Novembro de 1947, vítima do seu zelo e dedicação. Dum pontapé dum doente, de que nunca se tratou originou um cancro que a matou.

Rosa de Melo Esteves, filha de José Esteves do Rego e de Maria Pereira de Melo nasceu em 28 de Junho e foi baptizado em 29 de Junho de 1906. Foram padrinhos os tios António Esteves do Rego e Rosa Pereira de Melo.

Entrou na Congregação do Coração de Maria há perto de 40 anos.

Cândida Neiva da Silva Rosa, filha de Francisco da Silva e de Maria da Glória Gonçalves aBrreto Neiva, nasceu em 19 de Abril e foi baptizada em 29 de Abril de 1934. Padrinhos Guilherme Duarte Pinheiro e Cândida Duarte Pinheiro. Foi confirmado em 22 de Fevereiro de 1944. Entrou na Congregação do Espírito Santo e depois das suas profissões foi como missionária para Angola onde trabalhou alguns anos. Actualmente é Superiora da Casa da Silva.

Maria da Conceição Esteves da Silva, filha de Esperança Esteves da Silva nasceu em 13 de Fevereiro de 1938 e foi baptizada no dia 15, sendo padrinhos Francisco Maciel Barbosa e Maria da Conceição Esteves da Silva. Foi confirmada em 2-12-1952. Entrou na Congregação do Coração de Maria.

Casimiro Silva Ferreira da Costa, filho de Domingos Ferreira da Costa e de Luciana Esteves da Silva, nasceu e foi baptizada em Poiares — Ponte de Lima. Entrou para a Ordem Hospitaleira há 15 anos, onde professou e consta-me que actualmente se prepara para o sacerdócio dentro dessa mesma Ordem.

Manuel Baptista Nogueira, filho de João da Silva Nogueira e de Cândida de Melo Esteves Baptista, nasceu em 22 de Dezembro de 1952 e foi baptizado em 27 de Dezembro. Frequentou o Seminário de N. Senhora da Conceição de Braga. Entrou com o quinto ano na Congregação dos Padres Missionários Combonianos. Tomou o hábito em 12 de Outubro de 1969 e encntra-se no noviciado de Moncada, Valência, Espanha.

A Igreja Paroquial de Cossourado no século XX

Sendo precisamente a mesma do século XIX convém, no entanto, referir as suas principais reparações ou modificações durante este século.

Em 1920 foi oferecida a imagem de N. Senhora de Lurdes ou Imaculada Conceição, em acção de graças e cumprimento duma promessa do Snr. José Gonçalves Caetano por o ter salvado miraculosamente duma grave doença.

Vinda de Braga, foi recebida e benzida na capela de N. Senhora da Lapa da freguesia de Aborim e de lá transportada para a igreja paroquial de Cossourado, em lindo andor e grandiosa procissão, presidida pelo Snr. Padre Manuel dos Santos Portela, coadjutor do Pároco desta freguesia.

Ao passar no lugar da Corredoura desta freguesia, um episódio inesperado e comovente impressionou profundamente e enterneceu até às lágrimas toda a gente. O Snr. José António da Silva Rosa Júnior, ao ver seu filho António Valério da Rosa, já inteiramente desenganado dos médicos e dos seus remédios, a debater-se entre a vida e a morte em dolorosa agonia, sai de casa e corre pelos campos, como um doido e desesperado, a clamar em altos brados a protecção da Senhora, cuja imagem passa ali perto para a igreja entre orações ferventes e cânticos de alegria. Sua oração foi atendida e seu filho despertou imediatamente do estertor, para entrar em franca convalescença e, dentro de poucos dias, recuperou a saúde perdida.

Estes dois milagres, do oferente da imagem e do António da Pousada, causaram viva sensação e despertaram em todo o povo grande devoção à Senhora. Mesmo assim, esteve perto de nove anos, sem nicho nem altar próprio, colocada numa mesa, ora num, ora noutro lugar da igreja. Em 1929, por iniciativa do Snr. António Martins Baptista, que lhe tinha prometido mil escudos, foi adquirido o nicho actual em castanho encerado com uns fios de ouro. Custou dois mil e cem escudos com o transporte e sua colocação e o restante foi proveniente duma promessa de quinhentos escudos do Snr. António José Rebelo e seiscentos escudos das esmolas da Senhora, em meu poder. Mais tarde a Sr.ª Josefa Rodrigues Rosa pediu-me para retirar a moldura inferior e colocar à sua custa o altar actual.

Em Março de 1927 foi a visita pastoral que o Sr. Abade descreveu no livro das visitas com as seguintes palavras: — «Em três de Março de mil novecentos e vinte e sete o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz desta Arquidiocese, fez a visita pastoral a esta freguesia, encontrando tudo bem e sendo recebido com extraordinário carinho e entusiasmo. Os festejos foram grandiosos, surpreendentes, não se poupando o povo a trabalho e despesas. Sua Ex.ª Rev.ma — «Muito consolado, crismando 386 pessoas, recolheu

a Braga». (Veja-se a «Acção Católica» de Junho de 1927, pág. 207). Abade Manuel Francisco da Silva.

Em 1930, por iniciativa e orientação dos Srs. António Alves de Oliveira e António Martins Baptista e subscrição pública, houve uma grandereparação na capela-mor e foi soalhada a igreja. Ensalitradas as paredes, tiveram de ser todas picadas e alcatroadas para serem novamente revestidas e pintadas. O aparelho do alcatrão foi-nos emprestado de graça pelo Brasileiro de Forjães.

Para a nova pavimentação foi preciso arrancar todos os antigos taburnos, fazer uma câmara de ar com mais dum metro de altura, cimentar toda a parede em volta e abrir um cano de pedra para o passal e cinco friestas para o adro para ventilação da câmara de ar.

O mais sacrificado em tudo isto foi o Sr. António Alves de Oliveira que, além da sua orientação e fiscalização, como bom mestre de obras, de todo o seu restante trabalho e duma janela de ventilação, envidraçada, por ele oferecida para ventilar o coro, nunca recebeu os seiscentos escudos das três chapas de bronze por ele aconselhadas, propostas e adquiridas no Porto, para cobrir as soleiras das três portas da igreja. Tanto este melhoramento como a modificação da parte sul do adro, para gastar as pedras dos taburnos e acomodar uma grande parte de terra da câmara de ar da igreja, não entraram no orçamento geral das obras e por isso o dinheiro mal chegou para pagar ao pedreiro o trabalho do adro, ficando a outra parte sujeita a um novo peditório, que nunca se realizou.

Em 1940 houve um novo melhoramento e desta vez a iniciativa partiu do Sr. Adelino Barbosa Rebelo. Era preciso fundir o sino grande e a sineta. rachados já há bastante tempo, e altear a torre, muito baixa. Nomeadas as respectivas comissões, o Sr. Dr. António da Silva Rosa prontificou-se a altear a torre à sua conta, ficando a Comissão com o encargo dos sinos, mediante subscrição pública. Esta optou pela fundição dos dois para o sino grande e por comprar um sino novo para meão, passando o antigo meão para sineta.

Estando já adiantada a obra da torre, apareceu-me o metre pedreiro a pedir autorização para colocar uma pedra a comemorar o facto.

Recosei imediatamente, prometendo colocar na sacristia das confrarias uma pedra mármore com o seu nome e de todos os membros da Comissão.

Insistindo que já tinha deixado o lugar para ela, que também já estava pronta e era uma coisa simples e insignificante, consenti, mesmo sem a ver. Muitos escandalizaram-se com isso e houve até quem me acusasse ao Senhor Arcebispo.

Vistas bem as coisas, temos de reconhecer que tinham carradas de razão. Os dois mil e seis centos escudos, que dizem ter custado essa obra, embora fosse a maior oferta dessa ocasião, estava muito longe de merecer ou justificar uma consagração pública e perpétua. Além disso, tratava-se duma pessoa, que, além de não ser católico praticante, mais se tinha desprestigiado em muitos anos de luta contra o seu Pároco. É certo que este já lhe tinha perdoado e ele

retribuido pùblicamente tomando parte no seu funeral. Desde então abri-lhe as portas de par em par. Com ideologias diametralmente contrárias e opostas, podíamos ao menos entender-nos e cooperar no campo bairrista ou de beneficência, mas sem nunca chegar a uma dedicatória na torre, que seria sempre despropositada e escandalosa. Pior que tudo isso, essa lápide induz em erro ou mentira. Com efeito as palavras — «Oferta do Dr. A. S.Rosa» gravadas numa pedra especial, colocada com relevo logo abaixo da cornija da sineira, a meio da torre, dão a entender que ofereceu pelo menos toda a torre, quando só ofereceu dois metros de parede dessa torre, entre as cornijas das antigas e das actuais sineiras.

Apesar de reconhecer tudo isto desde o princípio e de agora o confessar pùblicamente, por este meio, agradecendo a Deus esta oportunidade de poder esclarecer tudo devidamente e desta forma reparar a minha culpa, opuz-me terminantemente à sua destruição, feita de noite e às escondidas, como me foi proposto na questão da Cadavosa, porque julguei indigno cooperar, mesmo só passivamente, com o meu silêncio, num acto de cobardia e de vingança.

Por causa desta minha demasiada e vergonhosa condescendência na colocação da lápide na torre, sofri uma grande humilhação na Visita Pastoral de 22 de Fevereiro de 1944.

Antes, porém, convém relatar outras peripécias interessantes dessa Visita Pastoral.

Desde que o Sr. Arcebispo proibiu os seminaristas de fazerem a visita pascal, entre outras razõec, por não poderem benzer as casas, durante alguns anos ainda consegui arranjar um sacerdote, umas vezes dos Passionistas de Barroselas, outras dos Capuchinhos de Barcelos. Com a guerra civil de Espanha, que chamou lá quasi todos os padres novos dessas duas Comunidades Religiosas, as dificuldades aumentaram e um grupelho de mal intencionados procurava semear a discórdia e a revolta para me impôr pela força essa obrigação como um direito ou prerrogativa da freguesia. Resolvi, por isso, acabar com o costume das duas cruzes.

Para me dissuadir, procurou servir-se da pessoa que mais trabalhou no melhoramento da torre e dos sinos e me ofereceu de graça a sua casa, enquanto não se arranjou a residência paroquial.

Respondi-lhe com toda a franqueza: — Em atenção ao muito que lhe devo, não posso negar-lhe o que me pede, mesmo porque este ano talvez tenha uma boa oportunidade para o poder atender, porque o Sr. P.e Miguel deixou a sua paróquia e talvez não esteja ainda comprometido e nos possa servir, se lho pedirmos. Mas é um precedente que me cria enormes dificuldades para o futuro, porque nada me garante que o Sr. P.e Miguel esteja sempre disponível e disposto a servir-nos.

Pareceu-me que concordou comigo, porque se despediu com estas palavras: —«Então faça como melhor entender». E entendi que, mesmo para atender um amigo a quem muito devia, não podia alterar uma ordem já estabelecida, para ter de a restabelecer pouco depois.

Desde essa Páscoa deixou de me receber em sua casa com as atenções devidas e tudo lhe relevei em reconhecimento do passado.

Ao aproximar-se a Visita Pascal, os descontentes, não só para me contrariarem e abrigarem a um compromisso sobre a visita pascal com dois padres, mas também como represália ao Sr. Arcebispo por não permitir que fosse feita pelos seminaristas, resolveram impedir qualquer manifestação e todo o ar de festa e até os homens de comparecerem, deixando-nos apenas com as mulheres e crianças. Esta represália ao Sr. Arcebispo faz lembrar um pigmeu a querer dar uma bofetada num gigante!...

No domingo anterior rebati-lhes todas as razões alegadas e planos preconcebidos e animei-os a comparecerem todos para prestarmos as nossas homenagens a um príncipe da Santa Igreja, que é também nosso legítimo e amantíssimo Pastor, e dele recebermos suas graças, bênçãos e instruções e também para o bom nome e prestígio da freguesia.

Na véspera de manhã havia um confesso na nossa igreja paroquial, mas, vendo que continuavam envolvidos em questiúnculas de lana caprina, sem se resolverem a trabalhar a sério, deixei o nosso e fui para o confesso das quarenta horas de Capareiros. Todos os meus colegas se admiraram e o Sr. P.e Francisco Martins Caridade, quis impedir-me, oferecendo-se para ir em meu lugar. Não me rendi e pedi-lhe que não se intrometesse nas decisões do povo que já estava suficientemente esclarecido e por isso podia escolher à sua vontade. Fiz tudo para bem dele e prestígio da freguesia, mas, se preferia uma sujeira que os conspurcasse para sempre, fosse feita a sua vontade.

Mas esta atitude ia-me custando a vida. Pelas 11 horas sofri um ataque cardíaco e cerebral tão forte que nunca vi a morte tão perto de mim. Pareceu-me que o peito arcou descomunalmente e arrebentava, sem poder respirar e a cabeça se avolumou de tal forma que estourava. Levantei-me e empertiguei-me agarrado e encostado ao confessionário e, logo que pude, saí para o adro a tomar um pouco de ar fresco. Creio que ninguém percebeu nem eu me queixei. Poucos dias depois senti dormentes várias regiões do corpo do lado dirito — a parte parietal da cabeça, o dedo mínimo da mão, parte da coixa e parte do pé, abaixo do tornozelo. Só muito lentamente esse adormecimento foi desaparecendo, sem outro tratamento além de duas fricções diárias que por iniciativa comecei a aplicar ao deitar e levantar da cama. Mas comecei a envelhecer antes do tempo a ponto de o Sr. Cónego Dr. Insuelas me chamar a atenção para isso, num encontro casual em Braga, junto ao Diário do Minho.

Quando voltei de Capareiros, trabalhavam afanosamente com gosto e alegria e todos me saudavam respeitosos e sorridentes. Aguardavam a minha chegada para os últimos retoques e recomendações os meninos e meninas da catequese e da cruzada. Para o mesmo fim chegaram também ao anoitecer os rapazes e raparigas da Juventude Agrária Católica. Foram muito profícuos e bem aproveitados e com grande interesse esses últimos ensaios e recomendações e no dia seguinte todos se saíram lindamente.

Às 9 horas desse dia, terça-feira de Carnaval, estávamos na Poça das Minas, perto do lugar de S. Bento de Balugães, junto da estrada Braga-Viana, para esperar e acompanhar o Snr. Arcebispo e sua comitiva. Como corria um tempo seco e o caminho tinha sido preparado à última hora em condições do Snr. Arcebispo poder ir no seu carro até à igreja, convidámo-lo a ir à frente por causa do pó. Por isso e mais ainda porque o nosso carro sofreu uma pequena avaria, não pude assistir à chegada, mas disseram-me que foi um delírio. Além de quase todo o povo da nossa freguesia e das pessoas que por devoção ou curiosidade costumam vir das freguesias vizinhas, estava ainda muita gente, atraída pelo grande fiasco prèviamente anunciado. Uma grande girândola sacudiu e varreu todo o torpor. O calor e entusiasmo dos meninos e meninas, dos rapazes e raparigas, depressa contagiou e electrizou toda a massa que com gosto e alegria se associou às suas aclamações.

Quando cheguei, já o Snr. Arcebispo caminhava visìvelmente contente e comovido por entre as suas alas que o cobriam de aplausos e flores.

Os dois meninos, hoje Senhores Padre João Martins Baptista e D. Dalila Neiva da Silva Rosa, escolhidos para declamarem duas lindas poesias de saudação e louvor ao Snr. Arcebispo, da autoria do Snr. P. Francisco Martins Caridade, fizeram-no com tanta naturalidade, mestria e unção que encantaram e enterneceram todos os corações. Cada um deles acabou por entregar quinhentos escudos ao Snr. Arcebispo, para os Seminários, em nome dos meninos e meninas desta freguesia. Todo o esplendor desta festa se deve em primeiro lugar à Comissão de homens, para isso nomeada, que não se poupou a trabalhos e sacrifícios. Quase todo o povo cooperou com dinheiro e trabalho. Constava que estava planeada uma poda, em frente ao local da recepção. Não sei se o Snr. Arcebispo notou alguma coisa. Da minha parte, nada percebi. Se foi verdade, depressa se sentiu esmagada com tão grande e brilhante manifestação e desapareceu da cena, sem ninguém dar por ela.

Assim, o grande fiasco, anunciado e propalado pelos descontentes, redundou em maior brilho e grandiosidade para estes festejos, que sobrelevaram os da Visita Pastoral de 1927.

Ao sair da igreja, o Snr. Arcebispo voltou-se para a torre e, apontando para a lápida, perguntou-me : — Que é aquilo ? !...».

Profundamente envergonhado e confundido, apenas pude balbuciar : — «Uma palermice minha, Snr. Arcebispo».

Sorriu... mas não insistiu e nunca mais me tocou no assunto. Era assim o Snr. D. António Bento Martins Júnior para com os seus padres, duma compreensão, bondade e delicadeza verdadeiramente paternais e encantadoras.

No fim do almoço quis ver o passal e aconselhou-me a não desfazer nem diminuir o muro que separa a residência paroquial do adro, como era vontade de alguns, a não fazer o salão paroquial ligado à residência, aproveitando para isso a sua parte velha, nem continuar a casa das confrarias em todo o seu comprimento pelo passal dentro, para arranjar um bom salão paroquial como alvitrou certo pregador, experimentado e prático nas lides da Acção Católica.

SENHOR DOS PASSOS

A este respeito, o Snr. Dr. Teotónio da Fonseca diz-nos na sua obra já citada: — «Este nicho encontra-se vazio e à cerca deste facto conta-se a seguinte história: Em Junho de 1933, por ocasião de grande estiagem, fizeram uma procissão de penitência, ad petendam pluviam, da igreja ao sítio onde esteve a capela de S. Simão, no alto do monte, e quando iam a tirar as imagens que aí se encontravam,do nicho para os andores, estas se desfizeram em pó, nada se aproveitando delas».

Assim se conservou até 1951, em que o Snr. António Martins Baptista, para cumprimento dum voto e em acção de graças pela ordenação sacerdotal do seu sobrinho e afilhado, Snr. P. António José Baptista, ofereceu a actual imagem do Senhor dos Passos e mandou picar e cimentar todo o nincho de pedra por dentro, por causa do salitre e humidade, para ser novamente revestido e pintado, e restaurar seu altar de madeira.

Benzida na capelinha do Souto, veio em procissão para a igreja na tarde do dia 22 de Agosto desse ano, ao iniciar o tríduo do S. Coração de Jesus, pregado pelo Snr. Frei Bartolomeu Ribeiro, que, chegando nessa mesma tarde, quando já tínhamos seguido para o Souto, e sabendo do que se tratava, quis assistir do púlpito para saudar essa nova imagem, que achou muito linda e perfeita e de bom agouro para o fruto desse tríduo. De facto correu muito bem e estabeleceu um santo costume, que ainda hoje se mantem com o mesmo fervor, de sufragar conjuntamente as almas do purgatório com um peditório feito em todas as práticas para aplicar todo o seu produto em missas por essa intenção. Também aconselhou a fazer o mesmo nas missas dos domingos para assegurar a missa das almas à segunda-feira. Além da missa diária do tríduo e da missa semanal às segundas-feiras, sobra ainda bastante dinheiro, que durante o ano se vai aplicando em mais missas pela mesma intenção.

MENINO JESUS

Mais tarde o mesmo Snr. António Martins Baptista ofereceu também uma nova imagem do Menino Jesus. Para não estarem expostas ao culto público duas imagens do mesmo título na mesma igreja, retirei a imagem antiga para a sacristia. Passado tempo o dito Snr. António Martins Baptista pediu-me para a ter em sua casa e ele se responsabilizava pela sua veneração e conservação e a traze-la para a igreja sempre que fosse preciso ou o desejássemos, nomeadamente no Natal para ser venerada no presépio.

No primiro Natal o Snr. Baptista falou-me em traze-la, como tinha prometido, mas, em atenção à família Cachadinha do Giestal, que, para esse efeito, tinha oferecido uma outra imagem, julguei melhor e mais prudente, adiar isso para anos futuros.

O certo é que nunca mais o Snr. Baptista me falou no prometido nem

eu lho exigi, mas julgo do meu dever deixar aqui bem exarado que essa imagem do Menino Jesus pertence à igreja paroquial desta freguesia de Cossourado e é de grande valor não só pela sua antiguidade mas ainda mais por ser a sua imagem primitiva. Além disso, a referida imagem do presépio não é de madeira e, mais tarde ou mais cedo ficará inutilizada. Por todas estas razões parece-me que devemos conservar sempre a nossa imagem antiga do Menino Jesus com grande amor, respeito e veneração e expo-lá ao culto público pelo menos no presépio do Natal.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Esta imagem foi oferecida pelo Snr. António da Silva Rosa, mas com tais exigências e imposições que pouco faltou para não podermos aceitar-lha.

Primeiro queria uma grande festa e majestosa procissão de Balugães para a nossa igreja, inteiramente à nossa custa. Depois comunicou-me que os seus operários pagariam o fogo e para isso já estavam a fazer descontos semanais nos seus ordenados. Respondi-lhe que, de qualquer forma, era preciso elaborar um programa para ser submetido à aprovação do Snr. Arcebispo e requerer a respectiva licença. Por último respondeu-me que nada disso fazia falta. Já tinha confiado toda a sua organização e trabalho ao Snr. Abade de Poiares e Balugães, que traria consigo essas duas freguesias em peso e imprimiria à festa o seu maior brilho e calor. Ninguém como ele para essas coisas. Fala muito bem, é um bom cantor e arrasta e empolga a todos com o seu ardor e entusiasmo. Já tinha pedido ao Snr. Abade de Panque para comparecer com o seu povo. Ao menos por atenção à oferta da imagem de Nossa Senhora de Fátima à nossa igreja, esperava que não ficássemos atraz dos outros. Todo o resto com novena preparatória na capelinha de S. Bento de Balugães, ficava ao encargo do Pároco de Poiares. Para ao menos encobrir todas as suas deficiências com um aspecto legal, requeri à minha custa a respectiva licença e, como esta me responsabilizava pelo cumprimento dos respectivos cânones, resolvi comparecer pessoalmente, em vez de me fazer substituir, como cheguei a pensar.

Às quinze horas procedeu-se à bênção da fábrica, onde já se encontrava a imagem e foi proferido o primeiro panegírico, não a N. Senhora de Fátima mas ao santo oferente da sua imagem, que foi exalçado às culminâncias da mais excelsa benemerência por arranjar trabalho para tanta gente. Em vez duma boa lição de sociologia cristã, limitou-se a frizar todos os direitos do patrão e todos os deveres dos operários. Mas o nosso povo é bom e não se escandaliza fàcilmente. Entrou todo a cantar e a rezar, com grande fé e piedade na procissão para aigreja de Cossourado. Sem prévia combinação comigo, houve um desvio para passar em Navió e pela vivenda do oferente. Chegada ali, tudo parou. Como de nada sabia, mandei continuar. Acudiu aflita a esposa do oferente a pedir-me que não fizesse feio. Eram apenas breves minutos sem nada de inconveniente. Fiquei espantado a olhar para aquilo tudo a ver o que resultaria dali.

Foi apenas um segundo panegírico do mesmo jaez do primeiro. Chegados à igreja o mesmo pregador pede-me para subir ao púlpito. Respondi-lhe que já era tarde e já estavamos todos fartos de pregação. Prometeu que só falaria quinze minutos e ùnicamente de Nossa Senhora de Fátima e não faltou ao prometido.

O mais interessante é que esta engraçada comédia, por desacordo do seu preço, terminou numa tragédia escandalosa com ódio furibundo e os piores insultos entre o festejador e o festejado que, de dois grandes admiradores recíprocos, se transformaram em dois inimigos figadais e irreconciliáveis. Sic transid glória mundi!... Assim passa e acaba a glória do mundo!...

Depois começou a assidiar-me com a obrigação de arranjar o seu altar. Qualquer outra freguesia tinha-o conseguido antes dela entrar na igreja. Já estava arrependido de não a ter oferecido antes a Poiares ou Balugães em vez de Cossourado. Vendo que não me demovia com seus queixumes, resolveu bater a outra porta.

Certo dia apareceu-me a Senhora Josefa Rodrigues Rosas a pedir-me autorização para tratar disso. Com todo o gosto, Snr.ª Josefa, mas veja no que se mete. Essa imagem da Senhora, com os pastores e ovelhas exige um altar grande e caro. Não se aflija, Snr. Abade, que não há-de faltar dinheiro.

Oxalá que não se engane e tudo lhe corra à medida dos seus desejos.

De facto, pôs tudo em movimento e dentro de pouco tempo Nossa Senhora estava no seu novo altar. No seu pagamento, felicitei-a por ter sido tão bem sucedida.

Ó meu Deus, meu Deus, respondeu-me ela: Antes não me deixavam a porta e tudo eram promessas e facilidades, mas, quando me viram encravada deixaram-me sòzinha e não me ajudaram com nada. Mas Nossa Senhora tudo merece e uma não mata ninguém e também serve para abrir os olhos.

Que boa e santa era esta Snr.ª Josefa dos Velhos!...

VISITA PASTORAL DE 2 DE DEZEMBRO DE 1952

Feita pelo Snr. Vigário Geral, Monsenhor Cónego Manuel Peixoto da Costa e Silva, em nome e representação de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, esta Visita Pastoral ficou assinalada na alma do povo desta freguesia por um engano itinerário, causa dum grande fiasco para nós e de enormes sacrifícios para Monsenhor Peixoto e sua Comitiva.

Na Visita Pastoral de Quintiães ventilou-se a dificuldade de acesso à igreja paroquial de automóvel pela sua nova estrada, ainda incompleta e cheia de barrancos e pedregulho, mas eu afirmei sempre que não tínhamos outra via melhor e por isso seria aproveitada, mesmo com todas as suas deficiências e defeitos, que procuraríamos remediar ou atenuar do melhor modo possível.

Às quinze horas estávamos com a Comissão dos festejos, as autoridades e algumas das pessoas mais gradas da freguesia no lugar da Portela desta fre-

guesia, confinante com a de Aborim, para lhes apresentarmos os primeiros cumprimentos e os acompanharmos de carro até à capelinha de S. Simão, local da recepção geral e donde seguiríamos em procissão para a igreja paroquial. Depois da minha decisão claramente manifestada em Quintiães, nem sequer me lembrei de colocar alguém na entrada da nossa estrada, a pouco mais de duzentos metros do local onde nos encontravamos. Só pela demora demasiada, pressenti a possibilidade do engano, que, pouco depois, se nos manifestou numa chocante certeza pelo repique dos sinos e estralejar dos foguetes.

Não vendo ninguém no início da nossa estrada, seguiram até à Lapa e, de lá, entraram em Cossourado pelo seu lugar do Giestal, mas tiveram de calcorrear todo o trajecto por caminhos e carreiros, transformados em ribeiros e até pelos campos, todos encharcados.

Para atenuar e encobrir o nosso fiasco, muito concorreram os párocos vizinhos, que já aqui se encontravam para nos ajudar, destacando-se o de Durrães pela sua longa experiência de arcipreste em Paredes de Coura, pelo seu fino trato e pelo seu temperamento calmo, desembaraçado e sempre serviçal e oportuno. O seu primeiro cuidado logo que chegou, com muita antecedência, foi visitar a igreja para verificar se tudo estava bem e no seu lugar e remediar qualquer falha ou esquecimento. Ao perceber que os ilustres Visitantes se aproximavam por caminhos diferentes, mandou repicar os sinos e deitar os primeiros foguetes em sua honra, mas também para nos avisar da sua chegada. Juntou e organizou imediatamente todo o povo e explicou-lhes que, contando com a sua vinda pela nova estrada, tinhamos ido ao seu encontro, a apresentar-lhes os nossos primeiros cumprimentos nos limites da nossa freguesia e acompanhá-los daí até ao local da recepção geral.

Apesar da longa caminhada a pé e da aspereza e dificuldades dos caminhos e carreiros e de todos os contratempos, Monsenhor Peixoto nunca mostrou o mínimo enfado. Já conhecia, estimava e admirava esta freguesia e o seu povo em tríduos de pregação. Também tinha sido o meu primeiro director espiritual no Seminário por quem nutri sempre o mais profundo respeito, veneração e gratidão. Por tudo isso e porque todos o considerávamos um grande santo, esta Visita Pastoral calou fundo em nossos corações.

SANTA MARIA GORETTI

A imagem desta santa de nossos dias foi adquirida para a nossa igreja paroquial pela menina D. Elisa Neiva da Silva Rosa, em nome das raparigas desta freguesia e com o seu concurso, por um peditório com esse destino. Só é pena não ser de madeira, nem ter despertado grande devoção entre o povo desta freguesia, principalmente nas raparigas, que, por todas as razões, mas dum modo muito particular por ter sido, como elas, rapariga do campo, sujeita aos mesmos perigos, trabalhos e dificuldades, deviam tomá-la para seu especial modelo e desvelada protectora.

PINTURAS E DOURAMENTOS

Como vimos, todos os trabalhos de amplificação da igreja paroquial e e dos seus novos altares e retábulos ficaram prontos antes de 1890. Setenta anos depois, o seu douramento brunido começou a desmaiar e a pedir restauro.

ALTAR DAS ALMAS

Foi este o primeiro a beneficiar dessa renovação, não já com douramento brunido mas mordente, por iniciativa da respectiva confraria, especialmente do seu tesoureiro Joaquim António Pereira Miranda que, para isso e para a aquisição duma nova bandeira, de novas capas, fez um peditório na freguesia, vendeu um painel, usado antigamente como bandeira ou estandarte e outros objectos e ainda gastou alguns dinheiro do capital. O pior é que com essas pertenças da confraria, vendeu também algumas da igreja paroquial, como castiçais e um copo de libações, usado antigamente na comunhão dos fiéis.

A pintura e douramento deste altar das Almas que agradou plenamente a todos, despertou um desejo veemente e unânime de igual renovação em todos os outros.

ALTAR DA SENHORA DE LURDES

Como o seu retábulo, em forma de capela, era muito artístico e delicado, mas encerado, foi o primeiro que araiu as atenções gerais para essa nova reforma.

Certo dia os dois principais responsáveis pelas festas de N.ª Senhora de Lurdes e de Santo António, que há anos se fazem conjuntamente para serem maiores, me propuseram reduzi-las a duas missas cantadas e aplicar o restante à pintura e douramento desse altar e da sua imagem ou só uma das coisas, se não chegasse para tudo. Aprovei e louvei a sua iniciativa e até prometi cooperar com eles, como me pediram. Incumbiram-me logo de chamar o artista do Altar das Almas e tratar com ele esse trabalho. Quando chegou, mandei-lhes recado para comparecerem também e resolvermos o assunto a gosto de todos. Ambos mandaram dizer que não podiam vir e também não era preciso porque confiavam em mim para resolver como melhor entendesse. Comecei então a desconfiar da sua sinceridade e limitei-me a pedir três orçamentos. Um conforme o dinheiro que tinham em caixa e quaási chegava para a pintura e douramento do altar e um simples retoque na imagem. O segundo era de 2.200$00 para a pintura e douramento completos do altar e da imagem. O terceiro era de 2.400$00 para incluir também a pintura do sanefão do Arco Cruzeiro que, sem isso, desfeava muito o altar e a imagem. Este sanefão foi adquirido pelo meu antecessor, Sr. Abade Francisco Manuel da Silva no princípio deste século.

Terminando no sábado um trabalho perto de Barcelos, convinha ao artista começar o nosso na segunda-feira seguinte, com que concordei, embora

tivesse de partir nesse mesmo dia de manhã para retiro. Assim também proporcionava aos interessados uma boa oportunidade para discutirem e combinarem à sua vontade qualquer desses ou um outro orçamento diferente e fiscalizarem os trabalhos.

A seu pedido, expus, expliquei, aprovei e louvei no domingo anterior, às missas, a iniciativa desses festeiros e pedi-lhes que comparecessem na segunda-feira par combinarem com o artista, por eles indicado e preferido, como melhor entendessem, porque eu estaria ausente durante toda a semana.

Quando voltei no sábado à tarde, já o artista tinha retirado e só na segunda-feira soube por ele que, não aparecendo ninguém durante toda a semana, fez como julgou melhor. Feito o trabalho, mandei-os chamar novamente para a sua verificação e pagamento. Nenhum deles compareceu nem mandou dinheiro algum. Soube depois que o Juiz de Santo António tinha entregado todas as esmolas em seu poder ao Juiz da Senhora de Lurdes e insistiu com ele para entregar todo o dinheiro recebido. Ele, porém recusou-se, alegando que primeiro faria as festas e só depois entregaria as sobras.

Para salvar a honra e o bom nome da freguesia, paguei ao artista 1.400$00 e pedi-lhe que esperasse pelos 1.000$00 restantes, mas no domingo seguinte denunciei e censurei o seu péssimo procedimento. Só passado muito tempo, o Juiz de Santo António conseguiu receber 1.865$00, segundo ele, o total das esmolas recebidas e entregá-las a minhas irmãs. Fiquei ainda com mais de quinhentos escudos da dívida sobre mim. Valeram-mealguns rapazes, pobres trabalhadores, que espontâneamente se ofereceram e organizaram para celebrarem com grande brilhantismo as duas festas e saldarem a dívida. Muitas vezes o mal está onde não se suspeita e o bem procede donde menos se espera. Só com receio de esquecer algum e assim melindrar alguém, omito os seus nomes, mas quero testemunhar-lhes aqui a todos a minha admiração e reconhecimento.

ALTAR DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Por iniciativa do Sr. Diamantino Esteves Baptista, em nome dos rapazes desta freguesia e com o seu concurso e um peditório, também este altar e o seu retábulo, em forma de capela, à semelhança do da Senhora de Lurdes, foram inteiramente renovados, com igual pintura e douramento. Aproveitando dois objectos antigos que estavam arrumados, também pintaram e douraram o púlpito, dando-lhe um novo aspecto mais vistoso e agradável. Muito lhes facilitaram esses trabalhos as famílias Baptista do Souto e a família Rosas de Armel, dando de comer aos artistas.

BODAS PAROQUIAIS EM 25 DE JUNHO DE 1953

Por iniciativa dos Sr. Francisco da Silva Rosa e de sua esposa Sr.ª D. Maria da Glória Gonçalves Barreto Neiva, festejaram-se com grande entusiasmo

e brilhantismo as minhas Bodas Paroquiais de Prata no dia de Sant'Iago, nosso Santo Padroeiro. A pedido de alguns e como prova da minha gratidão, prometi nesse dia fazer a Visita Pascal com as duas cruzes sempre que pudesse conseguir para isso um sacerdote ou seminarista, mas sem compromisso algum para o meu sucessor porque é um direito paroquial e por isso depende inteiramente do pároco e de mais ninguém.

Mas essa minha concessão não desarmou o grupelho oposicionista que só se servia disso para acender e atear o fogo do ódio e da revolta contra o seu pároco. A esse respeitoapraz-me louvar e agradecer aqui a todos que cumpriram sempre e da mesma forma, sem olhar a insinuações maldosas e, graças a Deus, posso garantir que foi a quási totalidade. Houve no entanto um ou outro, principalmente entre os juízes e mordomos, obrigados, pelo seu próprio múnus, a fazerem parte do compasso pascal e a deitarem alguns foguetes ao sair e ao recolher na igreja e ao receber-nos em suas casas dum modo extraordinário, que algumas vezes fraquejaram sob essa falsa capa, mas mais por espírito de mesquinhez, sem se importarem de colocar mal a sua freguesia perante as vizinhas. Um ainda foi mais longe, consentindo que os três foguetes, destinados ao recolher à igreja, fossem vendidos a um oposicionista, para serem queimados no dia seguinte por afronta e escarneo ao seu pároco. Foi o próprio mordomo que mo segredou antes de chegarmos àigreja, mostrand-se hipòcritamente muito penalizado com isso.

«Olhe o que me havia de acontecer! O encarregado de guardas e deitar agora os foõuetes, vendeu-os por 150$00, julgando que fazia bem, porque foi por mais do dobro do seu valor, mas eu antes queria perder um conto de reis».

Percebendo bem toda a sua matreirice, respondi-lhe, depois de pensar maduramente: Não vale a pena afligir-se, nem é preciso tanto para reparar todo o mal. Basta que me entregue o fruto vil dessa afronta para eu o aplicar no que melhor entender.

— Ai isso é que não faço! O dinheiro pertence-me, porque os foguetes eram meus.

Que contra-censo!... Que baixeza!... Que indignidade!...

Os foguetes, destinados à recolha da cruz e para isso recebeu os respectivos folares, eram dele!... O preço duma afronta ao pároco e foi ele próprio a confessar que para isso foram vendidos por mais do dobro do seu valor, pertence-lhe!... Antes queria perder um conto de reis do que acontecer-lhe tal coisa e recusa-se a entregar os cento e cinquenta escudos, preço nojento desse negócio escandaloso que devia sujar-lhe as mãos e escaldar-lhe a consciência para sempre!...

De facto, era-lhe melhor perder um conto de reis ou até mais, porque teve de ser castigado, como merecia.

Pois, meu amigo, ou me entrega os 150$00 para serem aplicados, em reparação da afronta, naquilo que eu melhor entender para a igreja, ou fica excluído de todo o serviço nesta igreja, enquanto eu for pároco dela.

biblioteca
municipal
barcelos
27880
Memórias de Cossourado